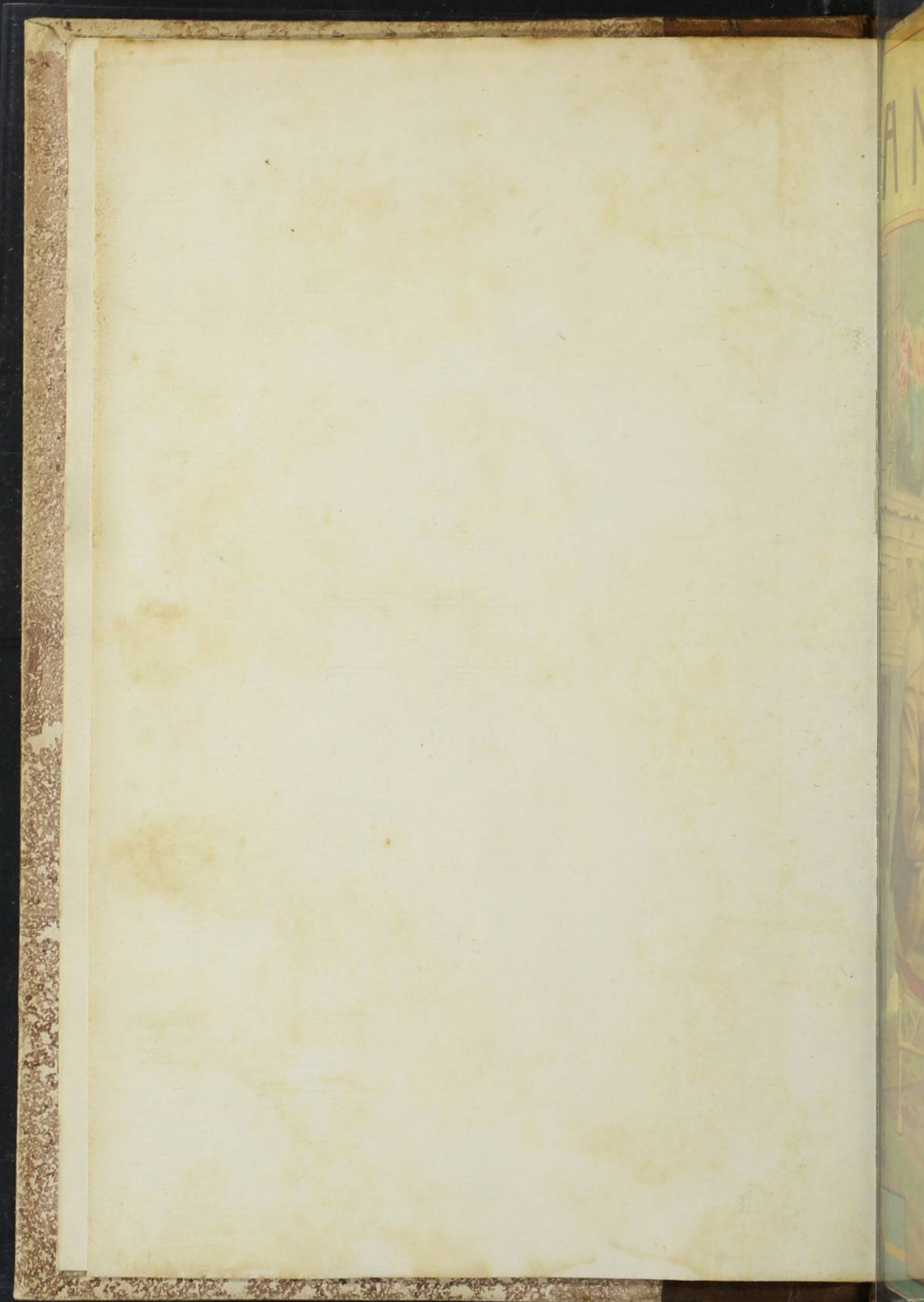


C-16

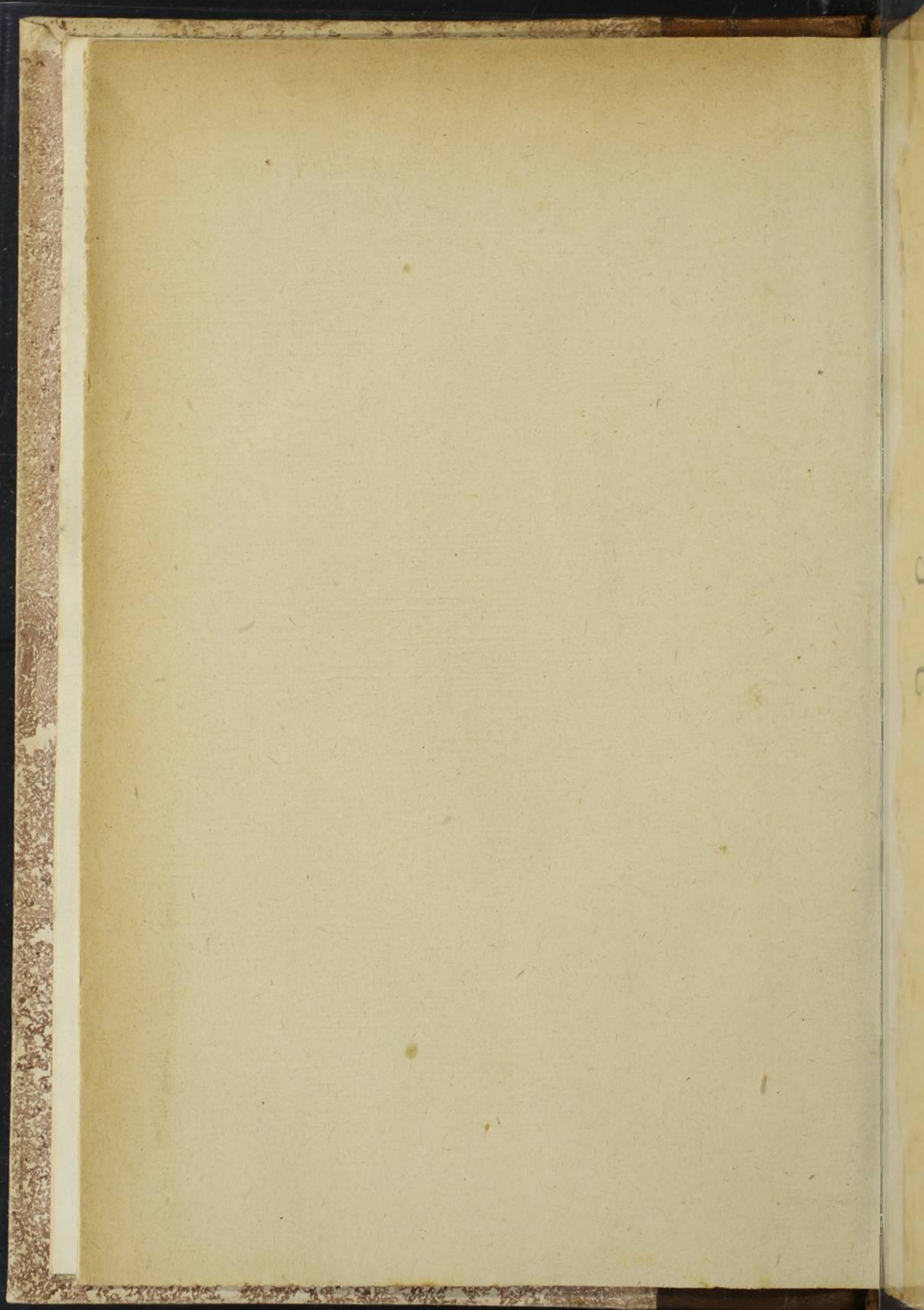
353



Dr. JOAQUIM MANOEL de MACEDO

A MORENINHA





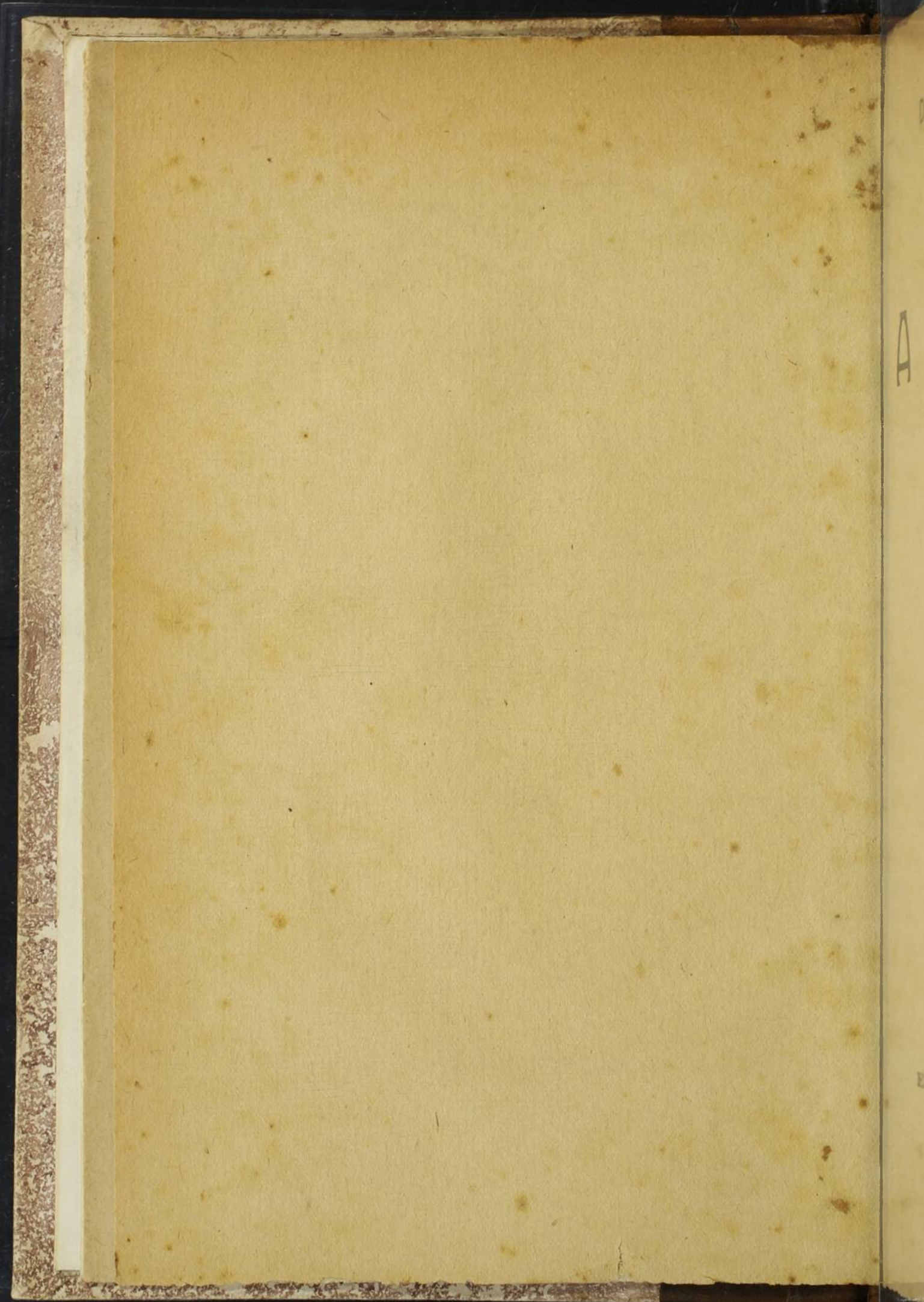
M. Alves

A MORENINHA

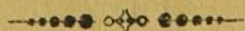
COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA

*** DE MANUEL LUCAS TORRES

RUA DIABIO DE NOTICIAS, 93 ***

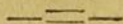


Dr. Joaquim Manoel de Macedo



A MORENINHA

Nova edição correcta



ORNADA COM GRAVURAS



Empreza de Edições Illustradas

LISBOA

Es a
a dar o
nemum
res vien
tense -
vota e
de elle
de sua
ão pela
peito do
a luz:
toso de
ma sala
que por
simente
feliz
Eixo da
tro lá
ras, e em
Dir-me-



DUAS PALAVRAS

Eis ahi vão algumas paginas escriptas, ás quaes me atrevi a dar o nome de — *Romance*. — Não foi elle movido por nenhuma d'essas tres poderosas inspirações, que tantas vezes soem aparar as pennas dos auctores, — gloria, amor, e interesse: — d'este ultimo estou eu bem a coberto com meus vinte e tres annos de idade, que não é na juventude que pôde elle dirigir o homem; a gloria, só se andasse ella caída de suas alturas, rojando as azas quebradas, me lembraria eu, tão pela terra que rastejo, de pretender ir apanhal-a; a respeito do amor não falemos, pois se me estivesse o buliçoso a fazer coegas no coração, bem sabia eu que mais proveitoso me seria gastar meia duzia de semanas aprendendo n'uma sala de dança, do que velar trinta noites garatujando o que por ahi vai. Este pequeno romance deve sua existencia sómente aos dias de desfado e folga, que passei no bello Itaborahy, durante as ferias do anno passado. Longe do bulicio da Côrte, e quasi em ocio, a minha imaginação assentou lá comsigo que bom ensejo era esse de fazer travessuras, e em resultado d'ellas saiu — a Moreninha.

Dir-me-hão que o ser a minha imaginação traquinas não é

um motivo plausivel para vir eu maçar a paciencia dos leitores com uma composição balda de merecimento, e cheia de irregularidades e defeitos; mas o que querem? quem escreve olha a sua obra como seu filho, e todo o mundo sabe que o pai acha sempre graças e bondades na querida prole.

Do que vem dito concluir-se-ha que a Moreninha é minha filha: exactamente assim penso eu. Póde ser que me accusem por não tel-a conservado debaixo de minhas vistas por mais tempo, para corrigir suas imperfeições. Esse era o meu primeiro intento: a Moreninha não é a unica filha que possúo; tem tres irmãos, que pretendo educar com esmero; o mesmo faria a ella; porem esta menina saiu tão travessa, tão impertinente, que não pude mais soffrel-a no seu berço de carteira, e para ver-me livre d'ella venho deposital-a nas mãos do Publico, de cuja benignidade e paciencia tenho ouvido grandes elogios.

Eu pois conto que, não esquecendo a fama antiga, o Publico a receba, lhe perdôe seus senões, máus modos, e leviandades. É uma criança, que terá, quando muito, seis mezes de idade; merece a compaixão que por ella imploro; mas, se lhe notarem graves defeitos de educação, que provenham da ignorancia do pai, rogo que não os deixem passar por alto, accusem-os; que d'ahi tirarei eu muito proveito, criando e educando melhor os irmãosinhos, que a Moreninha tem cá.

E tu, filha minha, vai com a benção paterna, e queira o Céu que ditosa sejas. Nem por seres traquinas te estimo menos; e como prova vou em despedida dar-te um precioso conselho: — Recebe, filha, com gratidão a critica do homem instruido; não chores, se com a unha marcarem o logar em que tiveres mais notavel senão; e quando te disserem que por este erro ou aquella falta não és boa menina, jamais te arrepies, antes agradece, e anima-te sempre com as palavras do velho poeta:

«Deixa-te reprehender de quem bem te ama,
«Que ou te aproveita, ou quer aproveitar-te.



A MORENINHA

I

Aposta imprudente

— Bravo! exclamou Filippe entrando, e despindo a casaca, que pendurou em um cabide velho; bravo! . . . interessante scena! mas certo que deshonrosa fôra para casa de um estudante de medicina, e já do sexto anno, a não valer-lhe o adagio antigo: O habito não faz o monge.

— Temos discurso! . . . attenção! . . . ordem! . . . gritaram a um tempo tres vozes.

— Cousa celebre! accrescentou Leopoldo, Filippe sempre se torna orador depois de jantar.

— E dá-lhe para fazer epigrammas, disse Fabricio.

— Naturalmente, accudiu Leopoldo, que, por dona da casa, maior quinhão houvera no cumprimento do recém-chegado; naturalmente Bocage, quando tomava carraspanas, descompunha os medicos.

— *C'est trop fort!* bocejou Augusto espreguiçando-se no canapé em que se achava deitado.

— Como quizerem, continuou Filippe pondo-se em habitos menores; mas por minha vida que a carraspana de hoje ainda me concede apreciar devidamente aqui o meu amigo Fabricio, que talvez acaba de chegar de alguma visita diplomatica, vestido com esmero e alinhado, porém tendo a cabeça encapuzada com a vermelha e velha carapuça de Leopoldo; este alli escondido dentro do seu *robe-de-chambre* côr de burro quando foge, e sentado em uma cadeira tão desconjuntada, que para não cair com ella, põe em acção todas as leis de equilibrio, que estudou em Pouillet; acolá emfim, o meu romantico Augusto em ceroulas com as fraldas á mostra, estirado em um canapé em tão bom uso, que ainda agora mesmo fez com que Leopoldo se lembrasse de Bocage¹. Oh!... VV. SS.^{as} tomam café?!... Alli o senhor descança a chicara azul em um pires de porcelana... aquelle tem uma chavena com bellos lavores dourados, mas o pires é côr de rosa... aquelle outro nem porcelana, nem lavores, nem côr azul ou de rosa, nem chicara... nem pires...; aquillo é uma tigella n'um prato...

— Carraspana!... carraspana!... gritaram os tres.

— Oh, moleque! proseguiu Filippe voltando-se para o corredor, traze-me café, ainda que seja no pucaro em que o côas; pois creio que, a não ser a falta de louça, já teu senhor m'o teria offerecido.

— Carraspana!... carraspana!...

— Sim, continuou elle, eu vejo que vocês...

— Carraspana!... carraspana!...

— Não sei de nós quem mostra...

— Carraspana!... carraspana!...

Seguiram-se alguns momentos de silencio: ficaram os quatro estudantes assim a modo de moças quando jogam o siso. Filippe não falava, por conhecer o proposito em que estavam

¹ Allude ao tão conhecido epigramma de Bocage:

«Quando a velha antiguidade
«Por estas casas entrou,
«Disse áquelle canapé:
«Sua benção meu avô.

os tres de lhe não deixar concluir uma só proposição ; e estes, porque esperavam vel-o abrir a bocca para gritar-lhe : carraspana !

Emfim, foi ainda Filippe o primeiro que falou, exclamando de repente :

— Paz ! paz ! . . .

— Ah ! já ? . . . disse Leopoldo, que era o mais influido.

— Filippe é como o gallego, disse um outro ; perderia tudo para não guardar silencio uma hora.

— Está bem, o passado, passado : protesto não falar mais nunca na carapuça, nem nas cadeiras, nem no canapé, nem na louça de Leopoldo . . . Estão no caso . . . sim . . .

— Hein . . . olha, a carraspana . . .

— Basta : vamos a negocio mais sério. Onde vão vocês passar o dia de St.^a Anna.

— Porque ? . . . temos patuscada ? . . . accudiu Leopoldo.

— Minha avó chama-se Anna.

— *Ergo* ? . . .

— Estou habilitado para convidal-os a vir passar a vespera e dia de St.^a Anna comnosco na ilha de . . .

— Eu vou, disse promptamente Leopoldo.

— E dous, accudiu logo Fabricio.

Augusto só guardou silencio.

— E tu, Augusto ? . . . perguntou Filippe.

— Eu ? . . . eu não conheço tua avó.

— Ora sou seu criado ; tambem eu não a conheço, disse Fabricio.

— Nem eu, accrescentou Leopoldo.

— Não conhecem a avó ; mas conhecem o neto, disse Filippe.

— E demais, tornou Fabricio, palavra de honra, que nenhum de nós tomará o trabalho de lá ir por causa da velha.

— Augusto, minha avó é a velha mais patusca do Rio de Janeiro.

— Sim ? . . . que idade tem ?

— Sessenta annos.

— Está fresquinha ainda . . . Ora . . . se um de nós a enfeitça e se faz avô de Filippe ! . . .

— E ella que possue talvez seus duzentos mil cruzados, não é assim, Philippe? . Olha, se é assim, e tua avó se lembrasse de querer casar commigo, disse Fabricio, juro que mais depressa daria o meu "Recebo a vós," aos cobres da velha do que a qualquer das nossas "toma-larguras," da moda.

— Por quem são, deixem minha avó, e tratemos da patiscada. Então tu vaes, Augusto?

— Não.

— É uma bonita ilha.

— Não duvido.

— Reuniremos uma sociedade pouco numerosa, mas bem escolhida.

— Melhor para vocês.

— No domingo á noite teremos um baile.

— Estimo que se divirtam.

— Minhas primas vão.

— Não as conheço.

— São bonitas.

— Que me importa? . . . Deixem-me. Vocês sabem o meu fraco, e caem-me logo com elle: moças! . . moças! . . Confesso que dou o cavaco por ellas; mas as moças me têm posto velho.

— É porque elle não conhece tuas primas, disse Fabricio.

— Ora . . o que poderão ser senão demoninhas, como são todas as outras moças bonitas?

— Então tuas primas são gentis? . . . perguntou Leopoldo a Philippe.

— A mais velha, respondeu este, tem dezeseite annos, chama-se Joanna, tem cabellos negros, bellos olhos da mesma côr, e é pallida.

— Hein? . . . exclamou Augusto, pondo-se de um pulo duas braças longe do canapé onde estava deitado: então ella é pallida? . . .

— A mais moça tem um anno de menos: loura, de olhos azues, faces côr de rosa . . . seio de alabastro . . dentes . . .

— Como se chama?

— Joaquina.

— Ai, meus peccados! . . . disse Augusto.

— Vejam como Augusto já está enternecido . . .

— Mas Philippe, tu já me disseste que tinhas uma irmã.

— Sim: é uma moreninha de quatorze annos.

— Moreninha! diabo! . . . exclamou outra vez Augusto, dando novo pulo.

— Está sabido . . . Augusto não relaxa a patuscada.

— É que este anno já tenho pagodeado meu *quantum satis*; e, assim como vocês, tambem eu quero andar em dia com alguns senhores com quem nos é muito preciso estar de contas justas no mez de novembro.

— Mas a pallida? . . . a loura? . . . a moreninha? . . .

— Que interessante terceto! exclamou com tom theatral Augusto; que collecção de bellos typos! . . . uma joven de dezeseite annos, pallida . . . romantica, e portanto sublime; uma outra loura . . . de olhos azues . . . faces côr de rosa . . . e . . . não . . . sei que mais; emfim, classica, e por isso bella.

— Por ultimo, uma terceira de quatorze annos . . . moreninha, que ou seja romantica ou classica, prosaica ou poetica, ingenua ou mysteriosa, ha de por força ser interessante, travessa e engraçada; e por consequencia qualquer das tres, ou todas ao mesmo tempo, muito capazes de fazer de minha alma peteca, de meu coração petorra! . . . — Está tratado . . . não ha remedio . . . Philippe, vou visitar tua avó. Sim, é melhor passar os dois dias estudando alegremente n'esses tres interessantes volumes da grande obra da natureza, do que gastar as horas, por exemplo, sobre um celebre Velpeau, que só elle faz por sua conta e risco mais citações em cada pagina do que todos os meirinhos reunidos fizeram, fazem e hão de fazer pelo mundo.

— Bella consequencia! É raciocinio o teu que faria inveja a um caloiro, disse Fabricio.

— Bem raciocinado . . . não tem duvida, accudiu Philippe; então conto contigo, Augusto.

— Dou-te palavra . . . e mesmo porque eu devo visitar tua avó.

— Sim . . . Já sei . . . isso dirás tu a ella.

— Mas vocês não têm reparado que Fabricio tornou-se amuado e pensativo, desde que se falou nas primas de Philippe? . . .

— Disseram-me que elle anda enrabixado com minha prima Joanninha.

— A pallida? . . . pois eu já me vou dispondo a fazer meu pé de alferes com a loura.

— E tu, Augusto, quererás por ventura requestar minha irmã? . . .

— É possível.

— E de qual gostarás mais, da pallida, da loura ou da moreninha! . . .

— Creio que gostarei principalmente de todas.

— Eil-o ahi com sua mania.

— Augusto é incorrigivel.

— Não; é romantico.

— Nem uma cousa nem outra; é um grandissimo velhaco.

— Não diz o que sente.

— Não sente o que diz.

— Faz mais do que isso, pois diz o que não sente.

— O que quizerem; serei incorrigivel, romantico ou velhaco, não digo o que sinto, não sinto o que digo, ou mesmo digo o que não sinto: sou emfim máu e perigoso, e vós innocentes e anjinhos. Todavia, eu a ninguem escondo os sentimentos que ainda ha pouco mostrei: em toda a parte confesso que sou voluvel, inconstante e incapaz de amar tres dias um mesmo objecto; verdade seja que nada ha mais facil do que me ouvirem um "Eu vos amo,"; mas tambem a nenhuma pedi ainda que me desse fé; pelo contrario digo a todas o como sou, e se, apesar de tal, sua vaidade é tanta que se supponham inesqueciveis, a culpa certo que não é minha. Eis o que faço; e vós, meus caros amigos, que blasonais de firmeza de rochedo, vós juraes amor eterno cem vezes por anno a cem diversas bellezas. . . vós sois tanto ou ainda, mais inconstantes que eu, mas entre nós ha sempre uma grande differença:—vós enganaes e eu desengano; eu digo a verdade; e vós, meus senhores, mentis. . .

— Está romantico! . . . está romantico! . . . exclamaram os tres rindo ás gargalhadas.

— A alma que Deus me deu, continuou Augusto, é sensivel de mais para reter por muito tempo uma mesma impres-

são. Sou inconstante, mas sou feliz na minha inconstancia, porque, apaixonando-me tantas vezes, não chego nunca a amar uma vez,

— Oh! . . . oh! . . . que horror! . . . que horror!

— Sim! esse sentimento que voto ás vezes a dez jovens n'um só dia, ás vezes n'uma mesma hora, não é amor certamente. Por minha vida, interessantes senhores, meus pensamentos nunca têm dama; porque sempre têm damas; eu nunca amei . . . eu não amo ainda . . . eu não amarei jamais.

— Ah! . . . ah! . . . ah! . . . e como elle diz aquillo!

— Ou, se querem, precisarei melhor o meu programma sentimental, lá vai: Affirmo, meus senhores, que meu pensamento nunca se occupou, não se occupa, nem se ha de occupar de uma mesma moça quinze dias.

— E eu affirmo que segunda feira voltarás da ilha de . . . loucamente apaixonado de alguma de minhas primas.

— Póde bem succeder que de ambas.

— E que todo resto do anno lectivo passarás pela rua de . . . duas e tres vezes por dia, sómente com o fim de vel-a.

— Assevero que não.

— Assevero que sim.

— Quem? . . . eu? . . . eu mesmo passar duas e tres vezes por dia por uma só rua por causa de uma moça? . . . e para que? . . . para vel-a lançar-me olhos de ternura, ou sorrir-se brandamente quando eu para ella olhar, e depois fazer-me caretas ao lhe dar as costas? . . . para que ella chame as visinhas que lhe devem ajudar a chamar-me tolo, pateta, basbaque e namorado? . . . Não, minhas bellas senhoras da moda! eu vos conheço: amante apaixonado quando vos vejo, esqueço-me de vós duas horas depois de deixar-vos. Fóra d'isto, só queimarei o incenso da ironia no altar de vossa vaidade; fingirei obedecer a vossos caprichos, e sómente zombarei d'elles. Ah! . . . muitas vezes alguma de vós, quando me ouve dizer: "Sois encantadora," está dizendo comigo:

"Elle me adora", emquanto eu digo tambem commigo: "Que vaidosa!"

— Que vaidoso! . . . te digo eu, exclamou Philippe.

— Ora esta não é má!... Então vocês querem governar o meu coração?...

— Não; porém eu torno a affirmar que tu amarás uma de minhas primas todo o tempo que fôr da vontade d'ella.

— Que mimos de amor que são as primas d'este senhor!...

— Eu te mostrarei.

— Juro que não.

— Aposto que sim.

— Aposto que não.

— Papel e tinta: escreva-se a aposta.

— Mas tu me dás muita vantagem, e eu rejeitarei a menor. Tens apenas duas primas: é um numero de feiticeiras muito limitado. Não sejam só ellas as unicas magas que em teu favor invoques para me encantar: meus sentimentos offendem talvez a vaidade de todas as bellas; todas as bellas pois tenham o direito de te fazer ganhar a aposta, meu valente campeão do amor constante!

— Como quizeres; mas escreve...

— E quem perder?...

— Pagará a todos nós um almoço no Pharoux, disse Fabricio.

— Qual almoço! accudiu Leopoldo: pagará um camarote no primeiro dram; novo que representar o nosso João Caetano.

— Nem almoço, nem camarote, concluiu Filippe; se perderes, escreverás a historia da tua derrota; se ganhares, escreverei o triumpho da tua inconstancia.

— Bem, escrever-se-ha um romance; e um de nós dois, o infeliz, será o auctor.

Augusto escreveu primeira, segunda e terceira vez o termo da aposta; mas, depois de longa e vigorosa discussão, em que qualquer dos quatro falou duas vezes sobre a materia, uma para responder, e dez ou doze pela ordem; depois de se offerecerem quinze emendas e vinte artigos additivos, caiu tudo por grande maioria; e, entre bravos, apoiados e applausos, foi approvado, salva a redacção, o seguinte termo:

“No dia 20 de julho de 18... na sala parlamentar da

casa nº... da rua de... sendo testemunhas os estudantes Fabricio e Leopoldo, accordaram Filippe e Augusto, tambem estudantes, que se, até o dia 20 de Agosto do corrente anno, o segundo accordante tiver amado a uma só mulher durante quinze dias, ou mais, será obrigado a escrever um romance, em que tal acontecimento confesse; e no caso contrario, igual pena soffrerá o primeiro accordante. Sala parlamentar, 20 de Julho... de 18... Salva a redacção.”

Como testemunhas — Fabricio e Leopoldo.

Accordantes — Filippe e Augusto.

Eram oito horas da noite quando se levantou a sessão.

II

Fabricio em apuros

A scena que se passou teve logar n'uma segunda feira. Já lá se foram quatro dias: hoje é sexta-feira; ámanhã será sabbado, não um sabbado como outro qualquer, mas um sabbado vespera de St.^a Anna.

São dez horas da noite; os sinos tocaram a recolher. Augusto está só, sentado junto de sua mesa, tendo deante de seus olhos seis ou sete livros, papeis, pennas, e toda essa serie de cousas que compõem a familia do estudante.

É inutil descrever o quarto de um estudante: ahi nada se encontra de novo. Ao muito acharão uma estante onde elle guarda os seus livros; um cabide onde pendura a casaca; o moringue, o castiçal, a cama: uma até duas canastras de roupa; o chapéu, a bengala, e a bacia; a mesa onde escreve, e que só apresenta de recommendavel a gaveta cheia de papeis, de cartas de familia, de flôres e fitinhas mysteriosas: é pouco mais ou menos assim o quarto de Augusto.

Agora elle está só: ás sete horas, d'esse quarto saíram tres amigos, Filippe, Leopoldo e Fabricio. Trataram da viagem para a ilha de... no dia seguinte, e retiraram-se descontentes, porque Augusto não se quiz convencer de que

deveria dar um ponto na Clinica para ir com elles ao amanhecer. Augusto tinha respondido: Ora vivam! bem basta que eu faça gazeta na aula de Partos: não vou senão ás dez horas do dia.

E pois despediram-se amuados. Fabricio queria ainda demorar-se, e mesmo ficar com Augusto; mas Leopoldo e Philippe o levaram comsigo á força. Fabricio fez-se acompanhar do moleque que servia Augusto, porque, dizia elle, tinha um papel de importancia a mandar.

Eram dez horas da noite, e nada de moleque. Augusto via-se atormentado pela fome; e Raphael, o seu querido moleque, não apparecia... o bom Raphael, que era ao mesmo tempo o seu cosinheiro, limpa-botas, cabelleireiro, moço de recados e...e tudo mais, que as urgencias mandavam que elle fosse.

Com justa razão portanto estava cuidadoso Augusto, que de momento a momento exclamava: Vejam isto!... já tocou a recolher, e Raphael está ainda na rua! Se cae nas unhas de algum beleguim, não é de certo o sr. Fabricio quem ha de pagar as despesas da Casa de Correção... Pobre do Raphael! que cavaco não dará, quando lhe raparem os cabellos!

Mas n'este momento ouviu-se tropel na escada...

Era Raphael, que trazia uma carta de Fabricio, e que foi apromptar o chá emquanto Augusto lia a carta. Eil-a aqui: "Augusto. Demorei o Raphael, porque era longo o que tenho de escrever-te. Melhor seria que eu te falasse: porém bem viste as impertinencias de Philippe e Leopoldo. Felizmente, acabam de deixar-me. Que macistas!... Principiei por dizer-te que te vou pedir um favor do qual dependerá o meu prazer e socego na ilha de... Conto com a tua amizade, tanto mais que foram os teus principios que me levaram aos apuros em que agora me vejo; eis o caso.

"Tu sabes, Augusto, que concordando com algumas de tuas opiniões a respeito de amor, sempre entendi que uma namorada é traste tão essencial ao estudante como o chapéu com que se cobre, ou o livro em que estuda. Concordei mesmo algumas vezes em dar batalha a dois e tres castellos a um tempo; porém tu não ignoras que a semelhante respeito es-

tamos discordes no mais: tu és — ultra-romantico — e eu ultra-classico.

O meu systema era este :

1.º Não namorar moça de sobrado. D'aqui tirava eu dois proveitos; a saber: não pagava o moleque para me levar recados, e dava socegradamente, e a mercê das trevas, meus beijos por entre os postigos da janellas.

2.º Não requestar moça endinheirada. Assim eu não ia ao theatro para vel-a, nem aos bailes para com ella dançar, e poupava meus cobres.

3.º Fingir ciumes e ficar mal com a namorada em tempos de festas e barracas no campo. E por tal modo livrava-me de pagar doces, festas, e outras impertinencias.

“Estas eram as bases fundamentaes do meu systema.

“Ora tu te lembrarás que bradavas contra o meu proceder, como indigno da minha categoria de estudante; e apesar de me ajudares a comer saborosas empadas, quitutes apimentados e finos doces, com que as bellas pagavam por vezes minha assiduidade amantetica, tu exclamavas :

“ — Fabricio ! não convêm taes amores ao joven de letras e de espirito. O estudante deve considerar o amor como um excitante, que desperte e ateie as faculdades de sua alma : póde mesmo amar uma moça feia e estúpida, comtanto que a sua imaginação lh'a represente bella e espirituosa. Em amor, a imaginação é tudo: é ardendo em chammas, é elevado nas azas de seus delirios que o mancebo se faz poeta por amor.

“Eu então te respondia.

“ — Mas quando as chammas se apagam, e as azas dos delirios se desfazem, o poeta por amor não tem, como eu, nem quitutes nem empadas.

“ E tu me tornavas :

“ — É porque ainda não experimentaste o que nos prepara o que se chama — amor platonico — paixão romantica ! — Ainda não sentiste como é bello derramar-se a alma toda inteira de um joven na carta abrazadora que escreve á sua adorada, e receber em troco uma alma de moça derramada toda inteira em suas letras, que tantas mil vezes se beijam.

“Ora esses derramamentos de alma bastante me assustavam; porque eu me lembro que em Pathologia se trata mui seriamente dos derramamentos.

“Mas tu proseguias:

“— E depois como é sublime deitar-se o estudante no solitario leito, e ver-se acompanhado pela imagem da bella que lhe vela no pensamento, ou despertar no momento de ver-se em sonhos sorvendo-lhe nos labios voluptuosos beijos.

“Ainda estes argumentos me não convenciam sufficientemente, porque eu pensava: 1.º que essa imagem, que vela no pensamento não será a melhor companhia possivel para um estudante, principalmente quando ella lhe velasse, na vespera de alguma sabbatina; 2.º porque eu sempre acho muito mais apreciavel sorver os beijos voluptuosos por entre postigos de uma janella, do que sorvel-os em sonhos e acordar com agua na bocca; beijos por beijos, antes os reaes que os sonhados.

“Além d’isto, no teu systema nunca se fala em empadas, doces, petiscos, etc.; no meu elles apparecem; e tu apesar de romantico, nunca viraste as costas, nem fizeste má cara a esses despojos de minhas batalhas.

“Mas emfim, maldita curiosidade de rapaz! eu quiz experimentar — o amor platonico; — e dirigindo-me certa noite ao theatro de S. Pedro de Alcantara, disse entre mim: esta noite hei de entabolar um namoro romantico.

“Entabolei-o, sr. Augusto de uma figa; entabolei-o; e quer saber como?... Saí fóra do meu elemento, e espichei-me completamente. Estou em apuros,

“Eis o caso:

“N’essa noite fui para a superior; eu ia entabolar um namoro romantico; não podia ser de outro modo. Para ser tudo á romantica, consegui entrar antes de todos; fui o primeiro a sentar-me; ainda o lustre monstro não estava acceso, vi-o descer, e subir depois brilhante de luzes, vi se irem enchendo os camarotes; finalmente, eu, que tinha estado no vacuo, achei-me no mundo: o theatro estava cheio. Consultei com os meus botões como devia principiar; conclui que, para portar-me romanticamente, deveria namorar algu-

ma moça que estivesse na quarta ordem. Levantei os olhos, vi uma que olhava para o meu lado, e então pensei commigo mesmo: Seja aquella; não sei se é bonita ou feia; mas que importa? Um romantico não cura d'essas futilidades.

"Tirei pois da casaca o meu lenço branco para fingir que enxugava o suor, abanar-me, e enfim fazer todas essas maquinações, que eu ainda ignorava que estavam condemnadas pelo romantismo. Porém, oh infortunio! quando de novo olhei para o camarote, a moça se tinha voltado completamente para a tribuna: tossi, tomei tabaco, assoei-me, espirrei, e a pequena... nem caso; parecia que o negocio com ella não era. Começou a *ouverture*... nada; levantou-se o panno; ella voltou os olhos para a scena sem olhar para o meu lado. — Representou-se o acto... tempo perdido. Veiu o panno finalmente abaixo.

"Agora sim, começará o nosso telegrapho a trabalhar, disse eu commigo mesmo, erguendo-me para tornar-me mais saliente.

"Porém, nova desgraça! Mal me tinha levantado, quando a moça ergueu-se por sua vez, e retirou-se para dentro do camarote sem dizer porque, nem porque não.

"— Isto só pelo diabo!" exclamei eu involuntariamente, batendo com o pé com toda a força.

"— O senhor está doido? . . . — disse-me, gemendo e fazendo uma careta horrivel, o meu companheiro da esquerda.

"— Não tenho que lhe dar satisfações, respondi-lhe amuado.

"— Tem sim, senhor, retorquiu-me o sujeito empinando-se

"— Pois que lhe fiz eu então? . . . accudi eu alterando-me.

"— Acaba de pisar-me com a maior força no melhor callo do meu pé direito.

"— Oh! senhor: queira perdoar! . . .

"E dando mil desculpas ao homem, saí para fóra do theatro, pensando no meu amor.

"Confesso que deveria ter notado que a minha paixão co-

meçava debaixo de máus auspícios; mas a minha má fortuna ou melhor os teus máus conselhos me empurravam para deante com força de gigante.

“Sem pensar no que fazia, subi para os camarotes, e fui dar commigo no corredor da quarta ordem; passei junto do camarote de minhas attensões; era o n.º 3 (numero symbolico, cabalístico e fatal! repara que em tudo seguí o romantismo). A porta estava cerrada; fui ao fim do corredor, e voltei de novo: um pensamento exquisito e singular acabava de me brilhar na mente; abracei-me com elle.

“Eu tinha visto junto á porta n.º 3 um moleque com todas as apparencias de ser bellissimo — cravo da India. — Ora lembrava-me que n’esse camarote a minha querida era a unica que se achava vestida de branco, e pois eu podia muito bem mandar-lhe um recado pelo qual me fizesse conhecido. E pois avancei para o moleque.

“Ah! maldito creoulo: estava-lhe o todo dizendo o para que servia! ... Pinta na tua imaginação, Augusto, um creoulinho de 19 annos, todo vestido de branco, com uma cara mais negra e mais lustrosa do que um botim envernizado, tendo dois olhos bellos, grandes, vivissimos, e cuja esclerotica era branca como o papel em que te escrevo, com labios grossos e de nacar, occultando duas ordens de finos e claros dentes, que fariam inveja a uma Bahiana; dá-lhe a ligeireza, a inquietação e rapidez de movimentos de um macaco, e terás feito idéa d’esse diabo de azeviche, que se chama Tobias.

“Não me foi preciso chamal-o: bastou um movimento de olhos para que o Tobias viesse a mim rindo-se desavergonhadamente. Levei-o para um canto.

“— Tu pertences áquellas senhoras que estão no camarote a cuja porta te encostavas? ... perguntei.

“— Sim, senhor, me respondeu elle, e ellas moram na rua de .. n.º ... ao lado esquerdo de quem vae para cima.

“— E quem são? ...

“— São duas filhas de uma senhora viuva, que tambem ahi está e que se chama a Ill.^{ma} Sr.^a D. Luiza. O meu defuncto senhor era negociante, e o pai de minha senhora é padre.

“— Como se chama a senhora que está vestida de branco?

“— A Sr.^a D. Joanna : tem 17 annos, e morre por casar.

“— Quem te disse isso ? . . .

“— Pelos olhos se conhece quem tem lombrigas, meu senhor.

“— Como te chamas ?

“— Tobias, escravo de meu senhor, creoulo de qualidades, fiel como um cão, e vivo como um gato.

“O maldito do creoulo era um classico a falar portuguez.

“Eu continuei.

“— Has-de levar um recado á Sr.^a D. Joanna.

“— Prompto, lesto e agudo, respondeu-me o moleque.

“— Pois toma sentido.

“— Não precisa dizer duas vezes.

“— Ouve. Das duas uma : ou poderás falar com ella hoje, ou só amanhã . . .

“— Hoje . . . agora mesmo. N'estas coisas Tobias não cochila : com licença de meu senhor, eu cá sou doutor n'isto; meus parceiros me chamam orelha de cesto, pé de coelho e bocca de taramela. Vá dizendo o que quizer, que em menos de dez minutos minha senhora sabe tudo ; o recado de meu senhor é uma carambola que, batendo no meu ouvido, vai logo bater no da senhora D. Joanninha.

“— Poi- dize-lhe que o moço que se sentar na ultima cadeira da 4.^a columna da superior, que assoar-se com um lenço de seda verde quando ella para elle olhar, se acha loucamente apaixonado de sua belleza, etc., etc., etc.

“— Sim, senhor ; eu já sei o que se diz n'essas occasiões: o discurso fica por minha conta.

“— E amanhã ao anoitecer espera-me na porta de tua casa.

“— Prompto, lesto e agudo, repetiu de novo o creoulo.

“— Eu recompensar-te-hei, se fores fiel.

“— Mais prompto, mais lesto e mais agudo.

“— Por agora toma estes cobres.

“— Oh, meu senhor! promptissimo, lestissimo e agudissimo.

“Ignoro de que meios se serviu o Tobias para executar a sua missão; o que sei é que antes de começar o 2.^o acto já

eu havia feito signal; e então comecei a pôr em acção toda a mimica amantetica que me lembrou: o namoro estava entabulado; embora a moça não correspondesse aos signaes do meu telegrapho, concedendo-me apenas amiudados e curiosos olhares; isso era já muito, para quem a via pela primeira vez.

“Finalmente, sr. Augusto dos meus peccados, o negocio adeantou-se, e hoje tarde me arrependo, e não sei como me me livre de semelhante entalattella, pois o Tobias não me sae da porta. Já não tenho tempo de exercer o meu classicismo; ha tres mezes que não como empadas, e apesar de minhas economias, ando sempre com as algibeiras a tocar matinas. Para maior martyrio, a minha querida é a Sr.^a D. Joanna. . . Prima de Filippe!

“Para comprehenderes bem o quanto soffro, aqui te escrevo algumas das principaes exigencias da minha amada romantica:

“1.^o Devo passar por defronte de sua casa duas vezes de manhã e duas de tarde. Aqui vêes bem, principia a minha vergonha; pois não ha pela vizinhança gordurento caixeirinho, que se não ria nas minhas barbas quatro vezes por dia.

“2.^o Devo escrever-lhe, pelo menos, quatro cartas por semana, em papel bordado, de custo de 400 rs. a folha. Ora isto é detestavel, porque eu não sei onde vá buscar mais cruzados para comprar papel, nem mais asneiras para lhe escrever.

“3.^o Devo tratá-la por “minha linda prima,” e ella a mim por “querido primo.” D’aqui concluo que a Sr.^a D. Joanna leu o Faublas. Boa recommendação! . . .

4.^o Devo ir ao theatro sempre que ella fôr, o que succede quatro vezes no mez; o mesmo a respeito de bailes. Esta despeza arrasa-me a mesada terrivelmente.

“5.^o Ao theatro e bailes devo levar no pescoço um lenço ou manta da côr da fita que ella porá em seu vestido, ou no cabello: o que com antecedencia me é participado. Isto é um despotismo detestavel! . . .

“Finalmente, ella quer governar os meus cabellos, as minhas barbas, a côr dos meus lenços, a minha casaca, a minha bengala, os botins que calço, e, por ultimo, ordenou-me

que não fumasse charutos de Havana nem de Manilha, por que era isso falta de patriotismo.

“Para bem rematar o quadro das desgraças que me sobrevieram com a tal paixão romantica que me aconselhaste, D. Joanna, dir-te-hei, mostra amar-me com extremo, e, no meio de seus caprichos de menina, dá-me provas do mais constante e desvelado amor; mas qu’importa isso, se eu não posso pagar-lhe com gratidão? . . . Vocês, com seu romantismo a que me não posso accommodar, a chamariam “pallida”. Eu, que sou classico em corpo e alma, e que por tanto dou ás cousas o seu verdadeiro nome, a chamarei sempre “amarella.”

“Malditos romanticos, que têm chrisnado tudo, e trocado em seu chrismar os nomes que melhor exprimem as idéas! . . . O que outr’ora se chamava em bom portuguez — moça feia — os reformadores dizem — menina sympathica. — O que n’uma moça era antigamente — desenxabimento — hoje é ao contrario — sublime languidez. — Já não ha mais — meninas importunas e vaidosas. — As que o foram chamam-se agora — espirituosas. — A escola dos romanticos reformou tudo isso em consideração ao bello sexo.

“E eu, apesar dos tratos que dou á minha imaginação, não posso deixar de convencer-me que a minha — linda prima — é (aqui para nós) amarella e feia como uma couvaescente de febres perniciosas.

“O que porém se torna sobretudo insoffrivel, é o despotismo que exerce sobre mim o bregeiro do Tobias! . . .

“Entende que todos os dias lhe devo dar dinheiro, e persegue-me de maneira tal que, paraver-me livre d’elle escorrego-lhe — *cum quibus* — a despeito da minha má vontade.

“Tobias está no caso de muitos, que, grandes e excellentes palradores, são pessimos financeiros na pratica. Como elles fazem ao paiz, faz Tobias commigo, que sempre depois de longo discurso me apresenta um — *deficit* — e pede-me um credito suplementar.

“Eis-aqui, meu Augusto, o lamentavel estado em que me acho. Lembra-te que foram os teus conselhos que me obri-

garam a experimentar uma paixão romantica; portanto, não só por amizade, como por dever, conto que me ajudarás no que te vou propor.

“Eu preciso de um pretexto mais ou menos razoavel para descartar-me da tal — pallida .

“Ella vai passar connosco dous dias na ilha de . . . Ahi podemos levar a effeito, e com facilidade, o meu plano: elle é de simples comprehensão e de facil execução.

“Tu deverás requestar, principalmente á minha vista, a tal minha querida. Ainda que ella não te corresponda, persegue-a. Não te custará muito isso, pois que é teu costume. N'isto se limita o trabalho, e começará então o meu, que é mais importante.

“Ver-me-has enfadado; talvez que te trate com rispidez, e que te dirija alguma — graça pesada. — Não farás caso, e continuarás com a requesta para deante.

“Eu então irei ás nuvens . . . Desesperado . . . ciumento e delirante, aproveitarei o primeiro instante em que estiver a sós com D. Joanninha, farei um discurso forte e eloquente contra a inconstancia e volubilidade das mulheres. No meio de meus transportes dou-me por despedido de meus amores com ella, e pulando fóra da tal paixão romantica, correrei a apertar-te contra meu peito, como teu amigo e collega do coração. — *Fabricio.*”

— E esta! . . . exclamou Augusto depondo a carta sobre a mesa, e sorvendo uma boa pitada de rapé de Lisboa. — E esta!

Acabando de sorver a pitada, o nosso estudante desatou a rir como um doido. Rir-se-hia a noite inteira talvez, se não fosse interrompido pelo Raphael, que o vinha chamar para tomar chá.

III

Manhã de sabado

Seriam pouco mais ou menos onze horas da manhã quando o batelão de Augusto abordou á ilha de . . . Embarcando ás

dez horas, elle designou ao seu palinuro o logar a que se destinava, e deitou-se para ler mais á vontade o *Jornal do Commercio*. Soprava vento tresco, e muito antes do que supunha, Augusto ergueu-se ouvindo a voz de Leopoldo que o esperava na praia.

— Bem vindo sejas, Augusto. Não sabes o que tens perdido.

— Então . . . muita gente, Leopoldo ? . . .

— Não : pouca ; mas escolhida.

No emtanto Augusto pagou, despediu o seu bateleiro, que se foi remando e cantando com seus companheiros. Leopoldo deu-lhe o braço ; e enquanto por uma bella avenida orlada de coqueiros se dirigiam á elegante casa, que lhes ficava a trinta braças do mar, o curioso estudante, recém-chegado, examinava o lindo quadro que a seus olhos tinha, e de que para não ser prolixo, daremos idéa em duas palavras.

A ilha de . . . é tão pittoresca como pequena. A casa da avó de Philippe occupa exactamente o centro d'ella. A avenida, por onde iam os estudantes, a divide em duas ametades, das quaes a que fica á esquerda de quem desembarca está symetricamente coberta de bellos arvoredos estimaveis ou pelos fructos de que se carregam, ou pelo aspecto curioso que offercem ; a que fica á mão direita é mais notavel ainda : fechada do lado do mar por uma longa fila de rochedos, e no interior da ilha por negras grades de ferro, está adornada de mil flôres sempre brilhantes e viçosas, graças á eterna primavera d'esta nossa boa terra de Santa-Cruz. De tudo isto se conclue que a avó de Philippe tem do lado direito de sua casa um pomar e do esquerdo um jardim.

E fizemos muito bem em concluir depressa, porque Philippe acaba de receber Augusto com todas as demonstrações de sincero prazer, e o faz entrar immediatamente para a sala.

Agora, outras duas palavras sobre a casa : imagine-se uma elegante sala de cincoenta palmos em quadro ; aos lados d'ella dous gabinetes proporcionalmente espaçosos, dos quaes um, o do lado esquerdo, pelos aromas que exhala, espelhos que brilham, e um não sei que, que insinua, está dizendo que é gabinete de moças. Imagine-se mais, fazendo frente

para o mar, e em toda a extensão da sala e dos gabinetes, uma varanda terminada em arcos; no interior meia duzia de quartos; depois uma alegre e longa sala de jantar, com janelas e portas para o pomar e jardim, e ter-se-ha feito da casa a idéa que precisamos dar.

Pois bem; Augusto apresentou-se. A sala estava ornada com boa duzia de jovens interessantes: pareceu ao estudante um jardim cheio de flôres, ou o Céu semeado de estrellas. Verdade seja que, entre esses — orgulhos — da idade presente, havia tambem algumas rugosas representantes do tempo passado; porém isso ainda não lhe sancionava a propriedade da comparação porque ha muitas rosas murchas nos jardins e estrellas quasi obscuras no firmamento.

Filippe apresentou o seu amigo á sua digna avó, e todas as outras pessoas que ali se achavam. Não ha remedio senão dizer alguma cousa sobre ellas.

A Sra. D. Anna, é este o nome da avó de Philippe, é uma senhora de espirito e alguma instrucção. Em consideração a seus sessenta annos, ella dispensa tudo quanto se poderia dizer sobre o seu physico. Em summa, cheia de bondade e de agrado, ella recebe a todos com o sorriso nos labios: seu coração se póde talvez dizer o templo da amizade, cujo mais nobre altar é exclusivamente consagrado á querida neta, a irmã de Philippe; e ainda mais, seu affecto para com essa menina não se limita á doçura da amizade; vai ao ardor da paixão. Perdendo seus pais quando apenas contava oito annos, a innocente criança tinha, assim como Philippe, achado no seio da melhor das avós toda a ternura de sua extremosa mãe.

Ao lado da Sr.^a D. Anna, estavam duas jovens cujos nomes se advinharão facilmente: uma é — a pallida, — a outra — a loura — : são as primas de Philippe.

Ambas são bonitinhas; mas, para Augusto, dona Quinquina tem as feições mais regulares, achou-lhe mesmo muita harmonia nos cabellos louros, olhos azues e faces coradas confessando todavia que as negras madeixas e o rosto romantico de dona Joanninha fizeram-lhe uma brecha terrivel no coração.

Além d'estas, algumas outras senhoras ahi estavam, valendo bem a pena de se olhar para ellas meia hora sem pestanejar. Toda a difficuldade porém está em pintar aquella mocinha, que acaba de sentar-se pela sexta vez depois que Augusto entrou na sala: é a irmã de Philippe. Que beija-flor! Ha cinco minutos que Augusto entrou, e em tão curto espaço, já ella sentou-se em differentes cadeiras, desfolhou um lindo pendão de rosas, derramou no chapéu de Leopoldo mais de duas onças d'agua de Colonia de um vidro que estava sobre um dos aparadores, fez chorar uma criança, deu um beliscão em Philippe, e Augusto a surprehendeu fazendo-lhe caretas: travessa, inconsequente, e ás vezes engraçada; viva, curiosa, e em algumas occasiões impertinente. O nosso estudante não pôde dizer com precisão, nem o que ella é, nem o que não é: acha-a estouvada, caprichosa, e mesmo feia, e pretende tratá-la com seriedade e estudo para nem desgostar á dona da casa, nem se sujeitar a soffrer as impertinencias e travessuras que a todo o momento a vê praticar com os outros. Emfim, para acabar de uma vez esta já longa conta das senhoras que se achavam na sala, diremos que ahi se notavam tambem duas velhas amigas da dona da casa. Uma que só se entreteve, se entretem, e se ha de entreter em admirar a graça e encantos de duas filhas, que comsigo trouxera; e outra que pertence ao genero d'aquellas que nas sociedades agarram n'um pobre homem, sentam-n'o ao pé de si, e, maçando-o duas e tres horas com enfadonhas e interminaveis dissertações, finalmente o largam suppondo que lhe têm feito grande honra, e dado o maior prazer.

Quanto aos homens... Não vale a pena; vamos adeante.

Estas observações que aqui vamos offerecendo, fez tambem Augusto comsigo mesmo durante o tempo que gastou em endereçar seus cumprimentos, e dizer todas essas cousas muito banaes, e já muito sedições, mas que se dizem sempre de parte a parte com obrigado sorrir nos labios e indifferença no coração. Concluida essa verdadeira maçada, e reparando que todos tratavam de conversar para melhor passar as horas e esperar a do jantar, elle voltou o rosto com vistas de achar uma cadeira desoccupada junto d'alguma d'a-

quellas moças ; porém, ó moçina do pobre estudante ! ó intempestivo castigo dos seus maiores peccados ! . . . a segunda das duas velhas de quem ha pouco se tratou, estendeu a mão, e chamou-o, mostrando com o dedo carregado de aneis um logar livre junto d'ella.

Não havia remedio ; era preciso soffrer com olhos enxutos e o prazer na face o martyrio que se lhe offercia. Augusto sentou-se ao pé da Sr.^a D. Violante.

Ella lançou-lhe um olhar de bondade e protecção, e elle abaixou os olhos, porque os de D. Violante são terrivelmente feios, e os do estudante não se podem demorar por muito tempo sobre espelho de tal qualidade.

— Adivinho, disse ella com certo ar de ironia, que lhe está pesando de mais o sacrificio de perder alguns momentos conversando com uma velha.

— Oh, minha senhora ! respondeu o moço, as palavras de V. S. fazem grande injustiça a si propria, e a mim tambem: a mim porque me faz bem cheio de rudeza e máu gosto ; e a si, porque se um cego as ouvisse, certo que não faria idéa do vigor e da . . .

— Olhem como elle é lisongeiro ! . . . exclamou a velha, batendo levemente com o leque no hombro do estudante, acompanhando esta acção com uma terrivel olhadura, rindo-se com tão particular estudo, que mostrava dous unicos dentes que lhe restavam. Augusto olhou fixamente para ella e conheceu que na verdade se havia adeantado muito. D. Violante era horripelmente horrenda, e, com sessenta annos de idade, apresentava um carão capaz de desmamar a mais emperrada criança.

A conversa continuou por uma boa hora ; o tédio do estudante chegou a ponto de fazel-o arrepender-se de ter vindo á ilha de . . . Trez vezes tentou levantar-se ; mas D. Violante sempre tinha novas cousas a dizer : falou-lhe sobre a sua mocidade . . . seus pais, seus amores, seu tempo, seu finado marido, sua esterilidade, seus rendimentos, seu papagaio, e até suas gallinhas. Ah ! falou mais que um deputado da opposição, quando se discute o voto de graças. Finalmente parou um instante, talvez para respirar, começar novo ataque

de maçada: Augusto quiz aproveitar-se da intermittencia ; estava desesperado, e pela quarta vez ergueu-se.

— Com licença de V. S. . . .

— Nada! disse a velha detendo-o e apertando-lhe a mão : eu ainda tenho muito que dizer-lhe.

— Muito que dizer ? . . . balbuciou o estudante automaticamente, e deixando-se cair sobre a cadeira como fulminado por um raio.

— O senhor está incommodado ? . . . perguntou D. Violante com toda a ingenuidade.

— Eu . . . eu estou ás ordens de V. S.

— Ah ! vê-se que a sua delicadeza iguala a sua bondade, continuou ella com um accento meio assucarado e terno.

— Oh, castigo de meus peccados ! . . . pensou Augusto comsigo ; querem ver que a velha está namorada de mim ? !! e recuou sua cadeira meio palmo para longe da d'ella.

— Não fuja . . . proseguiu D. Violante arrastando por sua vez sua cadeira até encostal-a á do estudante; não fuja . . . eu quero dizer-lhe cousas que não é preciso que os outros ouçam.

— E então ? pensou de novo Augusto, fiz ou não uma galante conquista ! . . . — E suava suores frios.

— O senhor está no quinto anno de medicina ? . . .

— Sim, minha senhora.

— Já cura ?

— Não minha senhora.

— Pois eu desejava referir-lhe certos incommodos que soffro, para que o senhor me dissesse que molestia padeço, e que tratamento me convem.

— Mas minha senhora, eu ainda não sou medico, e só no caso de urgente necessidade me atreveria . . .

— Eu tenho inteira confiança no senhor : me parece que é o unico capaz de acertar com a minha enfermidade.

— Mas alli está um estudante do sexto anno . . .

— Eu quero o senhor mesmo.

— Pois, minha senhora, eu estou prompto para ouvil-a ! porém julgo que o tempo e o logar são pouco opportunos.

— Nada . . . ha de ser agora mesmo.

Ah ! . . . A boa da velha falou e tornou a fallar : eram

duas horas da tarde, e ella ainda dava conta de todos os seus costumes, de sua vida inteira ; emfim foi uma relação de commemorativos, como nunca mais ouvirá o nosso estudante. Ás vezes Augusto olhava para seus companheiros, e os via alegremente praticando com as bellas senhoras que abrihantavam a sala, enquanto elle se via obrigado a ouvir a mais insupportavel de todas as historias. D'aqui, e de certos phenomenos que accusava a macista, nasceu-lhe o desejo de tomar uma vingançasinha. Firme n'este proposito, esperou com paciencia que D. Violante fizesse ponto final, bem determinado a esmagal-a com o peso do seu diagnostico, e ainda mais com o tratamento que tencionava prescrever-lhe.

Ás duas horas e meia a oradora terminou o seu discurso dizendo :

— Agora quero que, com toda sinceridade, me diga se conhece a minha enfermidade e o que devo fazer.

— Então V. S. dá-me licença para falar com toda sinceridade ? . . .

— Eu o exijo.

— Pois minha senhora, attendendo a tudo quanto ouvi, e principalmente a esses ultimos incommodos, que tão a miudo soffre, e de que mais se queixa, como *tonteiras* — *dôres no ventre* — *calefrios* — *certas difficuldades* — *esse peso dos lombos, etc.*, concludo, e todo mundo medico concluirá commigo, que V. S. padece . . .

— Diga . . não tenha medo.

— Hemorrhoidas.

D. Violante fez-se vermelha como um pimentão : horrivel como a mais horrivel das furias, encarou o estudante com despeito, e fixando n'elle seus tristissimos olhos furta-côres, perguntou :

— O que foi que disse, senhor ? . . .

— Hemorrhoidas, minha senhora.

Ella soltou uma risada sarcastica.

— V. S. quer que lhe prescreva o tratamento conveniente ? . . .

— Menino, respondeu com máu humor, tome o meu conselho ; outro officio : o senhor não nasceu para medico.

— Sinto ter desmerecido o agrado de V. S. por tão insi-

gnificante motivo. Rogo-lhe que me desculpe ; mas eu julguei dever dizer o que entendia.

Isto dizendo, o estudante ergueu-se ; a velha já não fez o menor movimento para o demorar ; e vendo-o deixal-a, disse em tom prophético :

— Este não nasceu para a medicina !

Mas Augusto, afastando-se de D. Violante, dava graças ao poder de seu diagnostico, e augurava muito bem de seu futuro medico, pela grande victoria que acabava de alcançar.

— Agora sim, disse elle com os seus botões, vou recuperar o tempo perdido ; e procurava uma cadeira cuja visinhança lhe conviesse.

A digna hospede comprehendeu perfeitamente os desejos do estudante, pois, mostrando-lhe um logar junto de sua neta, disse :

— Aquella menina lhe poderá divertir alguns instantes.

— Mas, minha avó, exclamou a menina com promptidão, até o dia de hoje ainda não me suppuz boneca.

— Menina ! . . .

— Comtudo eu serei bem feliz se poder fazer com que o senhor . . . o senhor . . .

— Augusto, minha senhora.

— O sr. Augusto passe junto a mim momentos tão agradaveis como lhe foram as horas que gozou ao pé da Sr.^a D. Violante.

Augusto gostou da ironia : e já se dispunha a travar conversação com a menina travessa, quando Fabricio se chegou a elles, e disse a Augusto :

— Tu me deves dar uma palavra.

— Creio que não é preciso que seja immediatamente.

— Se a Sr.^a D. Carolina o permittisse, eu estimaria falar-te já.

— Por mim não seja . . . disse a menina erguendo-se.

— Não, minha senhora, eu o ouvirei mais tarde, accudiu Augusto querendo retel-a.

— Nada . . . não quero que o sr. Fabricio me olhe com máus olhos . . . Além de que, eu devo ir apressar o jantar ; pois leio no seu rosto que a conversação que teve com a

Sr.^a D. Violante, quando mais não desse, ao menos produziu-lhe muito appetite... mesmo um appetite de... de...

— Acabe.

— De estudante.

E, mal o disse, a travessa moreninha correu para fóra da sala.

IV

Falta de condescendencia

Fabricio acaba de commetter um grave erro, que para elle será de más consequencias. Quem pede, e quer ser servido deve medir bem o tempo, o lugar e as circumstancias, e Fabricio não soube conhecer que o tempo, o lugar e as circumstancias lhe eram completamente desfavoraveis. Vai exigir que Augusto o ajude a forjar cruel cilada contra uma joven de dezeseite annos, cujo delicto é ter sabido amar o ingrato com exagerado extremo. Ora, para conseguir semelhante torpeza, preciso seria que Fabricio aproveitasse um momento de loucura, um d'esses instantes de capricho e de delirio, em que Augusto pensasse que ferir a fibra mais sensivel e vibrante do coração da mulher, a fibra do amor, não é um crime, não é pelo menos louca e reprehensivel levianidade, e apenas perdoavel e interessante divertimento de rapazes; e n'essa hora não podia Augusto raciocinar tão indignamente. Ainda quando não houvesse n'elle muita generosidade, estava para desarmal-o o poder indizível da innocencia, o poderoso magnetismo de vinte annos bellos como o planeta do dia, a influencia captivadora da formosura em botão, da belleza virgem ainda, de um anjo enfim; porque é symbolo de um anjo a virgindade de uma joven bella.

Mas Fabricio olvidou tudo, e mal sem duvida terá de sair de seu empenho com tantas contrariedades; o tempo não lhe é propicio, porque Augusto começa a sentir todos os symptomas de appetite devorador. Ora um rapaz, e principalmente um estudante com fome se aborrece de tudo,

principalmente do que lhe cheira a maçada. O lugar não menos lhe era desfavoravel, porque diante de um ranchinho de bellas moças, quem poderá tramar contra o socego d'ellas? . . . Então Augusto, dos taes que por semelhante povo são como formiga por assucar, macaco por banana, criança por campainha . . . e elle tem razão ! Por ultimo, as circumstancias tambem contrariavam Fabricio, pois a Sr.^a D. Violante havia tido o poder de esgotar toda a elastica paciencia do pobre estudante, que não acharia nem mais uma só dose homœopathica d'esse tão necessario confortativo para despende com o novo macista.

Fabricio tomou pois o braço de Augusto, e ambos saíram da sala : este com vivos signaes de impaciencia, e o primeiro com ares de quem ia tratar importante negocio.

A innocente D. Joanninha os acompanhou com os olhos, e riu-se brandamente, encontrando os de Fabricio, que teve ainda bastante audacia para fingir um sorriso de gratidão.

Elles se dirigiram ao gabinete do lado direito da sala, o qual fôra destinado para os homens, e entrando fechou Fabricio a porta sobre si, para se achar em toda a liberdade. Emfim, estavam sós: voltados um para o outro, guardaram alguns momentos de silencio. Foi Augusto quem teve de rompel-o.

- Então, ficamos a jogar o sino? . . .
- Espero tua resposta, disse Fabricio.
- Ainda me não perguntaste nada, respondeu o outro
- A minha carta? . . .
- Eu a li . . . sim, tive a paciencia de lê-la toda.
- E então? . . .
- Então o que, homem? . . .
- A resposta.
- Aquillo não tem resposta.
- Ora deixa-te d'isso; vamos mangar com a moça.
- Tu estás doido, Fabricio.
- Por tua culpa, Augusto.
- Pois então? cuidas que o amor de uma senhora deva ser a peteca com que se divertam dois estudantes? . . .

— Quem é que te fala em peteca . . . Pelo contrario o que eu quero é desgrudar-me do fatal contrabando.

— Não, a pezar teu debes respeitar e cultivar o nobre sentimento que te liga a D. Joanninha. Que se diria do teu procedimento, se depois de trazeres uma moça toda cheia de amor e fé na tua constancia por espaço de tres mezes, a desprezasses sem a menor apparencia de razão, sem a mais pequena desculpa? . . .

— Então tu, com o teu systema de . . .

— Eu desengano: previno a todas que minhas paixões têm apenas horas de vida; e tu, como os outros, juras amor eterno.

— Estou desconhecendo-te, Augusto. Sempre te achei com juizo e bom conceito, e agora temo muito que estejas com principios de alienação mental! Explica-me, por quem és, que subito accesso de moralidade é esse que tanto te perturba.

— Isto, Fabricio, chama-se inspiração dos bons costumes.

— Bravo! bravo! foi muito bem respondido; mas palavra de honra que tenho dó de ti! Vejo que, em materias da natureza da de que tratamos, estás tão atrazado como eu em fazer sonetos. Apesar de todo o teu romantismo, ou talvez principalmente por causa d'elle, não vês o que se passa a duas pollegadas do nariz. Pois, meu amigo, quero-te dizer: a theoria do amor do nosso tempo applaude e aconselha o meu procedimento; tu verás que eu estou na regra, porque as moças têm ultimamente tomado por mote de todos os seus apaixonados extremos, ternos affectos, e gratos requerebros, estes tres infinitos de verbos—iscar—pescar—e casar. Ora bem vês que, para contrabalançar tão parlamentares e viciosas disposições, nós os rapazes não podiamos deixar de inscrever por divisa em nossos escudos os infinitos d'estes tres outros verbos — fingir — rir — e fugir. — Portanto, segue-se que estou encadernado nos axiomas da sciencia.

— Com effeito! não te suppunha tão adiantado!

— Pois que duvida? Para viver-se vida boa e livre, é preciso andar com olho aberto e pé ligeiro: então as taes sujeitinhas, que, com a facilidade e industria com que a aranha

prende a mosca na teia, são capazes de tecer de repente, com os olhares, sorrisos, palavrinhas doces, suspiros a tempo, me-deixes approximando-se, zelos affectados e arrufos com sal e pimenta, uma armadilha tão emmaranhada, que se o papagaio é tolo e não vâa logo, mette por força o pé no laço e adeus minhas encommendas, fica de gaiola para todo o resto de seus dias... E portanto, meu Augusto, deixa-te de insipidos escrupulos, e ajuda-me a sair dos apuros em que me vejo.

— Torno a dizer-te que estás doido, Fabricio, pois que me acreditas capaz de servir de instrumento para um enredo... uma verdadeira traição. Então que pensas?... Eu requestaria D. Joanninha, não é assim?... tu a deixavas fingindo ciumes; e depois, quem me livraria dos apertos em que necessariamente tinha de ficar?...

— Ora isso não te custava cinco minutos de trabalho: tu... inconstante por indole e por systema.

— Fabricio, deixa-te de asneiras; já que te metteste n'isso, avante! além de que, D. Joanninha é um peixão.

— Oh! oh! oh!... uma desenxabida...

— Que blasphemia!

— Além d'isso é impossivel... não posso supportar o peso: escrever quatro cartas por semana... isto só! o talento que é preciso para inventar asneiras e mentiras dezeseis vezes por mez! e depois o Tobias...

— Puxa-lhe as orelhas.

— Como... se elle é a cria de D. Joanninha, o alfenim da casa, o S. Benedicto da familia! ..

— Não sei, meu amigo; arranja-te como puderes.

— Lembra-te que foste a causa principal de tudo isso.

— Quem? eu?... eu apenas te disse que não sabias o gosto que tinha o amor á moderna.

— Pois bem; saí do meu elemento; fui experimentar a paixão romantica... ahi a tem!... a tal paixãozinha me esgotou já paciencia, juizo e dinheiro. Não a quero mais.

— Tu sempre foste um papa-empadas.

— Sim; e ha dois mezes que nem sei o que é cheiro d'ellas. Anda, meu Augustosinho, ajuda-me!

— Não posso, e não devo.

- Vê lá o que dizes!
 - Tenho dito.
 - Augusto!
 - Agora digo mais que não quero.
 - Olha que has de te arrepender!
 - Esta é melhor! . . . Pretendes metter-me medo? . . .
 - Eu sou capaz de vingar-me.
 - Desafio-te a isso.
 - Desacredito-te na opinião das moças.
 - É um meio de tornar-me objecto de suas atenções; peço-te que o faças.
 - Descubro e analyso o teu systema de illudir a todas.
 - Tornar-me-has interessante a seus olhos.
 - Direi que és um bandoleiro.
 - Melhor; ellas farão por tornar-me constante.
 - Mostrarei que a tua moral a respeito de amor é a peor possivel.
 - Optimo! . . . ellas se esforçarão por fazel-a boa.
 - Hei de n'estes dois dias atrapalhar-te continuamente.
 - Bravo! não contava divertir-me tanto.
 - Então tu teimas no teu proposito?
 - Pois se é precisamente agora que estou vendo os bons resultados que elle me promette!
 - Portanto estes dois dias, guerra!
 - Bravissimo, meu Fabricio; guerra!
 - Antecipo-te que meu primeiro ataque terá logar durante o jantar.
 - Oh! por milhares de razões tomára eu que chegasse a hora d'elle! . . .
 - Augusto até ao jantar!
 - Fabricio, até ao jantar!
- N'este momento Philippe abriu a porta do gabinete, e dirigindo-se aos dois disse:
- Vamos jantar.

V

Jantar conversado

Ao escutar-se aquelle aviso animador, que, repetido pela bocca de Philippe, tinha chegado até ao gabinete onde conversavam Augusto e Fabricio, raios de alegria brilhavam em todos os semblantes. Cada cavalheiro deu o braço a uma senhora, e par a par se dirigiram para a sala de jantar. Eram, entre senhoras e homens, vinte e seis pessoas.

Coube a Augusto a gloria de ficar entre D. Quinquina, que lhe dera a honra de aceitar seu braço direito, e uma joven de quinze annos, cuja cintura se podia abarcar completamente com as mãos: um velho allemão ficava á esquerda d'ella, e sem vaidade podia Augusto affirmar que D. Clementina prestava mais attenção a elle que ao jagodes, que tambem a falar a verdade, por seu turno mais se importava com o copo que com a moça.

D. Quinquina (como a chamam suas amigas) conversa sofrível e sentimentalmente: é meiga, terna, pudibunda, e mostra ser muito modesta: seu moral é bello e languido como seu rosto: um apurado observador, por mais que contra ella se dispuzesse, não passaria de classificar-a entre— as sonsas. — D. Clementina pertencia decididamente a outro genero: o que ella é lhe estão dizendo dois olhos vivos e perspicazes, um sorriso que lhe está tão assiduo nos labios como o copo de vinho nos do allemão. D. Clementina é um epigramma interminavel: não poupa a melhor de suas camaradas: sua vivacidade e espirito se empregam sempre em descobrir e patentear nas outras as melhores brechas para abatel-as na opinião dos homens, com quem pratica.

Durante as primeiras cobertas ella dissertou maravilhosamente ácerca de suas companheiras: maliciosa e picante, lançou sobre ellas o ridiculo que manejava, e os sorrisos de Augusto, que com destreza desafiava. As unicas que lhe haviam escapado eram D. Quinquina, provavelmente por ficar-

lhe muito vizinha: e a irmã de Philippe, que estava defronte, ou como é moda dizer, — *vis-à-vis*. — Augusto quiz provocar os tiros de D. Clementina contra aquella menina impertinente, que tão pouco lhe agradava.

— E que pensa V. S. d'esta joven senhora que está defronte de nós? (perguntou elle em voz baixa).

— Quem?... a Moreninha?... (respondeu ella no mesmo tom).

— Falo da irmã de Philippe, minha senhora.

— Sim. . . todas nós gostamos de chamal-a — a Moreninha — essa. . .

— Acabe D. Clementina! (disse a irmã de Philippe, que fingindo antes não prestar attenção ao que conversavam os dois, acabava de fixar de repente na terrivel chronista dois olhares penetrantes e irresistiveis).

Parecia que uma lucta interessante ia ter logar: as suas adversarias mostravam-se ambas fortes e decididas; porém D. Clementina para logo recuou, e como querendo não passar por vencida, sorriu-se maliciosamente, e apontando para a Moreninha, disse, affectando um accento gracejador:

— Ella é travessa como o beija-flor, innocente como uma boneca, faceira como o pavão, e curiosa como. . . uma mulher.

— Sim! (tornou-lhe D. Carolina). Preciso é que os ouvidos estejam bem abertos, e a attenção bem apurada, quando se está defronte de uma moça como D. Clementina, que sempre tem cousas tão engraçadas tão innocentes para dizer! . . . oh! minha camarada, juro-lhe que ninguem lhe eguala na habilidade de compor um mappa.

— Mas. . . D. Carolina. . . você deu o cavaco? . . .

— Oh! não, não. . . (continuou a menina com picante ironia) porém é facto que nenhuma de nós gosta de ser ofuscada com o esplendor de outra. Já basta de brilhar, D. Clementina; o sr. Augusto deve estar tão enfeitiçado com o seu espirito e talento, que de certo não poderá toda esta tarde e noite olhar para nós outras sem compaixão ou desgosto; portanto já basta. . . senão por si, ao menos por nós.

A chronista fez-se côr de nacar, e a sua adversaria, imitan-

do-a na malicia do sorriso e no accento gracejador, proseguuiu ainda:

— Mas ninguem conclua d'aqui que por offuscada perco o amor que tinha ao astro que me offuscou: — bella rosa do jardim! teus espinhos feriram a borboleta, mas nem por isso deixarás de ser beijada por ella.

E assim dizendo, a Moreninha estendeu e apinhou os dedos de sua mão direita, fez estalar um beijo no centro do bello grupo que elles formaram, e enfim executou com o braço um movimento, como se atirasse o beijo sobre D. Clementina.

— Oh! (disse Augusto consigo mesmo) a tal menina travessa não é tão tola como me pareceu ainda ha pouco.

E desde então começou o nosso estudante a demorar seus olhares n'aquelle rosto, que com tanta injustiça taxára de irregular e feio. Prevenido contra D. Carolina por havel-a surprehendido fazendo-lhe uma careta, o tal sr. Augusto, com toda a impafia de um — semi-doutor — decidiu magistralmente que a moça tinha todos os defeitos possiveis; coitadinho!... espichou-se tão completamente, que agora mesmo já está pensando com os seus botões — ella não será bonita...; porém feia?... isso é de mais.

— Chegou muito tarde á ilha... (balbuciou D. Quinquina, como quem desejava travar conversação com Augusto).

— Pensa devéras isso, minha senhora?!... (respondeu este, pregando n'ella um olhar de quem está pedindo um — sim —)

— Penso... (disse a moça enrubecendo).

— Pois é precisamente agora que eu reconheço ter chegado muito tarde, ou pelo contrario talvez cedo de mais.

— Cedo de mais?...

— Certamente: não se chegará sempre cedo de mais onde se corre algum risco?...

— Aqui portanto...

— N'este logar portanto (continuou o estudante voltando os olhos por todas as senhoras, e apontando depois para D. Quinquina), e aqui principalmente, floresce e brilha o prazer; mas perde-se tambem a liberdade de um mancebo!

Os dois foram interrompidos para corresponder a uma longa e interminavel collecção de brindes que o allemão principiou

a desenrolar e com tanta frequencia e tão pouca fertilidade, que só a sr.^a D. Anna teve por sua saude de vel-o beber seis vezes.

Emfim cedeu um pouco a tormenta, e D. Quinquina, que havia gostado do que lhe dissera o estudante, continuou:

— Não quiz vir com seus collegas ?

— Eu gosto de andar só, minha senhora.

— Sempre, é má e triste a solidão.

— Mas ás vezes tambem a sociedade se torna insupportavel !. . . por exemplo depois de amanhã . . .

— Depois de amanhã ? (repetiu ella, sorrindo-se) depois de amanhã o que ?

— Minha senhora, ouvidos que escutaram accordes sons da harpa sonora, vibrada por ligeira mão de formosa donzella, dóem-se de ouvir o toque inqualificavel da viola desafinada da rude saloia.

— Eu não o comprehendo bem . . .

— Quem respirou o ar embalsamado dos jardins, o aroma das rosas, os effluvios da angelica, se incommoda, se exaspera ao respirar logo depois a atmospherá grave e carregada de miasmas de um hospital.

— Ainda não entendi.

— Pois juro, minha senhora, que d'esta vez me ha de comprehender perfeitamente. Digo que, vendo eu hoje dois olhos que por sua côr e brilho se assemelham a dois bellos astros de luz, scintillando em céus do mais puro azul ; que, escutando uma voz tão doce como serão as melodias dos anjos ; que emfim, respirando junto de alguem cujo bafô é um perfume de delicias, depois de amanhã preferirei não vêr, não ouvir, e não cheirar cousa alguma, a vêr os olhos pardos e encovados alli do meu amigo Leopoldo, a ouvir a voz de taboca rachada do meu collega Philippe, e a respirar a fumaça dos charutos de meu companheiro Fabricio.

— Ah !. . . (exclamou outra vez inesperadamente D. Carolina) eu creio que D. Quinquina terá finalmente comprehendido o que o sr. Augusto tanto se empenha em lhe explicar.

— Minha prima (atreveu-se a dizer a ingenua, modesta, medrosa e muito sonsa D. Quinquina) minha prima, você o teria comprehendido no primeiro instante ; não é assim ? . . .

— Certamente (respondeu a mocinha, sem perturbar-se) : o sr. Augusto, além de falar com habilidade e fogo, pôz em acção tres sentidos : o que poderia tambem succeder era que, como algumas costumam fazer, eu fingisse não comprehendel-o logo para dar logar a mais vivas finezas, até que elle, de fatigado, dissesse tudo, sem figuras e flôres de eloquencia. . . Ora isso quasi que aconteceu ; porque os olhos, os ouvidos e o nariz do sr. Augusto hão de estar certamente cançados de tão excessivo trabalho !

— Minha senhora ! . .

— Por desdita d'elle não houve occasião de pôr em campo um outro sentido ; o gosto ficou em inacção, bem contra a sua vontade ; não é assim, sr. Augusto ? . . .

— Minha prima, todos olham para nós . . .

— A respeito do tacto, não direi palavra (continuou a terrivel Moreninha) ; porque, se as mãos do sr. Augusto conservaram-se em justa posição, quem sabe os transes por que passariam os pés de minha prima ? . . . Os srs. estão tão juntinhos que com facilidade e sem risco se podem tocar por baixo da mesa.

— Menina ! (exclamou a sr.^a D. Anna, com accento de reprehensão).

— Minha senhora, consinta que ella continue a gracejar (disse Augusto meio-aturdido), além de me dar a honra de tomar-me por objecto de seus gracejos, dá-me tambem o prazer de apreciar e admirar seu espirito e agudeza.

— Agradecida ! muito agradecida ! (tornou o diabinho da menina, rindo-se com a melhor vontade) eu cá não custo tanto a comprehendel-o como minha prima, já sei o que querem de mim os seus elogios . . . estou comprada, não falo mais.

Uma risada geral applaudiu as ultimas palavras de D. Carolina : não ha nada mais natural ; ella era a neta da dona da casa, e, além de ser moça, é rica.

Começava então a servir-se a sobremesa.

— E eu apesar de amigo e collega de Augusto (disse por fim Fabricio, endireitando-se) não posso deixar de lastimar a sr.^a D. Joaquina pela triste conquista que acaba de fazer.

Augusto conheceu que lhe era dado o signal do combate ; Fabricio queria tomar vingança de sua nenhuma condescendencia ; e pois preparou-se para sustentar a lucta com todo o es-corço ; e vendo que todos tinha os olhos fitos n'elle, como que esperando uma resposta, não hesitou.

— Obrigado (disse) ; nem eu mesmo posso de mim formar outro conceito ; devo todavia declarar que, se me fosse dado conhecer a ditosa mortal que conseguiu ganhar os pensamentos e o coração do meu collega, certo que lhe eu daria meus parabens em prosa e verso : porque Fabricio é sem contradicção a mais alegre e apreciavel conquista !

A ironia o feriu : a interessante Moreninha lançou sobre Augusto um olhar de approvação, e sorriu-se brandamente ; gostou de o vêr manejar sua arnia favorita. Sem se explicar o porque, tambem o nosso estudante teve em muita conta aquelle sorriso da menina travessa. Fabricio continuou :

— Venha embora o ridiculo ; que nem por isso poder-se-ha negar que para o nosso Augusto não houve, não ha, nem póde haver amor que dure mais de tres dias.

Todas as senhoras olharam para o réu d'aquelle horrendo crime de lesa-formosura. Augusto respondeu :

— E o que ha ahi de mais engraçado é que Fabricio tem culpa d'isso : porque enfim manda o meu destino que eu sempre tenha andado, ande, e haja de andar em companhia d'elle, que com a maior crueldade do mundo tira-me todos os lances, antes de tres dias de amor.

Novo olhar, novo sorriso de approvação de D. Carolina : novo prazer de Augusto por merecel-os.

Fabricio torceu-se sobre a cadeira e proseguiu :

— Nada de fugir da questão . . . poder-se-hia julgar fraqueza querer de algum modo occultar que, tanto em pratica como em theoria, o meu collega é e se preza de ser o prototypo da inconstancia.

— Eis o que elle não póde negar (accudiram Leopoldo e Filippe, rindo-se).

— E para que negar, se já o nosso collega affirmou que eu me prezava de ter essa qualidade ? . . .

— Misericordia ! (exclamou uma das moças).

— É possível?... (perguntou a avó de Filippe, com seriedade).

— É absolutamente verdade (respondeu o estudante). Lançou depois um olhar ao derredor da mesa e todas as senhoras lhe voltaram o rosto. D. Quinquina tinha nos labios um triste sorriso : a Moreninha olhou-o com espanto, durante um curto momento; mas logo depois soltou uma soffrivel risada, e pareceu occupar-se exclusivamente de uma fatia de pudim.

Reinou silencio por alguns instantes ; Fabricio parecia victorioso ; Augusto estava como em isolamento ; as senhoras olhavam para elle com receio ; mostravam temer encontrar seus olhos : dir-se-hia que receavam que de uma troca de olhar nascesse para logo o sentimento que as devesse tornar desgraçadas. Desde as fataes palavras de Fabricio, Augusto era n'aquella mesa o que costumava ser um leproso na idade média : — o homem perigoso, cujo contacto podia fazer a desgraça de outro.

Fabricio comprehendeu em quão triste situação estava o seu adversario, e, inexperiente, se havia deixal-o debatendo-se em sua má posição, quiz ainda mais peoral-a, e foi talvez arrancar-o d'ella. Fabricio, pois, fala ; as senhoras embebem n'elle os olhos, e o applaudem, enquanto Augusto, servindo-se de um prato de grosso melado, affecta prestar pouca attenção ao seu accusador.

— Sim, minhas senhoras, é um joven inconstante, accessivel a todas as bellezas, repudiando-as ao mesmo tempo para correr atraz de outra, que será logo deixada pela vista de uma nova, como se elle fosse a inercia da materia, que conserva uma impressão, mas que não a guarda, senão o tempo que é gasto para um novo agente modifical-a !

— Muito bem! muito bem!... (disseram algumas vozes).

— Seu coração é petrea abobada de theatro que não entende o dizer de Auber, quando soluça a frauta ternos sons de musico discurso ; pois aquella muda superficie reflecte a todos, e a todos esquece com estúpida indifferença!...

— Bravo!... Fabricio está hoje romantico (exclamou Leopoldo, apontando maliciosamente para uma garrafa que se achava defronte do orador, e quasi de todo esgotada.)

— Appoiadissimo! . . . (murmurou Augusto, apontando tambem para a garrafa).

— Mas elle poderá viver de lagrimas, suspiros e ancias de condemnado (concluiu Fabricio).

— Bravo! . . . muito bem! . . . bravo! . . .

— Peço a palavra para responder (exclamou Augusto).

— Tem a palavra; mas nada de maçada!

— Duas palavras, minhas senhoras; só duas palavras,

— Sim, defenda-se, defenda-se.

— Defender-me? . . . certo que o não farei; poderia ao contrario accusar; mas tambem não quero: julgo apenas opportuno dar algumas explicações. Minhas senhoras, debaixo de certo ponto de vista, o meu collega Fabricio disse a verdade; porque eu sou com effeito o mais inconstante dos homens em negocio de amor.

— Ainda repete?!

— Mas tambem quem me conhece bastante, conclue que por fim de contas não ha amante algum mais firme do que eu.

— O senhor está compondo enigmas.

— Não o interrompam; deixem-n'o apresentar o aeu programma amoroso.

— Sim, minhas senhoras (continuou Augusto), vamos ao desenvolvimento da primeira proposição.

— Ouçam! ouçam!

— A minha inconstancia é natural, justa, e sem duvida estimavel. Eu vejo uma senhora bella: amo-a, não porque ella é senhora . . . mas porque é bella; logo eu amo a belleza: ora este attributo não foi exclusivamente dado a uma só senhora; e quando o encontro em outra fôra injustiça que eu desprezasse n'esta aquillo mesmo que tanto amei na primeira.

— Bravo! . . . viva o raciocinio!

— Mais ainda. Todo o mundo sabe que não ha quem nasça perfeito. Supponhamos que eu estou na agradavel companhia de tres jovens; todas são lindas; mas a primeira vence a segunda na delicadeza do talhe; esta supera aquella na ternura do olhar, e na graça dos sorrisos; e a terceira emfim ganha as duas na sublime harmonia de umas bastas

madeixas negras, coroando um rosto romanticamente pallido; ora bem se vê que seria commetter a mais detestavel injustiça, se eu, por amar a delicadeza do talhe da primeira, me esquecesse das ternuras dos olhares e da graça dos sorrisos da segunda; assim como das bastas madeixas negras e do rosto romanticamente pallido da ultima.

— Muito bem, Augusto (exclamou Philippe); estou achando um não sei que tão aproveitavel no teu systema, que me vejo em termos de segui-lo.

— Eis aqui, pois, porque sou inconstante, minhas senhoras, é o respeito que tributo ao merecimento de todas, é talvez o excesso a que levo as considerações que julgo devidas ao sexo amavel, que me faz ser voluvel. — Agora eu entro na segunda parte da minha explicação.

— Attenção! . . . elle vai provar que é constante! . . .

— Antes que ninguem, minhas senhoras, eu reprehendi o meu coração pela sua volubilidade; mas, vendo que era vão trabalho querer extinguir por tal meio uma disposição que a natureza n'elle plantára, pretendi primeiro achar na mesma natureza um correctivo que o fizesse; procurei uma joven bem encantadora para me lançar em captiveiro eterno; mas debalde o fiz, porque eu sou tão sensivel ao poder da formosura, que sempre me succedia esquecer a bella de hontem pela que via hoje, a qual pela mesma razão era esquecida depois: quantas vezes, minhas senhoras, nos meus passeios da tarde eu olvidei o amor da manhã d'esse mesmo dia por outro amor, que se extinguiu no baile d'essa mesma noite!

— É exageração! (disse uma senhora).

— É exactamente assim (accudiu Fabricio).

— Que folha d'alho! . . . (exclamou D. Quinquina).

— Então, minhas senhoras (proseguiu Augusto), eu entendi que devia recorrer a mim proprio para tornar-me constante. Consegui-o; sou firme amante de um só objecto. . . mas de um objecto que não tem existencia real, que não vive.

— Como é isto! . . . então a quem ama?

— A sua sombra, como Narciso? . . .

— A boneca que se vê na vidraça do Desmarais? . . .

— Ao Cupido de Praxiteles, como Akidias de Rhodes?

— Alguma estatua da Academia das Bellas Artes? . . .

— Nada d'isso.

— Então a quem?

— A todas as senhoras, resumidas n'um só ente ideal. Á custa dos bellos olhos d'uma, das lindas madeixas d'outra, do collo de alabastro d'esta, do talhe elegante d'aquella, eu formei o meu bello-ideal, a quem tributo o amor mais constante. Reuno o que de melhor está repartido; e faço mais ainda, aperfeiçoô a minha obra todos os dias: por exemplo, retirando-me d'esta ilha, eu creio que vestirei o meu bello-ideal de novas fórmãs!

— Viva o cumprimento! . . .

— Foi assim, minhas senhoras que me pude tornar constante, e, graças a meu proveitoso systema, posso amar a todas as senhoras a um tempo, sem ser infiel a nenhuma. Disse.

— Muito bem! . . . muito bem! . . .

— Augusto desempenhou-se.

O champagne estourava n'aquelle momento. Leopoldo tomou a palavra pela ordem.

— Eu vou (exclamou) propor um bello meio de terminar esta discussão, convidando a todos os senhores para um brinde, no qual Augusto, por castigo de sua inconstancia, nos não poderá acompanhar. Não é novo que mancebos bebam, no meio dos prazeres de um festim, um copo de vinho depois de pronunciar o nome d'aquella que é a dama de seus pensamentos. Aqui não estamos só mancebos, e pois não faremos tanto: pronunciaremos comtudo a inicial do primeiro nome.

— Sim! sim! (disse Filippe) Augusto não beberá comnosco. . .

— Não, maninho (accudiu a interessante Moreninha) elle ha de beber tambem.

— Ah, minha senhora! no beber um copo de champagne não está a duvida; a difficuldade toda é poder entre tantos nomes escolher o mais amado: accode-me tal numero, dos que têm tocado o superlativo do amor. . .

— M. . . (disse Leopoldo, esvasiando seu copo).

— C. . . (pronunciou Filippe, olhando para D. Clementina.)

— J. . . (balbuciou Fabricio, exasperado com um accesso de tosse que atacára Augusto).

Os outros mancebos pronunciaram suas letras; só o inconstante faltava.

— Eia ! animo, sr. Augusto (disse D. Carolina).

— Mas que letra, minha senhora? . . . se elles me dessem licença, eu faria o enorme sacrificio de reduzir as que me lembram ao diminuto numero de vinte e tres.

— Nada ! nada ! n'esta saude não entra o numero plural.

— Pois bem, senhor Augusto (continuou a menina) ; uma collecção não deixa de ser singular ; beba o seu copo de champagne — ao alphabeto inteiro !

— Sim, minha senhora, ao alphabeto inteiro !

Meia hora depois levantaram-se da mesa. Leopoldo aproximou-se de Augusto.

— Então que dizes, Augusto.

— Que passaremos a mais agradavel noite.

— E quem ganhará a aposta.

— Eu.

— De quaes d'estas meninas estás mais apaixonado ! . . .

— Estou na minha regra ; mas hoje tenho-me apaixonado só de tres principalmente.

— E o que pensas da irmã de Philippe ?

— A melhor resposta que te posso dar, é — não sei ; — porque ao meio dia a julgava travessa, importuna, e feia ; mas era-me completamente indifferente.

— A' uma hora ? . . .

— Eu a suppuz estouvada e desagradavel.

— A's duas horas?

— Má e desejava vel-a longe de mim.

— Durante o jantar ? . . .

— Fui achando-lhe algum espirito, e accusei-me por haver-a julgado feia.

— E agora ?

— Parece que me sinto muito inclinado a declaral-a engraçada e bonitinha.

— E d'aqui a pouco ?

— Eu direi.

VI

Augusto com seus amores

Poucos momentos depois da scena antecedente, a sala de jantar ficou entregue unicamente ao insaciavel Keblerc, que entendeu, não sabemos se mal ou bem, que era muito mais proveitoso ficar fazendo honras a meia duzia de garrafas de bello vinho, do que acompanhar as moças, que se foram deslizar pelo jardim. Outro tanto não fizeram os rapazes, que de perto as acompanharam, assim como pais, maridos, e irmãos, todos animados e cheios de prazer e harmonia, dispostos a acabar o dia e entrar pela noite com gosto.

Mas dissemos que não sabiamos se Keblerc havia feito bem ou mal em não imitar os outros. Sem duvida já fomos condemnados por homem de máu gosto ; cumpre-nos dar algumas razões. Entendemos, cá para nós, que por diversos caminhos vão tanto o Allemão como os rapazes, a um mesmo fim. Em resultado, esgotadas as garrafas e terminado o passeio haverá mona, não só na sala de jantar, mas tambem no jardim : a differença é que uma será mona de vinho, e a outra de amor : esta ultima costuma sempre ser a mais perigosa. Pela nossa parte confessamos que não ha cachaça que embebede mais depressa, do que uma que se bebe nos olhos travessos de certas pessoas.

Passeava-se : cada cavalheiro dava o braço a uma senhora; e divagando-se assim pelo jardim, o dictionario das flôres era lembrado a todo o momento. Menina havia que apenas algum lhe dizia, apontando para a flôr.

— Accacia !

— Sonhei com você (respondia logo).

— Amor perfeito !

— Existo para ti só (tornava immediatamente). E o mesmo fazia a respeito de todas as flôres que lhe mostravam ; era uma doutora de borla e capello em todas as sciencias ama-



Deus realize vossos desejos !... (pag. 56)

torias : e esta menina era, sem mais nem menos, aquella languida e sonsinha D. Quinquina. — Fiai-vos nas sonsas.

Um moço e uma moça porém andavam, como se costuma dizer solteiros: bem vezes d'ella se approximava o sujeito; mas a bella, quanto mais perto o via, saltava, corria, voava como um beija-flôr, como uma abelha, ou, melhor, como uma doidinha : — eram elles D. Carolina e Augusto.

Augusto passeava só, contra vontade ; D. Carolina por assim o querer.

Augusto viu de repente todos os braços *engajados* : duas senhoras, a quem se dirigiu, fingiram não ouvi-lo, ou se desculparam. O inconstante não lhes fazia conta, ou antes queriam, tornando-se difficeis, vel-o requestando-as; porque, desde o programma de Augusto, cada uma d'ellas entendeu lá comsigo que seria grande gloria para qualquer o prender com inquebraveis cadeias aquelle capoeira de amor, e que o melhor meio de o conseguir era fingir desprezal-o, e mostrar não fazer conta com elle. Exactamente intentavam batel-o por meio d'essa tactica poderosa, com que quasi sempre se triumphava da mulher ; isto é — pouco a pouco.

D. Carolina pelo contrario havia regeitado dez braços ; queria passear só. Um braço era uma prisão, e a engraçada Moreninha gosta sobretudo da liberdade. Ella quer correr, saltar, e entender com as outras ; agora adiante de todos, e d'aqui a pouco ser a ultima no passeio : viva, com seus olhos sempre brilhantes ; agil, com seu pézinho sempre prompto para a carreira ; innocente para não se envergonhar de suas travessuras; e criada com mimo de mais para prestar attenção aos conselhos de seu irmão, ella está em toda a parte, vê, observa tudo, e de tudo tira partido para rir-se : em continua hostilidade com todas aquellas que passeavam com moços, de cada vista d'olhos, de cada suspiro, de cada palavra, de cada acção que percebia, tirava motivo para seus epigrammas ; e inimigo invencivel, porque não tinha fraco por onde fosse atacado, era por isso temido e acariciado : deixemol-a pois correr e saltar, apparecer e desaparecer ao mesmo tempo ; nem á nossa penna é dado o poder acompanhial-a, que ella é tão rapida como o pensamento.

Finalmente o pobre Augusto encontrou uma senhora, que teve piedade d'elle. Estão afastados do resto da companhia ; conversam ; vamos ouvil-os.

— Com effeito (disse a sr.^a D. Anna), devo confessar que me espantei ouvindo-o sustentar com tão vivo fogo a inconstancia no amor.

— Mas, minha senhora, não sei porque se quer espantar! . . . é uma opinião.

— Um erro, senhor! . . . ou melhor ainda, um systema perigoso, e capaz de produzir grandes males.

— Eis o que tambem me espanta !

— Não, senhor ; nada ha aqui que exagerado seja. Rogo-lhe que por um instante pense commigo; se o seu systema é bom deve ser seguido por todos; e se assim acontecesse, onde iriamos assentar o sccego das familias, a paz dos esposos, se lhe faltava a sua base, a constancia? . . .

Augusto guardou silencio e ella continnou.

— Eu devo crer que o sr. Augusto pensa de maneira absolutamente diversa d'aquella pela qual se explicou. Consinta que lhe diga : no seu pretendido systema, o que ha é muita velhacaria ; finge não se curvar por muito tempo diante de belleza alguma, para plantar no amor-proprio das moças o desejo de triumphar de sua inconstancia.

— Não, minha senhora; o unico partido que eu procuro, e tenho conseguido tirar, é o socego que ha algum tempo goso.

— Como? . . .

— É uma historia muito longa, mas que eu resumirei em poucas palavras. Com effeito não sou tal qual me pinte durante o jantar. Não tenho a louca mania de um bello-ideal, como pretendi fazer crer ! porém o certo é que eu sou e quero ser inconstante com todas e conservar-me firme no amor de uma só.

— Então o senhor já ama? . . .

— Julgo que sim.

— A uma moça?

— Pois então a quem? . . .

— Sem duvida bella! . . .

— Creio que deve ser.

— Pois o senhor não sabe ?

— Juro que não.

— O seu semblante ? . . .

— Não me lembro d'elle.

— Mora na Côrte ? . .

— Ignoro-o.

— Vê-a muitas vezes ? . . .

— Nunca.

— Como se chama ? . . .

— Desejo muito sabel-o.

— Que mysterio ! . . .

— Eu devo mostrar-me grato á bondade com que tenho sido tratado, satisfazendo a curiosidade que vejo muito avivada no seu rosto ; e pois a senhora vai ouvir o que ainda nenhum dos meus amigos, o que eu não lhes diria porque elles provavelmente rir-se-hiam de mim. Se deseja saber o mais interessante episodio de minha vida, entremos n'esta gruta, onde praticaremos livres de testemunhas, e mais em liberdade.

Elles entraram.

Era uma gruta pouco espaçosa, e cavada na base de um rochedo que dominava o mar. Entrava-se por uma abertura alta e larga, como qualquer porta ordinaria. Ao lado direito havia um banco de relva, em que poderiam sentar-se a gosto tres pessoas ; no fundo via-se uma pequena bacia de pedra, onde caía gota a gota, limpida e fresca, agua que do alto do rochedo se distillava : preso por uma corrente á bacia de pedra estava um copo de prata, para servir a quem quizesse provar da boa agua do rochedo.

Foi este logar escolhido por Augusto para fazer suas revelações á digna hospeda.

O estudante, depois de certificar-se que toda a companhia estava longe, veio sentar-se junto da sr.^{ta} D. Anna, no banco de relva, e começou a historia dos seus amores.

VII

Os dois breves, branco e verde

—Negocios importantes, minha senhora, tinham obrigado meu pai a deixar sua fazenda e a vir passar alguns mezes na Côrte: eu o acompanhei, assim como toda a nossa familia. Isto foi ha sete annos; e n'essa epocha houve um dia . . . mas que importa o dia? . . . eu o poderia dizer já; o dia, o lugar, a hora, tudo está presente á minha alma, como se fôra succedido hontem o acontecimento que vou ter a honra de relatar: é uma loucura . . . a minha mania . . . embora . . . Foi pois ha sete annos, tinha eu então treze de idade, que, brincando em uma das bellas praias do Rio de Janeiro, vi uma menina que não poderia ter ainda oito.

Figure-se a mais bonita criança do mundo, com um vivo, agradável e alegre semblante; com cabellos negros e annellados, voando ao derredor de seu pescoço; com o fogo do Céu nos olhos, com o sorrir dos anjos nos labios, com a graça divina em toda ella, e far-se-ha ainda uma idéa incompleta d'essa menina.

Ella estava á borda do mar, e seu rosto voltado para elle; approximei-me devagarinho: uma criança viva e espirituosa, quando está quieta, é porque imagina novas travessuras, ou combina os meios para executar alguma a que se põe obstáculos. Eu sabia isto por experiencia propria, cheguei-me pois, para saber em que pensava a menina: a pequena distancia d'ella parei, porque já tinha adivinhado seu pensamento.

Na praia estava deposta uma concha, mas tão perto do mar, que quem a quizesse tomar, e não fosse ligeiro e experiente se expunha a ser apanhado pelas ondas, que rebentavam com força então.

Eu vi a travessa menina hesitar longo tempo entre o desejo de possuir a concha, e o receio de ser molhada pelas vagas; depois pareceu haver tomado uma resolução: o capri-

cho de criança tinha vencido. Com suas lindas mãosinhas arregaçou o vestido até os joelhos. . . quando a onda recuou, ella fez um movimento; mas ficou ainda no mesmo logar inclinada para diante, e na ponta dos pés; segunda. . . terceira. . . quarta. . . quinta onda, e sempre a mesma scena de ataque, e receio do inimigo. Finalmente, ao refluxo da sexta, ella precipitou-se sobre a concha; mas a areia escorregou debaixo de seus pés, e a interessante menina caíu na praia, sem risco e com graça: erguendo-se logo, e espantada ao vêr perto de si a nova onda, que d'essa vez vinha mansa e fraca como respeitosa, correu para traz, e sem o pensar atirou-se nos meus braços, exclamando:

— Ah! . . . eu ia morrer afogada! . . .

Depois vendo-se com o vestido cheio d'areia, começou a rir-se muito, saccudindo-o e dizendo ao mesmo tempo:

— Eu cá! eu cá! . . .

E como se não bastasse esta passagem rapida do susto para o prazer, ella olhou de novo para o mar, e tornando-se levemente melancolica, balbuciou com voz pezarosa, apontando para a concha.

— Mas. . . a minha concha!

Ouvindo a sua voz harmoniosa e vibrante, eu não quiz saber de fluxos nem refluxos de ondas; corri para ellas com entusiasmo, e radiante de prazer e felicidade apresentei-me á linda menina, embora um pouco molhado, mas trazendo a concha desejada.

Este acontecimento fez-nos logo — camaradas.

— Corrêmos a brincar juntos com toda essa confiança infantil, que só póde nascer da innocencia e que ainda em parte se dava em mim, posto que já a esse tempo fosse eu um pouco velhaquete e sonso como um estudante de latim que era, e por tal já procurava minhas blasphemias no dicionario.

É sempre digno de observar-se esta tendencia que têm as calças para o vestido! Desde a mais nova idade e no mais innocente brinquedo apparece o tal mutuo pendor dos sexos. . . e de mistura umas vergonhas muito engraçadas. . .

Eu cá sempre fui assim; quando brincava o *tempo será*,

por exemplo, sempre preferia esconder-me atraz das portas com a menos bonita de minhas primas, do que com o mais formoso de meus amigos da infancia.

Mas, como ia dizendo, nós brincávamos juntos; corriamos e caíamos na areia, e depois riamos ambos de nós mesmos. Tinhamos esquecido todo o mundo, pensavamos sómente em nos divertir, como os melhores amigos.

Depois de uma agradável hora, passada em mil diversas travessuras, que nossa imaginação e inconstancia de meninos modificava e inventava a cada momento, a minha interessante camarada voltou-se de repente para mim, e perguntou:

— Sou bonita, ou feia?...

Eu quiz responder-lhe mil coisas... córei... e finalmente murmurei tremendo:

— Tão bonita!...

— Pois então (tornou-me ella) quando formos grandes, havemos de nos casar; sim?

— Oh!... pois bem!...

— Havemos (continuou o lindo anjinho de sete annos) eu o quero... Olhe, o meu primo Juca me queria tambem; mas ainda hontem me quebrou a minha mais bonita boneca... Ora o marido não deve quebrar as bonecas de sua mulher: eu quero pois me casar com o senhor, que ha de apanhar bonitas conchinhas para mim... além d'isso elle não tem, como o senhor, os cabellos louros, nem a côr rosada...

— Porém eu gosto mais dos cabellos pretos...

— Melhor!... melhor!... (exclamou a menina, saltando de prazer) olhe, os meus são pretos!

E n'isto ella puxou com a sua pequena mãosinha um de seus bellos anneis de madeixa, para mostrar-m'o; e largando-o depois, eu o vi cair outra vez em seu pescoço, de novo torcido como um caracol.

Ainda corremos mais e continuávamos a brincar juntos; e sem o pensar, nós nos esquecemos de procurar saber os nossos verdadeiros nomes; porque nos bastavam esses, com que já nos tratavamos, de — meu marido — minha mulher.

A viveza, a graça e o espirito da encantadora menina ti-

nham feito desaparecer meu natural acanhamento: nós estávamos como dois antigos camaradas, quando fomos interrompidos em nossas travessuras por um outro menino, que para nós corria chorando.

— O que tem? . . . (perguntámos ambos).

— É meu pai que morre! (exclamou elle, apontando para uma velha casinha, que avistámos algumas braças distante de nós).

Ficámos um momento tristemente surprehendidos; depois como dominados pelo mesmo pensamento, ella e eu dissemos a um tempo:

— Vamos lá.

E corremos para a pequena casa.

Entrámos. Era um quadro de dôr e luto, que tínhamos ido vêr. Uma pobre velha, e tres meninos mal vestidos e magros, cercavam o leito em que jazia moribundo um ancião de cincoenta annos pouco mais ou menos. Pelo que agora posso concluir, uma syncope havia causado todo o movimento, pranto e desolação, que observámos. Quando chegámos ao pé de seu leito elle tornava a si.

— Ainda não morri! (balbuciou, olhando com ternura para seus filhos e deixando cair dos olhos grossas lagrimas) depois, deparando comnosco, continuou:

— Quem são estes dois meninos? . . .

Ninguem lhe respondeu; porque todos choravam sem exceptuar a minha bella camarada e eu.

— Não chorem ao pé de mim! (exclamou o velho, sufocado em pranto, e escondendo o rosto entre as mãos, enquanto seus tres filhos, e o quarto, que tínhamos ha pouco visto fóra, se atiravam sobre elle, no excesso da maior, da mais nobre e mais sublime das dôres).

A minha camarada dirigiu-se então á velha.

— O que tem então elle? . . . (perguntou com viva demonstração de interesse).

— Oh, meus meninos! (respondeu a afflicta velha) elle soffre uma enfermidade cruel, mas que poderia não ser mortal . . . porém é pobre! . . . e morre mais depressa pelo pezar de deixar seus filhos expostos á fome! . . . morre de miseria . . . morre de fome! . . .

— Fome (exclamámos com espanto) fome! pois tambem morre-se de fome?...

E instinctivamente a minha interessante companheira tirou do bolso de seu avental uma moeda de ouro, e dando-a á velha, disse:

— Foi meu padrinho que m'a deu hoje de manhã .. eu não preciso d'ella... não tenho fome.

E eu tirei de meu bolso uma nota, não me lembro de que valor, e por minha vez a entreguei, dizendo:

— Foi minha mãe que m'a deu, e ella me dá um abraço, sempre que faço esmola aos pobres.

Não é possível descrever o que se passou então n'aquella miseravel choupana. Minha linda mulher e eu tivemos de ser abraçados mil vezes, de vêr de joelhos a nossos pés a velha e os meninos .. O ancião forcejava por falar ha muito tempo .. dava com as mãos chamando-nos... finalmente nós nos approximámos d'elle, que nos apertou com enthusiasmo contra o coração.

— Quem sois? (poude enfim dizer) quem sois?

— Duas crianças (foi a menina que respondeu).

— Dois anjos (tornou o velho); e quem é este menino?...

— É o meu camarada (disse ainda ella).

— Vosso irmão?...

— Não, senhor; meu... marido.

— Marido?...

— Sim; eu quero que elle seja meu marido.

— Deus realize vossos desejos!...

Acabando de pronunciar estas palavras, o ancião guardou silencio por alguns instantes... bebeu com soffreguidão um pucaro cheio d'agua, e olhando de novo para nós, e tendo no rosto um ar de inspiração, e em suas palavras um accento prophético, exclamou:

— Seja dada ao homem agonisante lançar seus ultimos pensamentos do leito da morte além dos annos que já não serão para elle, e penetrar com seus olhares atravez do véu do futuro!... Meus filhos, amai-vos, e amai-vos muito! a virtude se deve ajuntar, assim como o vicio se procura: sim; amai-vos! eu não vos iludo... vejo lá... bem longe... a

promessa realizada! são dois anjos que se unem... vêde!... os meninos que entraram na casa do miseravel, que enxugaram o pranto e mataram a fome da indigencia, são abençoados por Deus, e unidos em nome d'elle!... Meus filhos, eu vos vejo casados lá no futuro!...

— Oh!... eis-ahi outra vez o delirio! .. (disse a velha, vendo a exaltação e o semblante afogueado do enfermo).

— Não, minha mãe! .. (continuou elle) não! não é delirio!... Pois que!... não póde o Eterno abençoar a virtude pela minha bocca?... Oh, meus meninos! Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre!... ainda uma vez... lá no futuro... vós o sentireis.

Nós estávamos espantados: o rosto do ancião se havia tornado rubro; seus olhos flammejantes... seus labios tremiam convulsivamente, e sua mão rugosa tinha tres vezes nos abençoado.

Escutando suas palavras, eu acreditei que estávamos ouvindo uma prophesia infallivelmente realizavel, pronunciada por um inspirado do Senhor.

Não parou ahi nossa admiração. O doente, cujas forças pareciam haver reaparecido subitamente, appoiando-se sobre um dos cotovellos, abriu a gaveta de uma mesa, que estava junto de seu leito, e tirando de uma pequena e antiga caixa dois breves, os deu á velha, dizendo:

— Minha mãe, descosa esses dois breves.

A velha obedecendo pontualmente, os descoseu com promptidão. Os breves, eram dois; um verde, e outro branco.

Depois o ancião, voltando-se para mim, disse:

— Menino! que trazeis comvosco, que possais offerecer a esta menina?...

Eu corri com os olhos tudo que em mim havia, e só achei para entregar ao admiravel homem, que me falava, um lindo alfinete de camafeu, que meu pai me tinha dado para trazer ao peito: machinalmente puz-lhe nas mãos o meu camafeu.

O velho quebrou o pé do alfinete, e dando-o a sua mãe, accrescentou:

— Minha mãe, cosa dentro do breve branco este camafeu. E voltando-se para a minha bella camarada continuou:

— Menina! que trazeis convosco que possais offerecer a este menino?...

A menina, atilada e viva, como que já esperando tal pergunta, entregou-lhe um botão de esmeralda, que trazia em sua camisinha.

O velho o deu a sua mãe, dizendo:

— Minha mãe cosa esta esmeralda dentro do breve verde.

Quando as ordens do ancião foram completamente executadas, elle tomou os dois breves, e dando-me o de côr branca, disse-me:

— Tomai este breve, cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina; elle contém o vosso camafeu: se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bello anjo, dai-lh'o, afim de que ella o guarde com desvelo.

Eu mal comprehendí o que o velho queria: ainda machinalmente entreguei o breve á linda menina, que o prendeu no cordão de ouro que trazia ao pescoço.

Chegou a vez d'ella. O nosso homem deu-lhe o outro breve, dizendo:

— Tomai este breve, cuja côr exprime as esperanças do coração d'aquelle menino; elle contém a vossa esmeralda; se tendes bastante força para ser constante, e amar para sempre aquelle bom anjo, dai-lh'o, afim de que elle o guarde com desvelo.

Minha bella mulher executou a insinuação do velho com promptidão, e eu prendi o breve ao meu pescoço com uma fita que me deram.

Quando tudo isto estava feito, o velho proseguiu ainda!

— Ide, meus meninos; cresci e sede felizes! vós olhastes para mim pobre e miseravel, e Deus olhará para vós. . ah! recebi a benção de um moribundo!... recebi-a e saí para não vel-o expirar!...

Isto dizendo, apertou nossas mãos com força: eu senti então que o velho ardia; senti que seu bafo era como vapor de agua fervendo, que sua mão era uma braza, que queimava... sinto ainda sobre os meus dedos o calor abrazador dos seus, e agora comprehendo que com effeito elle delirava, quando assim praticou com duas crianças.

Emfim nós deixámos aquella morada afflictos e admirados: sós, nós pensámos no velho, e chorámos juntos ; depois, nas crianças isto não merece reparo, nossa dôr se mitigou para cuidarmos em brincar outra vez.

De repente a menina olhou para mim e disse :

— E quando minha mãe perguntar pela esmeralda? . . .

Eu cuidei que lhe respondia, e fiz-lhe igual pergunta.

— E quando meu pai perguntar pelo meu camafeu ?

Ficámos olhando um para o outro : passados alguns instantes, minha linda mulher, que me parecêra estar pensando, disse sorrindo-se :

— Eu vou pregar uma mentira.

— E qual ? . . .

— Eu direi a minha mãe que perdi a minha esmeralda na praia.

— E eu responderei a meu pai que perdi o meu camafeu nas pedras.

— Elles mandarão procurar sem duvida . . .

— E não o achando, esquecer-se-hão d'isso.

— E os breves ? . . .

— Nós os guardaremos ? . . .

— O velho disse que sim.

— Para que será isto ? . . .

— Disse que é para nos casarmos quando formos grandes.

— Pois então nós os guardaremos.

— Oh ! eu o prometto.

— Eu o juro.

N'este momento soou Ave-Maria.

— Tão tarde ! (exclamou a menina) minha mãe ralhará commigo !

E dizendo isto correu, esquecendo-se até de despedir-se de mim. Esse fatal descuido acabava de entristecer-me, quando ella já de longe voltou-se para onde eu estava, e mostrando-me o breve branco, gritou :

— Eu o guardarei !

Pela minha parte entendi dever dar-lhe igual resposta ; e pois mostrei-lhe o meu breve verde e gritei-lhe tambem ;

— Eu o guardarei ! . . .

Aqui parou Augusto para respirar ; tão cansado estava com a longa narração ; porém ergueu-se logo, ouvindo ruido á entrada da gruta.

— Alguem nos escuta (disse elle).

— Foi talvez uma illusão (respondeu a digna hospeda).

— Não, minha senhora : eu ouvi distinctamente a bulha que faz uma pessoa que corre (tornou Augusto, dirigindo-se á entrada da gruta, e observando em derredor d'ella).

— Então ? . . . (perguntou a sr.^a D. Anna).

— Enganei-me na verdade.

— Mas vê alguma pessoa ? . . .

— Apenas lá vejo sua bella neta, a sr.^a D. Carolina, pensativa e recostada á effigie da esperança.

VIII

Augusto proseguindo

A avó de Filippe quiz tomar por sua vez a palavra ; porém o estudante lhe fez vêr que ainda muito faltava para o fim de suas historia, e voltando de novo ao seu lugar, continuou:

— O acontecimento que acabo de relatar, minha senhora, produziu vivissima impressão no meu espirito ; ajudado por minha memoria de menino de treze annos, apenas entrei em casa escrevi, palavra por palavra, quanto me havia acontecido : isto me tirou o trabalho de mentir ; porque adormecendo sobre o papel que acabava de escrever, meu pai o leu á sua vontade, e soube o destino do camafeu sem precisar que lhe eu dissesse. Elle ainda estava junto de mim quando despertei, exclamando — o meu breve! . . . o velho! . . . minha mulher! . . .

— Anda, doidinho (disse-me meu pai com bondade) ; eu te perdôo tuas novas loucuras em louvor da acção que praticaste soccorrendo um velho enfermo ; agora, guarda, eu t'o peço, e mesmo t'o mando, guarda melhor esse breve do que guardaste o camafeu.

E isto dizendo, deixou-me.

Não se falou mais n'este acontecimento, soube que o velho morrerá no dia seguinte, e que no momento da agonia abençoára de novo a minha camarada e a mim.

Meu pai fez todas as despesas do enterro do velho e socorreu sua desgraçada familia.

Eu nunca mais vi nem soube noticia alguma de minha interessante camarada, mas nem por isso a esqueci, minha senhora; porque, ou seja que meu coração a tivesse amado devéras, ou que esse breve tivesse em si alguma cousa de encantador, o certo é que eu ainda hoje me lembro com saudades d'essa criança tão travessa, porém tão bella. Sem saber seu nome, pois nem lh'o perguntei, nem ella m'o disse, quando quero falar a seu respeito, digo sempre — minha mulher! — Riem-se . . . não me importa; eu não posso dizer de outro modo.

Sempre com sua imagem na minh'alma, com seu engraçado sorriso diante de meus olhos, com suas sonoras palavras soando a meus ouvidos, passei cinco annos pensando n'ella de dia, e com ella sonhando de noite: era uma loucura; mas que havia eu de fazer? . . . Cheguei assim aos meus dezoito annos.

Eu já era pois mancebo; meus pais nada poupavam para me educar convenientemente; aprendia quanto me vinha á cabeça; diziam que minha voz era sonora, e por tal convidavam-me para cantar em elegantes sociedades: julgavam que eu dançava com graça, e lá ia eu para os bailes; finalmente, como cheguei a fazer algumas quadras, pediam-me para recitar sonetos em dias de annos; assim introduziram-me em mil reuniões, onde as bellezas formigavam, e os amores eram dardejados, por brilhantes olhos de todas as côres.

Além d'isto frequentava as casas de meus companheiros dos estudos, e os ouvia contar proezas de paixões triumphos e derrotas amorosas. Meu amor proprio se despertou; tive vontade de amar e ser amado.

Julguei esta minha determinação ainda mais justa; pois, tendo ido passar certas ferias na roça e falando mil vezes no meu breve e em minha mulher, ouvi a minha mãe dizer uma vez, em que me julgava longe:

— Temo que esse breve tire o juizo áquelle menino : talvez que nos seja preciso casal-o cedo.

Portanto, para não ouvir sómente, mas tambem para contar alguma victoria de amor ; para não endoidecer por causa do breve, e finalmente para não ser necessario a minha mãe casar-me cedo, determinei-me a amar.

— Esqueceu-se por consequencia de sua mulher e do seu breve ! (perguntou a sr.^a D. Anna, interrompendo Augusto).

— Ao contrario, minha senhora (tornou este) ; foi essa minha resolução que me tornou mais firme, e mais amante de minha mulher.

— Não sei (continuou Augusto) que teve o amor commigo para entender que todas as moças deviam rir-se de mim, e zombar de meus affectos ! Pensa que brinco, minha senhora ? . . . pois foi isso mesmo o que me succedeu no decurso de minhas paixões : eu resumo algumas.

A primeira moça que amei era uma bella moreninha, de dezeseis annos de idade : fiz-lhe a minha declaração na carta mais pathetica que um pateta poderia conceber ; no fim de tres dias recebi uma resposta abrazadora, e cheia de protestos de gratidão e ternura . Meu coração se enthusiasmo com isso . . . Na primeira reunião de estudantes contei a minha victoria, li a minha carta, e a resposta que havia recebido. Fui vivamente applaudido : porém oito dias depois os mesmos estudantes quasi me quebraram a cabeça com cacholetas e gargalhadas ; porque, oito dias bem contadinhos depois d'essa resposta, a minha terna amada casou-se com um velho de sessenta annos. Jurei não amar a moça nenhuma que tivesse a côr morena.

Apaixonei-me logo, e fui desgraçadamente correspondido por uma interessante joven, tão córadinha que parecia mesmo — uma rosa franceza. — Nós nos encontravamos nas noites dos sabbados em certa casa, onde se dava todas as semanas uma partida : era a mais agradavel sabbatina que podia ter um estudante ; porém o meu novo amor chegava a ser tocante de mais ; a minha querida levava o ciume até um ponto que me atormentava prodigiosamente ; se passava algum dia em que não a visse, e lhe não mandasse uma flôr,

apparecia-me depois chorosa e abatida; se na tal partida eu me atrevia a dançar com alguma outra moça bonita, era contar com um desmaio certo, e desmaio de que não acordava sem que eu mesmo lhe chegasse ao nariz o seu vidrinho de essencia de rosas; e tudo mais por este theor e fórma. Este amor já estava um pouco velho certamente, tinha tres mezes de idade. Um sabbado mandei-lhe prevenir que faltaria á partida; mas tendo terminado cedo meus trabalhos, não pude resistir aos desejos de vel-a, e fui á reunião. Eram onze horas da noite quando entrei na sala: procurei-a com os olhos, e certo moço, com quem me dava, que me entendeu, apontou para um gabinete vizinho; voei para elle.

Ella estava sentada junto de um mancebo, e com as costas voltadas para a porta; tomavam sorvetes. Cheguei-me de manso; conversavam os dois, sem vergonha nenhuma, em seus amores, fiquei espantado, e tanto mais que, pelo que ouvi, elles já se correspondiam ha muito tempo, mas o meu espanto se tornou em furia quando ouvi o machacaz falar no meu nome, fingindo-se zeloso. e receber em resposta as seguintes palavras: — O Augustosinho? . . . Lamente-o antes: coitado! é um pobre menino, com quem me divirto nas horas vagas — Soltei um surdo gemido, a traidora olhou para mim, e voltando-se depois para o seu querido, disse com o maior sangue-frio: — Ora ahi têm! perdi por sua causa este divertimento.

Jurei não amar moça nenhuma de côr rosada.

Sem emendar-me, ainda tornei-me cego amante de uma joven pallida: e como das outras vezes, fui correspondido com ardor; mas d'esta tive eu provas de affecto mui sérias. Antes de vêr-me, ella amava um primo, e até escrevia-lhe a miudo; eu exigi que a minha terceira amada continuasse a receber cartas d'elle, e que as respondesse; consentiu n'isso, com a condição de lhe redigir as respostas. — Bello! (disse eu commigo) vou tambem divertir-me por minha vez, á custa de um amante infeliz! — E o negocio ficou assentado.

Infelizmente eu não conhecia o primo da minha amada; mas essa era a infelicidade mais toleravel possivel.

Um dia tratámos de encontrar-nos em certa Igreja onde tinha de haver esplendida festa. Cheguei cedo ; mas, logo depois da minha chegada, rebentou uma tempestade e choveu prodigiosamente. Pouco durou o máu tempo ; porém as ruas deveriam ter ficado alagadas, e a bella esperada não podia vir. Apesar d'isso, eu olhava a todos os momentos para a porta, e coisa notavel, sempre encontrava os olhos de um outro moço, que se dirigiam tambem para lá. Acabada a festa, ambos nos aproximámos.

— Nós devemos ser amigos (disse elle).

— Eu penso do mesmo modo (respondi).

E apertámos as mãos.

— Sou capaz de jurar que adivinho a razão porque o senhor olhava tanto para aquella porta (continuou elle).

— E eu tambem.

— Convenho : esperavamos ambos nossas amadas e a chuva mangou comnosco.

— Exactamente.

— Mas nós vamos sem duvida vingar-nos, indo agora vel-as á janella.

— Eu queria propor a mesma vingança,

— Bravo !... iremos juntos : onde mora a sua ?...

— Na rua de...

— Ainda melhor : a minha é na mesma rua.

Sáimos da Igreja ; abraçámo-nos, e fomos : a minha amada morava perto ; eu a avistei debruçada na janella, talvez me esperando, pois olhava para o lado d'onde eu vinha : abri a bocca para dizer ao meu novo amigo — é aquella ! quando elle me pronunciou com indizível prazer — é aquella ! — Julgue, minha senhora, da minha exasperação, ! pela terceira vez eu era a boneca de uma menina !...

Não sei porque ainda tive animo de tirar o meu chapéu á tal pallida, que ao menos d'essa vez se fez côr de rosa, talvez por vêr-me de braço com o meu novo amigo.

Passando a maldita casa, Jorge, que assim se chamava o moço, disse-me com fogo :

— Aquella joven adora-me !

— Está certo d'isso, meu amigo ?

— Tenho provas.

— Acredita muito n'ellas?

— Tenho as mais fortes; por ultimo recebi ainda a de maior confiança: eu lhe conto. Um estudante a requestou, escreveu-lhe; ella mandou-me a carta, e eu respondi em seu logar; a correspondencia tem continuado por minha vontade, e sou eu quem sempre faço a norma das cartas que ella deve escrever. Achará isto imprudencia. e eu acho um bello divertimento.

— Sim um bello divertimento...

— Mas que é isso? está tão pallido!

— Não é coisa de cuidado... Eu... ora... o estudante...

— É por certo um famoso pateta...

— Não é bom ir tão longe...

— Não tem duvida... é tolo rematado.

— Fale-me a verdade: eu acho aquella moça com cara de ser sua prima.

— Quem lhe disse?... é com effeito minha prima.

— Pois vamos á minha casa.

— E a sua amada?

— Não me fale mais n'ella.

Apenas chegámos á minha casa, abri a minha gaveta, e tirando d'ella todas as cartas que Jorge havia escripto a sua prima, e que ella me tinha mandado, assim como as normas que eu redigira para as que deveriam ser enviadas ao meu amigo, accrescentando:

— Concordemos ambos que, se o estudante foi um famoso pateta e um tolo rematado, não o foi menos o primo d'aquella senhora a quem cortejámos na rua de...

Jorge devorou todas as cartas e normas que lhe dei; depois desatou a rir, e abraçando-me exclamou:

— Concordemos tambem, caro estudante, que minha prima tem bastante habilidade para se corresponder com meio mundo, sem se incomodar com o trabalho da redacção de suas cartas!...

O bom humor de Jorge tornou-me alegre: jantámos juntos, rimo-nos todo o dia, e só de noite se retirou.

Tratei de dormir; mas, antes de adormecer, falei ainda commigo mesmo: — Juro que não hei de amar a moça nenhuma de côr pallida.

Desde então declarei guerra ao amor. minha senhora: tornei-me ao que era d'antes; isto é occupei-me sómente em me lembrar de minha mulher, e em beijar o meu breve.

Mas eu andava triste e abatido; e ás vezes pensava assim: — Ora pois; jurei não amar moça nenhuma que fosse morena, corada ou pallida: estas são as côres, estes são os typos da belleza. . . e portanto minha mulher terá, a pezar meu, uma das taes côres; logo não me caso com minha mulher. e em ultima conclusão serei celibatario; vou ser frade. . . frade! . . .

Minha tristeza, meu abatimento deu nos olhos da digna, jovial e espirituosa esposa de um de meus bons amigos: ella me pediu que lhe confiasse minhas penas, e eu não pude deixar de relatar estes tres factos á consorte de um caro amigo.

A unica consolação que tive foi vel-a correr para o piano, e ouvi-a cantar as seguintes e outras quadrinhas musicadas no gosto nacional.

Menina solteira
Que almeja casar
Não caia em amar
A homem algum;
Nem seja notavel
Por sua esquivança,
Não tire a esperança
De amante nenhum

Os velhos não devem
Formar excepção,
Porquanto elles são
Um grande partido;
Que, em falta de moço
Que fortuna faça,
Nunca foi desgraça
Um velho marido

Mereçam-lhe todos
Olhares ardentes;
Suspiros ferventes
Bem pode soltar:
Não negue a nenhum
Protestos de amor;
A qualquer que fôr
O pode jurar.

Ciumes e zelos,
Amor e ternura
Não será lcucura
Fingida estudar;
Assim ganhar tudo
Moças se têm visto;
Serve muito isto
Antes de casar.

Contra os ardilosos
 Opponha seu brio :
 Tenba sangue-frio
 P'ra saber fugir ;
 Em todos os casos
 Sempre deve estar
 Prompta p'ra chorar,
 Prompta para rir.

Póde bem a moça
 Assim praticando,
 Dos homens zombando,
 A vida passar ;
 Mas, se apparecer
 Algum toleirão
 Sem mais reflexão,
 É logo casar.

— Então o negocio é assim, minha senhora? (exclamei eu, ao vel-a levantar-se do piano).

— Certamente (me respondeu ella), é este, pouco mais ou menos, o breviario por onde resa a totalidade das moças.

— Fico-lhe extremamente agradecido pelo desengano.

— Estimo que lhe sirva de muito.

— Já serve, minha senhora; já tirei grande proveito d'elle.

— E como? . . .

— Escute. Abatido e desesperado com os meus infortunios, eu tinha jurado não amar a mais nenhuma moça que fosse morena, corada ou pallida e estavam pois exgotados os bellos typos . . eu deveria morrer celibatario.

— E agora?

— Agora? . . . graças ao seu lundú, juro que de hoje ávante amarei a todas ellas . . . morenas, córadas, pallidas, magras e gordas, cortezãs ou roceiras, feias ou bonitas . . . tudo serve.

— E com effeito, minha senhora (continuou Augusto, dirigindo-se á sr.^a D. Anna) ; fiz-me absolutamente um ser novo, graças ao lundú ; guardando e beijando com desvelo o meu querido breve, que sempre commigo trago, eu conservo a lembrança mais terna e constante de minha mulher : ella é o amor do meu coração, emquanto todas as outras são o divertimento dos meus olhos, e o passa-tempo de minha vida.

Eis finalmente a historia de meus amores ; taes foram as razões que me tornaram borboleta de amor.

Terminando assim, Augusto ia respirar um instante, quando pela segunda vez lhe pareceu ouvir ruido na porta da gruta.

— Alguem nos escuta (disse elle, como da outra vez).

— È talvez uma nova illusão . . . (respondeu a digna hospeda),

— Não, minha senhora; eu ouvi distinctamente a bulha de uma pessoa que corre (tornou Augusto, dirigind-se á entrada da gruta, e observando ao derredor d'ella).

— Então?... (perguntou a sr.^a D. Anna).

— Enganei-me na verdade.

— Mas vê alguém?...

— Apenas lá vejo sua bella neta, a sr.^a D. Carolina, que se precipita com a maior graça do mundo sobre uma borboleta, que lhe foge, e que ella procura prender.

— Uma borboleta...

IX

A sr.^a D. Anna com suas historias

Finalmente o bom do estudante, que quando lhe dava para falar, era mais diffuso que alguns de nossos deputados novos na discussão do artigo 1.^o dos orçamentos, julgou dever fazer pausa de suspensão, mas a sr.^a D. Anna, que já tinha-o por vezes interrompido fóra de tempo e de balde, não quiz tomar a palavra para responder, sem segurar-se, dirigindo-lhe estas palavras pela ordem:

— Então concluiu, sr. Augusto?...

— Sim, minha senhora; e peço-lhe perdão por me haver tornado incommodo, pois fui sem duvida tão minucioso em minha narração, que eu mesmo tanto me fatiguei que vou beber uma gota d'agua.

E isto dizendo, foi ao fundo da gruta, e enchendo o copo de prata na bacia de pedra, o exgotou até o fim: quando voltou os olhos, viu que a boa hospeda estava rindo-se maliciosamente.

— Sabe de que estou rindo?... (disse ella).

— Certamente que não o adivinho.

— Pois estava n'este momento lembrando-me de uma tradição muito antiga, seguramente fabulosa, mas bem apropriada, d'essa fonte, e que tem muita relação com a historia de seus amores e o copo d'agua que acaba de beber.

— V. S. põe em tributo a minha curiosidade . . .

— Eu o satisfaço com todo prazer.

A sr.^a D. Anna principiou :

AS LAGRIMAS DE AMOR

Eu lhe vou contar a historia das lagrimas de amor, tal qual a ouvi á minha avó, que em pequena a aprendeu de um velho gentio que n'esta ilha habitava.

Era no tempo em que ainda os Portuguezes não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa-Cruz: esta pequena ilha abundava de bellas aves, e em redor pescava-se excellente peixe. Uma joven Tamoya, cujo rosto moreno parecia tostado pelo fogo em que ardia-lhe o coração ; uma joven Tamoya linda e sensível tinha por habitação esta rude gruta, onde ainda então não se via a fonte que hoje vemos. Ora, ella, que até aos quinze annos era innocente como a flôr, e por isso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou a fazer-se tímida, e depois triste como o gemido da rola ; a causa estava no agradável parecer de um mancebo da sua tribu, que diariamente vinha caçar ou pescar na ilha ; e vinte vezes já o havia feito sem que uma só dêsse fé dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça : o nome d'elle era Aoitin ; o nome d'ella era Ahy. — A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves, que elle matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só signal de reconhecimento obtinha. Quando no fim de seus trabalhos Aoitin ia adormecer na gruta, ella entrava de manso e com um ramo de palmeira procurava, movendo o ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido ; mas tantos extremos eram tão mal pagos, que Ahy, de cançada, procurou fugir do insensível moço, e fazer por esquecel-o ; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe e nem o esqueceu.

Desde então tomou outro partido: chorou. Ou porque sua dôr era tão grande, que lhe podia espremer o amor em lagrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesma, ella já tinha comprehendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.

E porque tambem nas lagrimas de amor ha como na saudade, uma doce amargura, que é veneno que não mata por vir sempre temperado com o reactivo da esperanza, a moça julgou dever separar da dôr, que a fazia chorar amargores, a esperanza que no pranto lhe addicionava a doçura; e tendo de exprimir a doçura, Ahy cantou.

Seu canto era triste e selvagem; mas terno canto: dizem que um velho Frade Portuguez, ouvindo-o por tradição ao depois de muitos annos, o traduziu para nossa lingua, e fez d'elle uma ballada, a qual minha neta canta.

Todo os dias, ao romper d'aurora, a pobre Ahy subia ao rochedo que serve de tecto a esta gruta, e esperava a piroga de Aoitin: mal a avistava ao longe, chorava e cantava horas inteiras sem descanço, até que se partia o barbaro, que nunca d'ella dava fé nem mesmo quando dormindo na gruta, o canto soava sobre a cabeça.

Mas Ahy era tão formosa, e sua voz tão sonora e terna, que o mesmo que não poude vencer do insensivel moço, poude do bruto rochedo: com efeito seu canto havia amollecido a rocha, e suas lagrimas a traspassaram.

E o mancebo vinha sempre, e sempre ella cantava e chorava, e nunca elle a attendia.

Uma vez, e já então o rochedo estava de todo traspassado pelas lagrimas da virgem selvagem, uma vez veiu Aoitin, e como das outras, não olhou para Ahy, nem lhe escutou as sentidas cantigas; entregou-se a seus prazeres, e quando se sentiu fatigado entrou na gruta, e adormeceu n'um leito de verde relva; mas ao tempo que em mais socego dormia, duas gotas das lagrimas de amor, que tinham passado aavez do rochedo, cairam-lhe sobre as palpebras que lhe cerravam os olhos. Aoitin despertou, e tomando suas flechas, correu para o mar; mas saltando dentro de sua piroga, e afastando-se da ilha, elle viu sobre o rochedo a joven Ahy, e disse bem alto:

— Linda moça!

No outro dia elle voltou, e já então olhou para a virgem selvagem; mas não ouviu ainda o canto d'ella. Depois de caçar veiu, como sempre, adormecer na gruta; e d'essa vez

a gota de lagrimas lhe veiu cair no ouvido; e na volta não só admirou a belleza da joven, como, ouvindo a terna cantiga, disse bem alto :

— Voz sonora !

Terceiro dia amanheceu, e Aoitin viu e ouviu Ahy, caçou e cançou: veiu repousar na gruta, e d'essa vez a gota de lagrimas lhe caíu no logar do coração; e quando voltava, disse bem alto :

— Sinto amar-te !

Ora, parece que nada mais faltava a Ahy, e que a ella cumpria responder a este ultimo grito de Aoitin, confessando tambem o seu amor tão antigo; mas a natureza da mulher é a mesma, tanto na selvagem, como na civilizada. A mulher deseja ser amada, fingindo não amar; deseja ser senhora do mesmo de quem é escrava: e pois Ahy nada respondeu; mas riu-se, e suas lagrimas seccaram; porém já a esse tempo as muitas que havia derramado tinham dado origem a esta fonte, que ainda hoje existe.

No dia seguinte veiu Aoitin, e viu a sua amada, que já não cantava, nem chorava: mesmo antes de abicar á praia, foi clamando :

— Sinto amar-te !

E Ahy não respondeu, e só sorriu-se.

Nada de caça . . . nada de pesca . . . já o insensivel era escravo, e não vivia longe do encanto que o prendia: correu pois para a gruta, deitou-se; mas não dormiu. Quem ama não dorme; sentiu que em suas veias corria sangue ardente, que seu coração estava em fogo; — era a febre do amor . . . Aoitin teve sede; a dois passos viu a fonte que manava; correu açodado para ao pé d'ella, e ajuntando suas duas mãos foi bebendo as lagrimas de amor. A cada trago que bebia, um raio de esperança lhe brilhava; quando a sede foi saciada, já estava feliz; a fonte era milagrosa.

As lagrimas de amor, que haviam tido o poder de tornar amante o insensivel mancebo, não puderam esconder a sua origem, e fizeram com que Aoitin conhecesse que era amado.

Então elle não mais buscou sua piroga; saindo da gruta, fez um rodeio, e foi de manso trepando pelo rochedo até che-

gar junto de Ahy, que, com os olhos na praia do lado opposto, esperava vêr partir o seu amante, e ouvir seu bello grito :

— Sinto amar-te !

Mas de repente ella estremeceu, porque uma mão estava sobre seu hombro: e quando olhou, viu Aoitin, que, sorrindo-se, lhe disse, de um tom seguro e terno :

— Tu me amas.

Ahy não respondeu ; mas tambem não fugiu dos braços de Aoitin, nem ficou devendo o beijo que n'esse instante lhe estalou na face.

Desde então foram felizes ambos na vida, e foi n'uma mesma hora que morreram ambos.

A fonte nunca mais deixou de existir, e ha ainda quem acredite que por desconhecido encanto conserva duas grandes virtudes.

Dizem pois que quem bebe d'esta agua não sae da nossa ilha sem amar alguem d'ella, e volta por força em demanda do objecto amado ; e em segundo lugar, querem tambem alguns que algumas gotas bastam para fazer a quem bebe adivinhar os segredos do amor.

— Terminei aqui a minha historia disse a sr.^a D. Anna, respirando.

— E eu sou capaz de jurar (disse Augusto) que pela terceira vez sinto o ruido de alguem que se retira correndo.

— Pois examine depressa.

Augusto correu á porta, e voltou logo depois.

— E então ? . . . perguntou a sr.^a D. Anna.

— Ninguem respondeu o estudante.

— E vê alguem no jardim ? . . .

— Apenas a sr.^a D. Carolina, que vae apressadamente para o rochedo.

— Sempre minha neta ! . . .

— E eu, minha senhora, tenho que pedir-lhe uma graça.

— Diga.

— Rogo-lhe, que por sua intervenção, me facilite o prazer de ouvir sua linda neta cantar a ballada de Ahy, que tanto me interessou com o seu amor.

— Oh!... não carece pedir: não a ouve cantar sobre o rochedo?... É a ballada.

— Será possível?!

-- Adivinhou o seu pensamento.

X

A ballada no rochedo

A hospeda e o estudante deixaram então a gruta, e tomando campo no jardim para vencer a altura do rochedo, viram a bella Moreninha em pé, e voltada para o mar, com seus cabellos negros divididos em duas tranças, que caíam pelas espaduas, e cantando com terna voz o seguinte:

Eu tenho quinze annos
E sou morena e linda;
Mas amo, e não me amam,
E tenho amor ainda
E por tão triste amar
Aqui venho chorar.

O riso de meus labios
Ha muito que murchou;
Aquelle que eu adoro,
Ah! foi quem o matou:
Ao riso, que morreu
O pranto succedeu.

O fogo de meus olhos
De todo se acabou;
Aquelle que eu adoro,
Foi quem o apagou:
Onde houve fogo tanto
Agora corre o pranto.

A face côr do jambo
Emfim se descorou;
Aquelle que eu adoro

Ah! foi que a desbotou,
A face tão rosada
De pranto está lavada.

O coração tão puro
Já sabe o que é amor,
Aquelle que eu adoro
Ah! só me dá rigor:
O coração no emtanto
Desfaz o amor em pranto.

Diurno aqui se mostra
Aquelle que adoro;
E nunca elle me vê,
E sempre o vejo e choro:
Por paga a tal paixão
Só lagrimas me dão!

Aquelle que eu adoro
E' qual rio que corre,
Sem vêr a flôr pendente
Que á margem murcha e morre
Eu sou a pobre flôr
Que vou marchar de amor.

São horas de raiar
O sol dos olhos meus;
Máu sol! queima a florzinha
Que adora os raios seus :
Tempo é do sol raiar
E é tempo de chorar.

Lá vem sua piroga
Cortando leve os mares.
Lá vem uma esperança,
Que sempre dá pezares.
Lá vem o meu encanto
Que sempre causa pranto.

Emfim abica á praia;
Emfim salta apressado,
Garboso como o cervo
Que salta alto vallado:
Quando ha de elle cá vir
Só p'ra me vêr sorrir?...

Lá corre em busca de aves
A selva que lhe é cara,
Ligeiro como setta
Que do arco seu dispara :
Quando ha de elle correr
Sómente para me vêr?

Lá vem do feliz bosque
Cançado de caçar;
Qual beija-flôr, que cança
De mil flôres beijar :
Quando ha de elle cançado
Descançar a meu lado?

Lá entra para a gruta,
E cáe na rude cama,
Qual flôr de bellas côres.
Que cáe do pé na grama :
Quando ha de n'esse leito
Dormir junto a meu peite?

Lá subito desperta,
E na piroga embarca,
Qual sol que se occultando,

O fim do dia marca :
Quando bei de este sol vêr.
Não mais desaparecer?

Lá vôa na piroga.
Que o rasto deixa aos mares,
Qual sonho que se esvae,
E deixa após pezares :
Quando ha de elle cá vir.
P'ra nunca mais fugir?...

Oh barbaro ! tu partes
E nem sequer me olhaste ?
Amor tão delicado
Em outra já achaste ?
Oh, barbaro ! responde
Amor como este, aonde ?

Sómente p'ra teus beijos
Te guardo a bocca pura ;
Em que labios, tu podes
Achar maior doçura ?...
Mens labios, murchareis,
Seus beijos não tereis.

Meu collo alevantado
Não valem teus abraços?...
Que collo ha mais formoso,
Mais digno de teus braços?
Ingrato ! morrerei.....
E não te abraçarei.

Meus seios entoados
Não podem ter valia ?
Desprezas as delicias
Que n'elles te off'recia !
Pois hão de os seios puro
Murcharem prematuros ?

Não sabes que me chamam
A bella do deserto?...
Empurras para longe
O bem que te está perto?...
Só pagas com rigor
As lagrimas de amor -...

Ingrato !-ingrato ! foge...
 E aqui não tornes mais ;
 Que, sempre que tornares,
 Terás de ouvir meus ais :
 E ouvir queixas de amor,
 E vêr pranto de dôr...

E se amanhã vieres,
 Em pé na rocha dura
 Starei contando aos ares
 A mal paga ternura...
 Cantando me ouvirás.
 Chorando me acharás !...

X

Travessuras de D. Carolina

Mas ella não pára : o movimento é sua vida ; esteve no jardim, em toda parte ; cantou sobre o rochedo, e eil-a outra vez no jardim ! infatigavel, apenas suas faces se coraram com o rubor da agitação. Travessa menina !... porém ella tempera todas as travessuras com tanta viveza, graça e espirito, que menos valera, se não fizera o que faz. Não ha um só entre todos, de cuja alma se não tenham esvaído as idéas desfavoraveis que á primeira vista produziu o genio inquieto de D. Carolina. O mesmo Augusto não poude resistir á vivacidade da menina. Encontrando Leopoldo, disseram duas palavras sobre ella.

— Então como a achas agora ? . . (disse Leopoldo, apontando para a irmã de Filippe).

— Interessantê, espirituosa, e capaz de levar á gloria ao mais dextro casuista. Olha ; Fabricio vê-se doido com ella.

— Só isto ? . . .

— Acho-a bonita.

— Nada mais ? . . .

— Tem voz muito agradável.

— É tudo o que pensas ? . . .

— Tem a bocca mais engraçada que se pode imaginar.

— Só ? . .

— Muito esbelta.

— Que mais ?

— É tão ligeira como um juramento de mulher.

— Dize tudo de uma vez,

— Pois que queres mais que eu diga ?

— Que a amas, que dás o cavaco por ella.

— Amal-a ? ! não faltava mais nada ; amo-a como amo as outras . . . isso sim.

— Pois, meu amigo, todos nós estamos derrotados ; o diabinho da menina nos tem posto o coração em retalhos ; se de novo se fizer a saude que hoje fizemos, todos, á excepção de Philippe, pronunciarão a letra C . . .

— Tambem Fabricio ?

— Ora ! esse está doente . . . perdido . . . doido emfim !

— E ella ?

— Zomba de todos nós : cada cumprimento que lhe endereçamos paga ella com uma resposta que não tem troço. e que nos racha de meio a meio. Tu ainda lhe não disseste nada ?

— Cousas vãs . . . e palavras da tarifa.

— E ella ? . . .

— Palavras da tarifa . . . e cousas vãs.

— Pois é opinião geral que ella te prefere a todos nós.

— Tanto melhor para mim.

— E peor para ella : mas . . . adeus ! o meu lindo par se levanta do banco de relva, em que descançava ; vou tomárlhe o braço. Tenho-me singularmente divertido : a bella senhora é philosopha . . . faze idéa ! . . . já leu Mary de Wollstonecraft ; e como esta defende os direitos das mulheres, agastou-se commigo porque lhe pedi uma encommenda, para quando fosse Ministra de Estado, e a patente de Cirurgião de exercito, no caso de chegar a ser General ; mas emfim fez as pazes ; pois lhe prometo que apenas me formasse, trabalharia para encartar-me na Assembléa Provincial, e lá, em logar das maçadas de pontes, estradas e canaes, promeveria a discussão de uma mensagem ao Governo Geral em prol dos taes direitos das mulheres ; além de que . . . Mas . . . tu bem vês que ella me está chamando : adeus . . . adeus . . .

No emtanto D. Carolina continuava a captivar todos os olhares e atenções : tinham notado é verdade, que ella estivera alguns momentos recostada á effigie da Esperança, triste e pensativa. Fabricio jurava mesmo que a vira enxu-

gar uma lagrima ; mas logo depois desapareceu completamente a menor apparencia de tristeza, tornou a brilhar o prazer em ebullição.

Todos tinham tido seu quinhão maior ou menor, segundo os merecimentos de cada um, nas graças maliciosas da menina. Ninguem havia escapado : Fabricio era a victima predilecta, porque tambem foi elle o unico que se atreveu a travar lucta com ella.

Finalmente D. Carolina acabava de entrar outra vez no jardim, depois de ter cantado sua ballada. De todos os lados soavam-lhe os parabens ; mas ella escapou a elles, correndo para junto de uma roseira, toda coroada por suas bellas e rubras flôres.

Fabricio, que ainda não estava sufficientemente castigado, e que além d'isso começava a gostar seu *tantum* da Moreninha, se dirigiu com D. Joanninha para o lado em que ella se achava.

— É decididamente o que eu pensava ; (disse Fabricio, quando se viu ao pé de D. Carolina, e dirigindo-se a D. Joanninha) sim . . . sua bella prima ama as rosas, exclusivamente.

— Conforme as occasiões e circumstancias (respondeu a menina).

— Poderia eu merecer a honra de uma explicação ? (perguntou Fabricio).

— Com toda a justiça, e (continuou D. Carolina, rindo-se) tanto mais que foi a V. S. que me dirigi. Eu queria dizer que entre um beijo de frade, ou um cravo defunto e uma rosa, não hesito em preferir a ultima.

Fabricio fingiu não entender a allusão, e continuou :

— Todavia não é sempre bem pensada semelhante preferencia. A rosa é como a belleza : encanta, mas espinha. V. S. o sabe ; não é assim ?

— Perfeitamente ; não ignoro que a rosa só espinha, quando se defende de alguma mão impertinente, que vem perturbar a paz de que gosa, V. S. o sabe ; não é assim ?

— Oh ! entao a sr.^a D. Carolina foi bem imprudente em quebrar o pé d'essa rosa com que brinca, expondo assim seus delicados dedos : e bem cruel tambem em fazel-a mur-

char de inveja, tendo-a defronte de seu formoso semblante.

— Pela minha vida, meu caro senhor! nunca vi pedir uma rosa com tanta graça: quer servir-se d'ella? . .

— Seria a mais appetecivel gloria . . .

— Pois aqui a tem . . . Querida prima, nada de ciumes.

E Fabricio, recebendo o bello presente, em vez de olhar para a mão que o dava, attentava em extase o rosto moreno, e o sorriso malicioso de D. Carolina. Ao momento de se encontrar a mão que dava e a que recebia, Fabricio sentiu que lhe apertavam os dedos. Seu primeiro pensamento foi crer que era amado; mas logo se lhe apagou esse raio de vaidade, pois que elle retirou vivamente a mão, exclamando involuntariamente:

— Ai! feri-me! . . .

Era que a travessa lhe havia apertado os dedos contra os espinhos da rosa. Mas a flôr tinha caído na relva: Fabricio já menos desconcertado, a levantou com presteza, e encarando a irmã de Philippe, disse-lhe em tom meio vingativo:

— Foi um combate sanguinolento; mas ganhei o premio da victoria.

— Pois feriu-se? . . . (perguntou D. Carolina, chegando-se com fingido cuidado para elle).

Nada foi, minha senhora: comprei uma rosa por algumas gotas de sangue . . . valeu a pena.

— Maldita rosa! (exclamou a Moreninha theatralmente) maldita rosa! eu te amaldição! . .

E dando um piparote na innocente flôr, a desfolhou completamente: não ficou na mão de Fabricio mais que o verde calix. D. Carolina correu para junto de sua digna avó: o pobre estudante ficou desconcertado.

— E esta! (murmurou elle emfim).

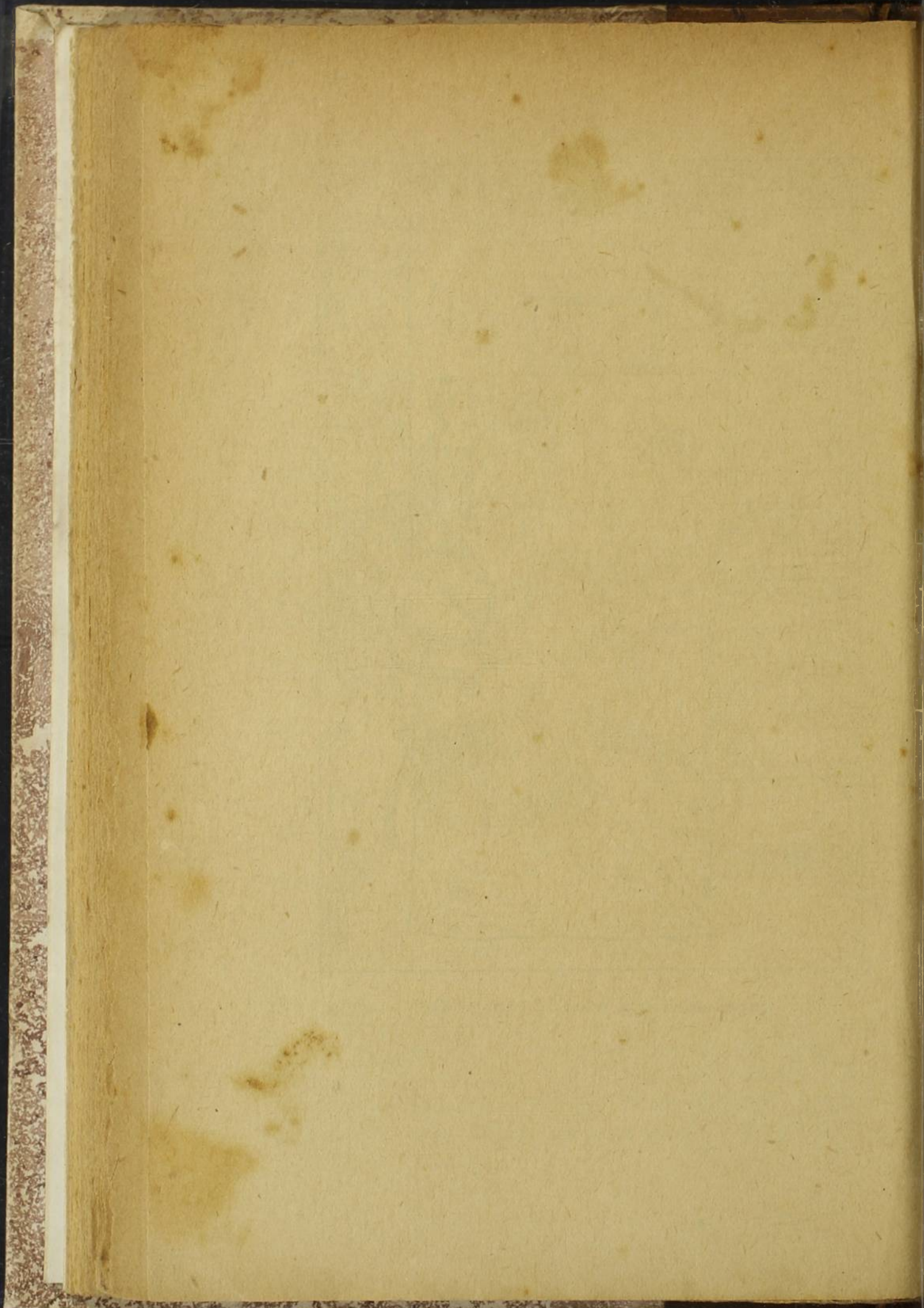
— Foi muito bem feito (disse D. Joanninha, cheia de zelos, e dando-lhe um beliscão, que o fez ir ás nuvens).

— Perdão, minha senhora; seja pelo amor de Deus! (exclamou Fabricio, que se via batido por todos os lados),

No emtanto começava a declinar a tarde. Uma voz reuniu todas as senhoras e senhores em um só ponto: servia-se o café n'um bello caramanchão; mas como fosse elle pouco



Quem me dera já casar !!! (pag. 72)



espasmo
pues
Es
fira de
con m
-E
car m
una de
Fabr
gesto;
lón de
En
que d
der a m
trame
se em
to m
ramo-
vici
breva
mene
Una
-F
Flügel
O p
dale
com
as se
su
dos ap
tem a
-V
Tod
comp
ca; e
Com
es victi

espaçoso para conter tão numerosa sociedade; ahi só se abrigaram as senhoras, enquanto os homens se conservavam da parte de fóra.

Escravas decentemente vestidas offereciam chavenas de café fóra do caramanchão, e, apesar d'isso, D. Carolina se dirigiu com uma para Fabricio, que praticava com Augusto.

— Eu quero fazer as pazes, sr. Fabricio ; vejo que deve estar muito agastado commigo, e venho trazer-lhe uma chavena de café temperado pela minha mão.

Fabricio recuou um passo, e collocou-se á ilharga de Augusto ; elle desconfiava das tenções da menina ; sua primeira idéa foi esta — o café não tem assucar.

Então começou entre os dois um duello de ceremonias que durou alguns instantes : finalmente o homem teve de ceder á mulher. Fabricio ia receber a chavena, quando esta estremeceu no pires... D. Carolina, temendo que sobre ella se entornasse o café, recuou um pouco... Fabricio fez outro tanto : a chavena, indo mal tomada, tombou ; o café derramou-se inopinadamente. Fabricio recuou ainda mais com vivacidade : mas encontrando a raiz de um chorão que sombreava o caramanchão, perdeu o equilibrio, e caíu redondamente na relva.

Uma gargalhada geral applaudiu o successo.

— Fabricio espichou-se completamente !... (exclamou Philippe).

O pobre estudante ergueu-se com ligeireza, mas na verdade corrido do que acabava de sobrevir-lhe. As risadas continuavam, as terriveis consolações o atormentavam ; todas as senhoras tinham saído do caramanchão, e riam-se por sua vez desapiedadamente; Fabricio daria muito para se livrar dos apuros em que se achava, quando de repente soltou tambem a sua risada e exclamou :

— Vivam as calças de Augusto !!!

Todos olharam. Com effeito Fabricio tinha encontrado um companheiro na desgraça : Augusto estava de calças brancas, e a maior porção de café entornado havia caído n'ellas.

Continuaram as risadas: redobraram os motejos. Duas eram as victimas.

XII

Meia hora em baixo da cama

Não tardou que Philippe, como bom amigo e hospede, viesse em auxilio de Augusto. Em verdade que era impossivel passar o resto da tarde e noite inteira com aquella calça, manchada pelo café; e portanto os dois estudantes voaram a casa. Augusto, entrando no gabinete destinado aos homens, ia tratar de despir-se, quando foi por Philippe interrompido.

— Augusto, uma idéa feliz! vai vestir-te no gabinete das moças.

— Mas que especie de felicidade achas tu n'isso?

— Ora! pois tu deixas passar uma tão bella occasião de te mirares no mesmo espelho em que ellas se miram?... de te aproveitares das mil commodidades, e das mil superfluidades que formigam no toucador de uma moça?... Vai... sou eu que t'o digo: alli acharás banhas e pomadas, naturaes de todos os paizes; oleos aromaticos, essencias de formosura, e de todas as qualidades; aguas cheirosas, pós vermelhos para as faces e para os labios, baeta fina para esfregar o rosto e enrubecer as pallidas; escovas e escovinhas, flôres murchas e outras viçosas...

— Basta, basta; eu vou; mas lembra-te que és tu quem me fazes ir, e que o meu coração adivinha...

— Anda, que o teu coração sempre foi um pedaço d'asno.

E isto dizendo, Filipe empurrou Augusto para o gabinete das moças, e se foi reunir ao rancho d'ellas.

Ai do pobre Augusto!... mal tinha acabado de tirar as calças e a camisa, que tambem se achava manchada, sentiu rumor, que faziam algumas pessoas que entravam na sala.

Augusto conheceu logo que eram moças, porque estes anjinhos, quando se ajuntam, fazem conversando matizada tal que a um quarto de legua se deixam adivinhar: se é sedição e mesmo insolito comparal-os a um bando de lindas maita-

cas, não ha remedio senão dizer que muito se assemelham a uma orchestra de peritos instrumentistas, na hora da afinação.

Ora o nosso estudante estava, por sua esdruxula figura, incapaz de apparecer a pessoa alguma: em ceroulas, e nú da cintura para cima, faria recuar de espanto, horror, vergonha, e não sei que mais, ao bello povinho que acabava de entrar em casa, e que certamente, se assim o encontrasse, teria de cobrir o rosto com as mãos; e portanto o pobre rapaz seguiu o primeiro pensamento que lhe veiu á mente; ajuntou toda a sua roupa, enrolou-a, e com ella em baixo do braço escondeu-se atraz de uma linda cama, que se achava no fundo do gabinete cuidando que cedo se viria livre de tão intempestiva visita; mas, ainda outra vez, pobre estudante! . . . teve logo de agachar-se, e espremer-se para baixo da cama; pois quatro moças entraram no quarto. Eram ellas D. Joanninha, D. Quinquina, D. Clementina, e uma outra, por nome Gabriella, muito adocicada, muito espartilhada, muito estufada, e que seria tudo quanto tivesse vontade de ser, menos o que mais acreditava que era, isto é, bonita.

Depois que todas quatro se miráram, compuzeram cabellos, enfeites, e mil outros objectos, que estavam todos muito em ordem, mas que as mãosinhas d'estas quatro *demoiselles* não poderam resistir ao prazer, muito habitual nas moças, de desarranjar para outra vez arranjar: foram, por mal dos peccados de Augusto, sentar-se da maneira seguinte: — D. Clementina e D. Joanninha na cama, em baixo da qual estava elle; D. Quinquina de um lado, em uma cadeira; D. Gabriella exactamente defronte do espelho, do qual não tirava os olhos, em outra cadeira, que, apezar de ser de braços e larga, pequena era para lhe caber sem incommodo toda a collecção de saias, saiotes, vestidos de baixo, e enorme variedade de enchimentos, que lhe faziam de supplemento á natureza, que com D. Gabriella, segundo suas proprias camaradas, tinha sido um pouco mesquinha a certos respeitos.

Depois de respirar um momento, as meninas, julgando-se a sós, começaram a conversar livremente, enquanto Augusto, com sua roupa em baixo do braço, coberto de teias de aranha, e suores frios, comprimia a respiração, e conservava-se

mudo e quedo, medroso de que o mais pequeno ruido o pudesse descobrir: para seu maior infortunio, a barra da cama era incompleta, e havia seguramente dois palmos e meio de altura descobertos, por onde se alguma das moças olhasse, seria elle impreterivelmente visto. A posição do estudante era penosa certamente; por ultimo saltou-lhe uma pulga á ponta do nariz, e por mais que o infeliz a soprasse; a teimosa continuou a chuchal-o com a mais descarada impunidade.

— Antes mil vezes cinco sabbatinas seguidas em tempo de barraccas no Campo!... (dizia elle comsigo).

Mas as moças falam já ha cinco minutos: façamos por colher algumas bellezas; o que é na verdade um pouco difficil pois, segundo o antigo costume, falam todas quatro ao mesmo tempo. Todavia alguma coisa se aproveitará.

— Que calor!... (exclamou D. Gabriella, affectando, no abanar de seu leque, todo o donaire de uma Hespanhola) oh! não parece que estamos no mez de julho; mas, por minha vida, vale bem o incommodo que soffremos o regalo que têm tido nossos olhos.

— Bravo, D. Gabriella!... então seus olhos...

— Têm visto muita coisa boa: olhe, não é por falar; mas, por exemplo, ha objecto mais interessante do que D. Luiza mostrar-se gorda, esbelta, bem feita?...

— É um sacco!

— E como é feia!...

— É horrenda!

— É um bicho!

— E não vimos a filha do capitão com sua dentadura postiça?... Agora não faz senão rir!...

— Coitadinha! aperta tanto os olhos!...

— Se ella pudesse arranjar tambem um postiço para o queixo!

— Ora, D. Clementina, não me obrigue a rir!...

— D. Joanninha, você reparou no vestido de chali de D. Carlota?... Quanto a mim, está absolutamente fóra da moda.

— Ainda que estivesse na moda, não ha nada que n'ella assente bem.

— Ora . . . é um pau vestido ! . . . tem uma testa maior que a rampa do largo do Paço.

— Um nariz com tal cavallete, que parece o morro do Corcovado ! . . .

— E a bocca ? ah ! ah ! ah !

— Parece que anda sempre pedindo boquinhas.

— E que lingua ella tem !

— É uma vibora !

— Eu não sei porque as outras não hão de ser como nós, que não dizemos mal de nenhuma d'ellas.

— É verdade : porque, se eu quizesse falar . . .

— Diga sempre, D. Quinquina.

— Não . . . não quero. Mas passando a outra coisa . . .

— D. Josephina applaude com razão a moda dos vestidos compridos.

— Porque ? . . .

— Ora . . . porque tem pernas de caniço de sacristão.

— Pernas finas tambem é moda presentemente.

— Deus me livre ! . . . (accudiu D. Clementina) pelo menos para mim nunca deve ser, pois não posso emendar a natureza, que me deu pernas grossas.

— Não lhe fico atraz. Juro-lhe eu (exclamou D. Quinquina.

— Nem eu ! nem eu ! (disseram as outras duas).

— Isso é bom de se dizer (tornou a primeira); mas felizmente podemos tirar as duvidas.

— Como ?

— Facilmente : vamos medir nossas pernas.

Ouvindo tal proposição, o nosso estudante, apesar de se vêr em apuros em baixo da cama, arregalou os olhos de maneira que lhe pareciam querer saltar das orbitas ; porém D. Gabriella, que não parecia contar comsigo, e que só por honra da firma dissera o seu — nem eu ! — veiu deixal-o com agua na bocca.

— Havia de ser engraçado ! (disse ella) arregaçarmos aqui nossos vestidos.

— Que tinha isso ? . . . (accudiu D. Quinquina) não somos todas moças ? . . . dir-se-hia que não temos dormido juntas.

— É verdade (acrescentou D. Clementina); além de que não se veria de mais senão quatro ou cinco saias por baixo do segundo vestido.

— E talvez algum saíote... vamos a isto!

— Não... não.. (disse por sua vez D. Joanninha).

— Pois por mim não era a duvida (tornou D. Clementina, com ar de triumpho, recostando-se molle e voluptuosamente nas almofadas, e deixando escorregar de proposito uma das pernas para fóra do leito, até tocar com o pé no chão, de modo que ficou á mostra até o joelho).

— Quem me dera já casar!!! suspirou ella.

Pobre Augusto!... não te chamarei eu feliz?... elle vê a um palmo dos seus olhos a perna mais bem torneada que é possível imaginar!... atravez da finissima meia aprecia uma mistura de côr de leite com a côr de rosa, e rematando este interessante painel rosa, um pésinho que só se poderia medir a pollegadas, apertado em um sapatinho de setim, e que estava mesmo pedindo um... dez... cem... e mil beijos; mas, quem o pensaria? não foram beijos, o que desejou o estudante outorgar áquelle precioso objecto: veiu-lhe ao pensamento o prazer que sentira dando-lhe uma dentada... Quasi que já se não podia suster... já estava de bocca aberta para saltar... porém, lembrando-se da exotica figura em que se via, mettu a roupa, que tinha enrolada, entre os dentes, e apertando-os com força contra ella, procurava illudir sua imaginação.

— Quem me dera já casar! (repetia D. Clementina).

— Isso é facil (disse D. Gabriella), principalmente se devemos dar credito aos que tanto nos perseguem com finezas. Olhem, eu vejo-me doida! mais de vinte me atormentam! Querem saber o que me succedeu ultimamente?... Eu confesso que me correspondo com cinco... isto é só para vêr qual dos cinco quer casar primeiro: pois bem; hontem uma preta que vende empadas, e que se encarrega das minhas cartas, recebeu da minha mão duas...

— Logo duas?...

— Ora, pois; apezar de todas as minhas explicações, a maldita estava de mona: mesmo dizendo-lhe eu dez vezes—a

de lacre azul é do sr. Joãosinho: e a de verde é do sr. Juca,
— Sabem o que fez!... Trocou as cartas.

— E o resultado?...

— Eil-o aqui (respondeu D. Gabriella, tirando um papel do seio): ao vir embarcar, e quando descia a escada, a tal preta, com a destreza precisa, entregou-me este escripto do sr. Joãosinho: — Ingrata! Ainda tremem minhas mãos, pegando no corpo de delicto da tua perfidia! Escreves a outro?! Compareces por tão horrivel crime perante o jury do meu coração; e bem que tenhas n'esse tribunal a tua belleza por advogada, o meu ciume e justo resentimento, que são os juizes, te condemnam ás perpetuas galés do desprezo; e só te poderás livrar d'ellas, se appellares d'essa sentença para o poder moderador de minha cega paixão.

— Bravo, D. Gabriella! o sr. Joãosinho é sem duvida estudante de jurisprudencia?

— Não; é Doutor.

— Bem mostra pelo bem que escreve.

— Mas eu sou bem tola! conto tudo o que me succede, e ninguem me confia nada!

— Isso é razoavel: (disse D. Clementina) nós devemos pagar com gratidão a confiança de D. Gabriella. Eu começo declarando que estou compromettida com o sr. Philippe a deixar esta noite, em baixo da quarta roseira da rua do jardim que vai direita ao caramanchão, um embrulhosinho com uma trança de meus cabellos.

— Que asneira! porque não lhe entrega; ou não lh'o manda entregar?...

— Ora!... eu tenho muita vergonha... antes quero assim; até parece romantico.

— São caprichos de namorados! (falou D. Quinquina) havia tanto tempo para isso! mas enfim, de futilidades é que amor se alimenta. Querem vêr uma d'essas? o meu predilecto está de luto, e por isso exige que eu vá á festa de... com uma fita preta no cabello, em signal de sentimento: exige ainda que eu não valse mais, que eu não tome sorvetes para me não constipar, que não dê *Dominus tecum* a moço nenhum que espirrar ao pé de mim, e que jamais me

ria quando elle estiver sério: e a tudo isso julga elle ter muito direito por ser Tenente da Guarda Nacional! pois por isso mesmo ando agora de fita branca no cabello, váso todas as vezes que posso, tomo sorvetes até não poder mais, dou *Dominus Tecum* aos moços, mesmo quando elles não espiram, e não posso ver o sr. Tenente. Gusmão sério sem soltar uma gargalhada.

— Olhem lá o diabinho da sonsa!... (murmurou consigo mesmo Augusto em baixo da cama).

— E você, mana, não diz nada?... (perguntou ainda ella a D. Joanninha).

— Eu?... o que hei de dizer?... (respondeu esta) digo que ainda não amo.

— É a unica que ama devéras (pensou o estudante, a quem já doiam as cadeiras de tanto agachar-se).

— E o senhor Fabricio?... e o senhor Fabricio?... (exclamaram as tres).

— Pois bem (tornou D. Joanninha); é o unico de quem gosto.

— Mas que temos nós feito hoje n'esta ilha?... que triumphos havemos conseguido?... vaidade para o lado, moças bonitas como somos, devemos ter conquistado alguns corações!

— Juro que estou completamente aturdida com os protestos de eterna paixão do sr. Leopoldo (disse D. Quinquina); mas é uma verdadeira desgraça ser hoje moda ouvir com paciencia quanta frivolidade vem á cabeça — não direi á cabeça, porque parece que os tolos como que não a têm — porém aos labios de um dezenxabido namorado. O tal sr. Leopoldo... não é graça; eu ainda não vi estudante mais desestudavel.

— Você, D. Joanninha (accudiu D. Clementina), tem-se regalado hoje com o incomparavel Fabricio: não lhe gabo o gosto... só as perninhas que elle tem! ..

— Ora (respondeu aquella), ainda não tive tempo de olhar para as pernas... mas tambem você parece que não se arripia muito com a corcova do nariz de meu primo: confessemos, minha amiga, todas nós gostamos de ser conquistadoras.

— Pois confessemos... isso é verdade.

— Pela minha parte não digo nada: (assobiou D. Gabriela, mirando-se no espelho) mas enfim .. eu não sei se sou bonita; mas, onde quer que esteja, vejo-me sempre cercada de adoradores: hoje, por exemplo, tenho-me visto doida... perseguiram-me constantemente seis... era impossível ter tempo de mangar com todos a preceito.

— Mas, D. Gabriella, onde está o seu talento?...

— Pois bem, que se ponha outra no meu lugar.

— Alguns homens zombariam de doze de nós outras a um tempo... houve já um, que não teve vergonha de escrever isto em um papel:

N'um dia, n'uma hora,
No mesmo lugar
Eu gosto de amar
 Quarenta
 Cincoenta
 Sessenta :
Se mil forem bellas,
Amo a todas ellas.

— Que pateta! ..

— Que tolo!...

— Que vaidoso!...

— Essa opinião segue também o Augusto!

— Oh! .. e esse papelão?!

— Eil-as commigo (murmurou entre dentes o nosso estudante, estendendo o pescoço a modo de cágado).

— Como lhe fica mal aquella cabelleira!... assemelha-se muito a uma preguiça.

— Tem as pernas tortas...

— Eu creio que elle é corcunda.

— Não; aquillo é magreza.

— Forte impertinente! falando, é um Lucas...

— Ha de ser interessante dançando! ..

— Vamos nós tomal-o a nossa conta?

— Vamos: pensemos nos meios de zombar d'elle cruelmente...

— Pois pensemos...

Mas ellas não tiveram tempo de pensar, porque n'esse momento ouviu-se um grito de dôr, ao qual seguiu-se viva agitação no interior d'aquella casa, onde inda ha pouco só se respirava prazer e delicias. As quatro moças levantaram-se espantadas.

— Pareceu-me a voz da minha prima Carolina! (exclamou D. Joanninha).

— Coitada! que lhe succederia?...

Vamos vêr.

As quatro moças correram precipitadamente para fóra do quarto. Augusto, que não estava menos assustado, saíu de seu escondrijo, vestiu-se apressadamente, e ia por sua vez deixar aquelle logar, em que se vira em tantos apuros, quando deu com os olhos na carta do sr. Joãosinho, que com a pressa e agitação havia D. Gabriella deixado cair.

O estudante apanhou e guardou aquelle interessante papel: e com promptidão e cuidado poude, sem ser visto, escapar-se do gabinete.

Um instante depois foi cuidadoso de procurar saber a causa do rumor que ouvira.

O grito de dôr tinha sido com effeito soltado por D. Carolina.

XIII

Os quatro em conferencia

Ninguem se arreceie pela nossa travessa: o grito de dôr foi na verdade seu; mas, se alguém corre perigo, não é certamente ella. O caso é simples.

Morava com a sr.^a D. Anna uma pobre mulher, por nome Paula, muito estimada de todos, porque o era da despotasinha d'aquella ilha, de D. Carolina, a quem tinha servido de ama. Os desvelos e incommodos, que tivera na criação da menina, lhe eram sobejamente pagos pela gratidão e ternura da moça.

Ora todos se tinham ido para o jardim logo depois do jantar; mas o nosso amigo Keblerc achára justo e prudente

deixar-se ficar fazendo honras a meia duzia de lindas garrafas, das quaes se achava ternamente enamorado ; comtudo elle pensava que seria mais feliz, se deparasse com um companheiro que o ajudasse a requestar aquellas bellezas : era um amante sem zelos. Por infelicidade de Paula, o Allemão a lobrigou ao entrar n'um quarto ; chamou-a, obrigou-a a sentar-se junto de si, mostrou por ella o mais vivo interesse, e depois convidou-a a beber á saude de seu pai, e sua mãe e sua familia.

Não havia remedio, senão corresponder a brindes tão obrigativos. Depois não houve ninguem no mundo, a quem Keblerc não julgasse dever com a sua meia lingua dirigir uma saude : e como já estivesse um pouco impertinente, forçava Paula a virar copos cheios. Passado algum tempo, e muito naturalmente, Paula se foi tornando alegrezinha, e por sua vez desafiava Keblerc a fazer novos brindes : em resultado as seis garrafas foram-se. Paula deixou-se ficar sentada, risonha e immovel, junto á mesa, enquanto o Allemão, rubicundo e reluzente, se dirigiu para a sala.

Quando d'ahi a pouco a ama de D. Carolina quiz levantar-se, pareceu-lhe que estava uma nuvem diante de seus olhos ; que os copos dançavam, que havia duas mesas, duas salas, e tudo em dobro. Ergueu-se e sentiu que as paredes andavam-lhe á roda, que o assoalho abaixava-se e levantava-se debaixo dos pés. Depois . . . Não pode dar mais que dois passos ; cambaleou, e acreditando sentar-se n'uma cadeira, caíu com estrondo contra uma porta. Logo confusão e movimento . . . Ninguem ousou pensar que Paula, sempre sobria e inimiga de espiritos, se tivesse deixado embriagar ; e por isso correram alguns escravos para o jardim, gritando que Paula acabava de ter um ataque.

A primeira pessoa que entrou em casa foi D. Carolina, que, vendo a infeliz mulher estirada no assoalho, caíu sobre ella, exclamando com força : — Oh, minha mãe ! . . . — Foi este o seu grito de dôr.

Momentos depois Paula se achava deitada n'uma boa cama, e rodeada por toda a familia ; porém havia algazarra tal, que mal se entendia uma palavra.

— Isto foi o jantar que lhe deu na fraqueza (gritou uma avelhentada matrona, que se suppunha com muito geito para a medicina); é fraqueza complicada com o tempo frio... não vale nada... venha um copo de vinho!

E dizendo isto foi despejando meia garrafa de vinho na bocca da pobre Paula, que por mais que lepida e risonha o fosse engulindo a largos tragos, não pôde livrar-se de que a interessante Esculapia lhe entornasse boa porção pelos vestidos.

— São maleitas! (exclamava D. Violante, com toda a força de seus pulmões) são maleitas! quem lhe olha para o nariz diz logo que são maleitas! Eu já vi curar-se uma mulher, que teve o mesmo mal, com cauda de cobra moida torrada, e depois desfeita n'um copo d'agua tirada do pote velho com um coco novo e com a mão esquerda pelo lado da parede. É fazer isto já.

— São lombrigas! (gritava uma terceira).

— É ataque de estupor! (bradava a quarta senhora).

— É espirito maligno! (accudiu outra, que foi mais ouvida que as primeiras) é espirito maligno, que lhe entrou no corpo! venha quanto antes um padre com agua benta e seu breviario.

— Ora, para que estão com a tal azafama?... (disse uma senhora que acabava de entrar no quarto) não se vê logo que isto não passa de uma mona, que a boa da Paula tomou? Olhem; até tem o vestido cheio de vinho.

— Mona, não, senhora! (accudiu D. Carolina) a minha Paula nunca teve tão feio costume; e se está molhada com vinho, a culpa é d'esta senhora, que ha pouco lhe despejou meia garrafa por cima. Oh! é bem cruel que, mesmo vendose a minha dôr, digam semelhantes cousas!...

No meio de toda esta balburdia era de vêr-se o zelo e a solicitude da menina travessa!... observava-se aquella Moreninha de quinze annos que parecêra sómente capaz de brincar e ser estouvada, correndo de uma para outra parte, prevenindo tudo, e apparecendo sempre onde se precisava apressar um serviço ou accudir a um reclamo. Só cuidava de si quando devia enxugar as lagrimas.

Junto do leito appareceram os quatro estudantes. Curto foi o exame. O rosto e o bafo da doente bastaram para denunciar-lhes com evidencia a natureza da molestia.

— Isto não vale a pena (disse Filippe, em tom baixo a seus collegas); é uma mona de primeira ordem.

— Está claro: vamos socegar estas senhoras.

— Não tornou Filippe, sempre em voz baixa; aturdidas pelo caso repentino, e preocupadas pela sobriedade d'esta mulher, nenhuma d'ellas quer vêr o que está diante dos seus olhos, nem sentir o cheiro que lhes está entrando pelo nariz: minha irmã ficaria inconsolavel, brigaria connosco, e não nos acreditaria se lhe dissessemos que sua ama se embebedou; e portanto podemos aproveitar as circumstancias, zombar de todas ellas, e divertir-nos fazendo uma conferencia.

— Oh, diabo! . . . isso é do cathecismo dos charlatães!

— Ora não sejas tolo; não pareces estudante: devemos lançar mão de tudo o que nos possa dar prazer e não offenda os outros.

— Mas que iremos dizer n'esta conferencia, senão que ella está espirituosa de mais? perguntou Augusto.

— Diremos tudo o que nos vier á cabeça, ficando entendido que as honras pertenceram ao que maior numero de asneiras produzir: o caso é nos não entendam, ainda que tambem nos não entendamos.

— Ha de ser bonito (tornou Augusto) á vista de tanta gente, que por força conhecerá esta patacoada.

— Qual conhecer? aqui ninguem nos entende (tornou Filippe que voltando-se para os circumstantes, disse com voz theatralmente solenne:

“ Meus senhores, rogamos breves momentos de attenção: queremos conferenciar.”

Movimento de curiosidade.

Seguiu-se novo exame da enferma, no qual os quatro estudantes fingiram observar o pulso, a lingua, o rosto, e os olhos da enferma, auscultaram e percutiram-lhe o peito, e fizeram todas as outras pesquisas do costume.

Depois elles se collocaram em um dos angulos do quarto; Filippe teve a palavra. — Profundo silencio.

— Acabastes, senhores, de fazer-me observar uma enfermidade que não nos deixa de pedir sérias atenções, e sobre a qual eu vou respeitosa e modestamente submeter o meu juizo. Poucas palavras bastam. A molestia de que nos vamos occupar, não é nova para nós; creio mesmo, senhores, que qualquer de vós já a tem padecido muitas vezes. . .

— Está enganado.

— Não respondo aos apartes. Eu diagnostico uma bacchites. Concebe-se perfeitamente que as etesias desenvolvidas pela decomposição dos ethers espasmodicos e engendrados no alambique intestinal, uma vez que a compressão do diafragma lhes causa vibrações sympathicas, que os façam caminhar pelo canal colledoco até o peristotico dos pulmões. . .

— *C'est trop fort ! . . .*

— D'ahi passando á garganta, perturbam a chymificação da hematose, que por isso se tornando em lymphá hemostática, vá de um jacto causar um tricocephalo no esphenoide, podendo mesmo produzir uma proctorrhagia nas glandulas de Meyer, até que, penetrando pelas camaras opticas, no sphincter do cerebello, causa um retrocesso prostatico, como pensam os modernos autores, e promova uma rebellião entre os individuos cerebraes : por consequencia isto é nervoso.

— Muito bem concluido

— O tratamento que proponho é concludente : algumas gotas de ether sulfurico n'uma taça de liquido fontaneo asucarado : o cosimento dos fructos do cofea arabica torrados ou mesmo o theasinensis : e quando isto não baste, o que julgo impossivel, as nossas lancetas estão bem afiadas, e duas libras de sangue de menos não farão falta á doente ; disse.

— Como elle fala bem (murmurou uma das moças).

Fabricio tomou a palavra,

— Sangue ! sempre sangue ! ! eis a medicina romantica do insignificante Broussais ! mas eu detesto tanto a medicina sanguinaria, como a estercoraria, herbaria, sudoraria, e todas as que acabam em aria. Desde Hippocrates, que foi o maior charlatão de seu tempo, até os nossos dias, tem triumphado

a ignorancia ; mas já enfim brilhou o sol da sabedoria . . . Hahnemann ! . . . ah ! . . . quebrai vossas lancetas, senhores ; para curar o mundo inteiro basta-vos uma botica homœopathica com o Amazonas ao pé ! queimai todos os vossos livros ; porque a verdade está só exclusivamente no alcorão de nosso Mafoma, no Organon do grande homem ! Ah ! se depois do divino systema morre por acaso alguem, é por se não ter ainda descoberto o meio de dividir em um milhão de partes cada simples atomo da materia ! Senhores, eu concordo com o diagnostico de meu collega ; mas devo combater o tratamento por elle offerecido. Uma taça de liquido fontaneo assucarado, e acidulado com algumas gotas de ether sulfurico, é capaz de envenenar a todos os habitantes da China : O mesmo direi do cosimento do cofea arabica . . .

— Mas porque não têm morrido envenenados os que por vezes o têm tomado ? . . .

— Eis ahi a consideração que os leva ao erro ! Senhor meu collega, é porque a acção malefica d'esses medicamentos não se faz sentir logo . . . ás vezes só apparece depois de cem, duzentos, e mais annos : eis a grande verdade ! . . . Mas eu tenho observações de molestias de natureza da que nos occupa, e que vão mostrar a superioridade do meu systema : ouçam-me. Uma mulher padecia este mesmo mal ; já tinha soffrido trinta sangrias, haviam-lhe mandado applicar mais de trezentas bichas, purgantes sem conta, vomitorios ás duzias, e tisanas aos milheiros ; quiz o seu bom genio que ella recorresse a um homœopatha, que com tres doses, das quaes cada uma continha apenas a trimillionesima parte de um quarto do grão de nihilitas nihilitatis, a poz completamente restabelecida ; e quem quizer póde ir vel-a na rua . . . É certo que não me lembro agora onde ; mas posso affirmar que ella mora em uma casa, e que hoje está nedia, gorda, com boas côres, e até remoçou, e ficou mais bonita. — Outro facto.

— Basta ! basta !

— Pois bem, basta ; e propondo a applicação da nihilitas nihilitatis na dose da trimillionesima parte de um quarto de grão, dou por terminado o meu discurso.

— O sr. Leopoldo tem a palavra.

— Senhores, eu devo confessar, que restam-me muitas duvidas a respeito do diagnostico, e portanto julgo util recorreremos ao magnetismo animal, para vermos se a enferma, levada ao somnambulismo, nos aclara sua enfermidade. Além d'isto eu tenho fé, de que não ha molestia alguma que possa resistir á maravilhosa applicação dos passes, que tanto abysmaram Paracelso e Kisker. Ainda mais: se o diagnostico do collega, que falou em primeiro lugar, é exacto, dobrada razão acho para sustentar o meu parecer ; porque emfim, se *similia similibus curantur*, necessariamente o magnetismo tem de curar a bacchites. Voto pois para que comecemos já a applicar-lhe os passes.

Seguiu-se o discurso de Augusto, que por longo de mais parece prudente omittir. Em resumo basta dizer que elle combateu as raras theorias de Philippe ; mas concordou com o tratamento por elle proposto, e falou com arte tal, que D. Carolina o escolheu para assistente de sua ama.

Augusto determinou as applicações convenientes ao caso ; mas, não tendo entrado no numero d'ellas a essencial lembrança de um escaldapés, caíu a tropa das mezinheiras sobre o desgraçado estudante que se viu quasi doido com a balburdia de novo alevantada no quarto.

— Menos ruido, minhas senhoras : (dizia o rapaz) isto póde ser fatal á doente.

— Ora . . . eu nunca vi negar-se um escaldapés !

— Ainda em cima de não lhe mandar applicar uma ajuda, esqueceu-se tambem do escaldapés.

— Sem um escaldapés, não respondo.

— Olhem como a doente está risonha, só por ouvir falar em escaldapés !

— Aquillo é presentissimo !

— Sr. Doutor, um escaldapés ! . . .

— Pois bem, minhas senhoras (disse Augusto para se vêr livre d'ellas) dêem-lhe o preconisado escaldapés !

E fugindo logo do quarto, foi pensando consigo mesmo que as cousas que mais contrariam o medico são — primeiro, a saude alheia ; segundo, um mau enfermeiro ; e por ultimo emfim, as senhoras mezinheiras.

XIV

Pediluvio sentimental

Ria-se, jogava-se, brincava-se: todos se haviam já esquecido da pobre Paula. Na verdade também que, por ter a ama de D. Carolina tomado seu copo de vinho de mais, não era justo que tantas moças e moços em boa disposição de brincar, e umas poucas de velhas determinadas a maçar meio mundo, ficassem a noite inteira pensando na carraspana da rapariga. E além disso quatro semi-doutores já haviam pronunciado favorável prognóstico; como pois se arrojaria Paula a morrer contra a ordem expressa dos quatro hippocratissimos senhores? Era por isso que todos brincavam alegremente, menos o sr. Keblerc, que diante de meia dúzia de garrafas vazias roncava prodigiosamente: grande Allemão para roncar! . . . era uma escala inteira que elle solfejava, com bemoes, bequadros e sustentidos! . . . dir-se-hia que entoava um hymno . . . a Baccho.

Os rapazes estavam nos seus geraes; a principio, como é seu velho costume, haviam festejado, cumprimentando, e applaudido as senhoras idosas que se achavam na sala, principalmente aquellas que tinham trazido consigo moças: mas passada meia hora, adeus etiquetas e ceremonias! . . . Estabeleceu-se um cordão sanitario entre a velhice e a mocidade; a sr.^a D. Anna achou occasião opportuna para ir dar ordens ao chá; D. Violante occupou-se em desenvolver a um velho roceiro os meios mais adequados para se preencher o *deficit* provavel do Brasil para o anno financeiro de 44 a 45, sem augmentar os direitos de importação, nem crear impostos, abolindo-se pelo contrario a decima urbana. Já se vê que D. Violante tinha casas na cidade. Restavam quatro senhoras, que jularam a proposito jogar o embarque, que na verdade as divertia muito com o episodio do az gallar o sete; havia emfim outra mesa, em que alguns senhores, viuvos, casados e velhos pais perdiam ou ganhavam dinheiro no *ecarté*, jogo muito bonito e muito variado, que nos vieram ensinar os senhores francezes, — grandes inventores sem duvida! . . .

A rapazia empregava melhor o seu tempo: tambem jogava, mas na sua roda não havia nem mesa, nem cartas, nem dados. O seu jogo tinha um director, que, excepção de regra entre os mais, não podia ter menos de cincoenta annos: era um homem de estatura muito menos que ordinaria, tinha o rosto muito vermelho, cabellos e barvas ruivas; gordo, de pernas arqueadas, ajuntava ao ridiculo de sua figura muito espirito; não estava bem se não entre rapazes; por felicidade d'elles sempre se encontra d'esses. Tal o director da roda dos moços. O sr. Baptista, este o seu nome, era fertile em jogos; quando um aborrecia, vinha logo outro melhor. Já se havia jogado o do toucador, e o do enfermo. O terceiro agradou tanto, que se repetia pela duodecima vez com applauso geral, principalmente das moças: era sem mais nem menos o jogo da palhinha.

Caso celebre! . . . Já se viu que coincidencia! . . . ora expliquem, se são capazes. Tem-se jogado a palhinha doze vezes, e em todas doze tem a sorte feito com que Philippe abraça D. Clementina, e Fabricio D. Joanninha! e sempre no fim de cada jogo qualquer das duas recua um passo, e fazendo-se córadinha exclama:

— Quantos abraços! . . . pois outra vez? . . .

— Eu já não dei ainda agora? . . . ora isto! . . .

Entre os rapazes porém ha um, que não está absolutamente satisfeito: é Augusto. Será porque no tal jogo da palhinha tem por vezes ficado viuvo? . . . não; elle esperava isso como castigo da *sua inconstancia*. A causa é outra: a alma da ilha de . . . não está na sala. Augusto vê o jogo ir indo seu caminho muito em ordem, não se rasgou ainda nenhum lenço. Philippe ainda não gritou com a dôr de nenhum beliscão, tudo se faz em regra e muito direito; a travessa, a inquieta, a buliçosa, não está ahi: D. Carolina está ausente.

Com effeito Augusto, sem amar D. Carolina (elle assim o pensa) já faz d'ella idéa absolutamente diversa da que fazia ainda ha poucas horas: agora, segundo elle, a interessante Moreninha é na verdade travessa: mas a cada travessura ajunta tanta graça, que tudo se lhe perdôa. D. Carolina é o prazer em ebullicão. Se é inquieta e buliçosa, está em

sel-o a sua maior graça: aquelle rosto moreno, vivo e delicado, aquelle corpinho, ligeiro como a abelha, perderia metade do que vale, se não estivesse em continua agitação. O beija-flôr nunca se mostra tão bello, como quando se pendura na mais tenue flôr, e voeja nos ares: D. Carolina é um beija-flôr completo. N'este momento a sr.^a D. Anna entrou na sala, e depois, dirigindo-se á grande varanda da frente, sentou-se defronte do jardim. Baptista acabava de dar fim ao jogo da palhinha, e começava novo: Augusto pediu que o dispensassem, e foi ter com a dona da casa.

— Não joga mais, sr. Augusto? (disse ella).

— Por ora não, minha senhora.

— Parece-me pouco alegre.

— Ao contrario . . . estou satisfeitissimo.

— Oh! seu rosto mostra não sentir o que dizem seus labios: se aqui lhe falta alguma coisa . . .

— Na verdade que aqui não está tudo, minha senhora.

— Então que faltá? . . .

— A sr.^a D. Carolina.

A boa senhora riu-se com satisfação; seu orgulho de avó acabava de ser incensado; era tocar-lhe no fraco.

— Gosta de minha neta, sr. Augusto?

— É a delicada borboleta d'este jardim (respondeu elle, mostrando as flôres).

— Vá buscal-a (disse a sr.^a D. Anna, apontando para dentro).

— Minha senhora, tanta honra! . . .

— O amigo de meu neto deve merecer minha confiança: esta casa é dos meus amigos e tambem dos d'elle. Carolina está sem duvida no quarto de Paula; vá vel-a, e consiga arrancal-a de junto de sua ama.

A sr.^a D. Anna levou Augusto pela mão até ao corredor, e depois o empurrou brandamente:

— Vá (disse ella) e receba isso como a mais fraca prova de minha estima para com o amigo de meu neto.

Augusto não esperou ouvir nova ordem, endireitou para o quarto de Paula com presteza e alegria. A porta estava cerrada, abriu sem ruido, e parou no limiar.

Tres pessoas havia n'esse quarto: Paula deitada, e abatida

sob o peso de sua soffrivel mona, era um objecto triste, e talvez ridiculo, se não padecesse; a segunda era uma escrava, que acabava de depor junto do leito a bacia em que Paula deveria tomar o pediluvio recommendado, objecto indifferente; a terceira era uma menina de quinze annos, que desprezava a sala em que borbulhava o prazer, pelo quarto em que padecia uma pobre mulher: este objecto era nobre! . .

D. Carolina e a escrava tinham as costas voltadas para a porta, e por isso não viam Augusto: Paula olhava, mas não via, ou antes não sabia o que via.

— Anda, Thomazia, dá-lhe o escaldapés (disse D. Carolina).
Pela sua voz conhecia-se que tinha chorado.

A escrava abaixou-se, puxou os pés da pobre Paula; depois, pondo a mão n'agua, tirou-a de repente, e saccudindo-a.

— Está fervendo! . . . (disse).

— Não está fervendo: (respondeu a menina) deve ser bem quente; assim disseram os moços.

A escrava tornou a pôr a mão, e de novo retirou-a com presteza tal, que bateu com os pés de Paula contra a bacia.

— Estonteadada! . . . sae . . afasta-te (exclamou D. Carolina, arregaçando as mangas de seu lindo vestido).

A escrava não obedeceu.

— Afasta-te d'ahi (disse a menina com tom imperioso) e abaixou-se no lugar da escrava, tomou os pés de sua ama, apertou-os contra o peito chorando, e começou a banhal-os.

Bello espectáculo era o vêr essa menina delicada curvada aos pés de uma rude mulher, banhando-os com socego, mergulhando suas mãos, tão finas, tão lindas, n'essa mesma agua que fizera lançar um grito de dôr á escrava, quando ahi tocára de leve com as suas, tão grosseiras e callejadas! . . Os ultimos vislumbres das impressões desagradaveis, que ella causára a Augusto, de todo se esvairam. Acabou-se a criança estouvada. . . ficou em seu lugar o anjo de candura.

Mas o sensivel estudante viu as mãosinhas tão delicadas da piedosa menina já roxas e adivinhou que ella estava engulindo suas dôres para não gemer; por isso não poude sustenter-se, e adiantando-se, disse:

— Perdõe, minha senhora.

— Oh?... o senhor estava ali!

— E tenho testemunhado tudo!

A menina baixou os olhos confusa, e apontando para a doente, disse:

— Ella me deu de mammar.

— Mas nem por isso deve a senhora condemnar suas lindas mãos a serem queimadas, quando algum dos muitos escravos, que a cercam poderia encarregar-se do trabalho em que a vi tão piedosamente occupada.

— Nenhum o fará com geito.

— Experimente.

— Mas a quem encarregarei?

— A mim, minha senhora.

— O senhor falava de meus escravos...

— Pois nem para escravo eu presto?

— Senhor!...

— Veja se eu sei dar um pediluvio...

E n'isto o estudante abaixou-se e tomou os pés de Paula enquanto D. Carolina junto d'elle, o olhava com ternura.

Quando Augusto julgou que era tempo de terminar, a juveninha recebeu os pés de sua ama, e os envolveu na toalha.

— Agora deixemol-a descansar (disse o moço).

— Ella corre algum risco?... (perguntou a menina).

— Affirmo que acordará amanhã perfeitamente boa.

— Obrigada!

— Quer dar-me a honra de acompanhal-a até á sala? (disse Augusto, offerecendo sua mão direita á bella Moreninha).

Ella não respondeu, mas olhou-o com gratidão: e acciando o braço do mancebo, deixou o quarto de Paula.

XV

Um dia em quatro palavras

Ao romper do dia de Sant'Anna estavam todos na ilha de... descansando nos braços do somno: era isso muito natural, depois de uma noite como a da vespera, em que tanto se havia brincado.

Com effeito os jogos de prendas tinham-se prolongado excessivamente: a chegada de D. Carolina e Augusto lhes deu ainda dobrada viveza e fogo. A bonita Moreninha tornou-se mais travessa do que nunca: mil vezes bulhenta, perturbava a ordem dos jogos, de modo que era preciso começar de novo o que já estava no fim; outras tantas rebelde, não cumpria certos castigos que lhe impunham; não deu um só beijo, e aquelle que atreveu-se a abraçal-a teve em recompensa um beliscão.

Finalmente ouviu-se a voz de — vamos dormir, — e cada qual tratou de fazer por conseguil-o. O ultimo que se deitou foi Augusto, e ignora-se o porque saíu de luz na mão a passear pelo jardim, quando todos se achavam accommodados: de volta do seu passeio nocturno, atirou-se entre Fabricio e Leopoldo e immediatamente adormeceu. Os estudantes dormiram juntos.

São seis horas da manhã e todos dormem ainda a somno solto. Um auctor póde entrar em toda parte, e pois . . . Não, não; alto lá! no gabinete das moças, não, senhor: no dos rapazes ainda bem. A porta está aberta. Eis os quatro estudantes estirados n'uma larga esteira: e como roncam?! Mas que faz o nosso Augusto? Ri-se, murmura phrases imperceptíveis, suspira . . . Então que é isso lá . . . dá um beijo em Fabricio; acorda espantado, e ainda em cima empurra cruelmente o mesmo a quem acaba de beijar . . .

Estava o nosso estudante sonhando que certa pessoa, de quem elle teve até aborrecimento, e que agora começa com os olhos travessos a fazer-lhe cocegas no coração, vinha ter-na e amorosamente despertal-o; que elle fingira continuar a dormir e ella se sentára á sua cabeceira; que, traquinas como sempre, em vez de chamal-o, queria rir-se acordando-o pouco a pouco; que para isso approximava seu rosto do d'elle e assoprando-lhe os labios, ria-se ao vêr as contracções, que produzia a titillação causada pelo sopro; que elle, ao sentir tão perto dos seus os lindos labios d'ella, estava ardentemente desejoso de furtar-lhe um beijo; mas que temia vel-a fugir ao menor movimento; que finalmente, não podendo mais resistir a seus fervidos desejos, assentára de, quando se

aproximasse o bello rosto, ir de um salto colher o voluptuoso beijo n'aquella boquinha de botão de rosa; que o rosto chegou a distancia de meio palmo, e . . . (Aqui parou o sonho e principiou a realidade) e elle deu um salto e, em lugar de pregar um terno beijo nos labios de D. Carolina, foi com toda a força e estouvamento bater com os beiços e nariz contra a testa de Fabricio; e, como se o pobre collega tivesse culpa de tal infelicidade, deu-lhe dois empurrões, dizendo:

— Sae-te d'ahi, peste! . . . ora quando eu sonhava com um anjo, acordo-me nos braços de satanaz! . . .

Corra-se porém um véu sobre quanto se passou até que se levantaram do almoço. A sociedade se dividiu logo depois em grupos; uns conversavam, outros jogavam; dois velhos ferraram-se no gamão; as moças espalharam-se pelo jardim, e os quatro estudantes tiveram a pessima lembrança de formar uma mesa de voltarete.

E apezar do poder todo da cachaça do jogo, de cada vez que qualquer d'elles dava cartas, ficava na mesa um logar vasio, e junto do arco da varanda que olhava para o jardim collocava-se uma sentinella. Já se vê que o voltarete não podia seguir marcha muito regular. Augusto, por exemplo, distraía-se com frequencia tal, que ás vezes passava com basto e espadilha, e era codilhado todas as mãos que jogava de feito. A Moreninha já fazia travessuras muito especiaes no coração do estudante; e elle, que se accusava de haver sido injusto para com ella, agora a observava com cuidado e prazer, para em compensação render-lhe toda a justiça. D. Carolina brilhava no jardim, e mais que as outras por graças e encantos que todos sentiam, e que ninguem poderia bem descrever. Confessava-se que não era bella; mas jurava-se que era encantadora. Alguem queria que ella tivesse maiores olhos; porém não havia quem resistisse á viveza de seus olhares. Os que mais apaixonados fossem da doce melancholia de certos semblantes, em que a languidez dos olhos, e brandura de custosos risos estão exprimindo amor ardente e sentimentalismo, concordariam por força que no lindo rosto moreno de D. Carolina nada iria melhor, do que o prazer que n'elle transluz e o sorriso engraçado e pi-

cante, que de ordinario enfeita seus labios; além d'isto sempre em brincadora guerra com todos, e em interessante contradicção comsigo mesma, ella a um tempo solta um ai e uma risada, graceja fazendo-se de grave, fala jurando não dizer palavra, apresenta-se escondendo-se, sempre quer já-mais querendo. Nunca tambem se havia mostrado a Moreninha tão jovial e feiticeira; mas para isso boas razões havia: esse era o dia dos annos da sua querida avó, e a pobre Paula, sua estimada ama, estava completamente restabelecida.

Eis uma deliciosa invasão! . . . dez moças entram de repente na varanda, e n'um momento tudo se confunde e amotina: D. Carolina atira no meio da mesa de voltarete uma mão cheia de flôres; enquanto Filippe faz tenção de dirigir-lhe um discurso admoestador, ella furta-lhe a espadilha, e vôa, para tornar a apparecer logo depois. É impossivel continuar assim: dá-se por acabado o jogo, e a Moreninha, á custa de um unico sorriso, faz as pazes com o irmão.

— Parabens, sr.^a D. Joaquina (disse Augusto) já triumphou de uma de suas rivaes!

— Como? . . . perguntou ella.

— Ora, que esta minha prima nunca entende as figuras do sr. Augusto! (accudiu D. Carolina) explique-se, sr. doutor!

— Sua prima, minha, senhora, a aurora e a rosa disputam sobre qual primára na viveza da côr; e eu vejo que ella já tem presa no cabello uma das duas rivaes.

— Eu o encarrego com prazer da guarda fiel d'esta minha competidora . . . seja o seu carcereiro! (disse D. Quinquina querendo tirar uma linda rosa do cabello, para offerecel-a a Augusto).

— Oh! minha senhora! seria um cruel castigo para ella, que se mostra tão vaidosa.

— Pois rejeita? . . .

— Certo que não; acceito, mas rogo um outro obsequio

— Qual? . . .

— Que por ora lhe conceda seus cabellos por homenagem.

— Pois bem será satisfeito! eu guardarei a sua rosa.

— Mas cuidado não haja quem liberte a bella captiva.

— Protesto que a hei de furtar (acrescentou D. Carolina)

— Desafio-lhe a isso (respondeu-lhe a prima).

Então começou uma lucta de ardis e cuidados entre a Moreninha e D. Quinquina. Aquella já tinha debalde esgotado quantos estratagemas lhe poude suggerir seu fertil espirito e emfim, fingindo-se fatigada, veiu conversar junto de D. Quinquina, que não menos viva conservava-se na defensiva.

Depois de meia hora de habil affectação, a menina travessa, com um rapido movimento, fez cair o leque de sua adversaria; Leopoldo abaixou-se para levantá-lo, e D. Quinquina, um instante desapercibida, curvou-se tambem, e soltou logo um grito sentindo a mão da prima sobre a rosa: com a sua foi accudir a esta: houve um conflito entre duas finas mãosinhas, que mutuamente se beliscaram; e em resultado desfolhou-se completamente a rosa.

— Morreu a bella captiva! . . . morreu a pobre captiva! . . . (gritaram as moças).

— D. Carolina está criminosa! (disse D. Clementina).

— Vai ao jury, minha senhora!

— É verdade; vamos leval-a ao jury!

A idéa foi recebida com applauso geral: só Philippe se oppoz.

— Não! não! (disse elle) Carolina é muito rebelde; se fosse condemnada, não cumpriria a sentença.

— Oh, maninho! não diga isso.

— Você jura obedecer! . . .

— Eu juro por você.

— Tanto peor: era mais um motivo para se tornar perjura.

— Pois bem; dou a minha palavra; não é sufficiente?

— Basta! basta!

Organizou-se o jury: Fabricio foi encarregado da presidencia: um outro moço serviu de escrivão, e cinco moças saíram por sorte para juradas: D. Clementina terá de ser a relatora da sentença. A Augusto declararam suspeito na causa. Filipe foi escolhido para advogado da ré, e Leopoldo da auctora. A sessão começou.

Longo fôra enumerar tudo o que se passou em duas horas muito agradaveis, e por isso muito breves tambem. Toda a companhia veiu tomar parte n'aquelle divertimento improvisado, e até, quem o diria? os dois velhos deixaram

o taboleiro do gamão. Resuma-se alguma coisa. As testemunhas foram D. Gabriella e uma outra, que deram provas de bastante espirito : o interrogatorio de D. Carolina fez rir a quantos o ouviram. O debate dos advogados esteve curioso.

Leopoldo accusou a ré, demonstrando que tinha havido a circumstancia aggravante da premeditação, e que o crime se tornava ainda mais feio por ser causado pelo ciume ; procurou provar que D. Carolina, conscia de seus encantos e belleza, queria ser senhora absoluta de todos os corações, e até de todos os seres ; que ella se enchêra de zelos suppondo com razão que Augusto dêsse subido valor á rosa, por lhe ser dada por uma moça bella, como a auctora, e emfim que o crime da ré era excessivo, que já da tarde antecedente jurára a perda d'aquella flôr, por desconfiar que o Zephiro brincava mais com ella, do que com seus olhos.

Filippe não se deixou ficar atraz. Argumentou dizendo que era impossivel decidir que mão tinha dado a morte á bella captiva : que não houvera premeditação, porque a ré não quizera matar, mas sim libertar ; que, se havia crime, só o commettêra a auctora por prender uma innocente flôr ; e que por ultimo, ainda quando fosse a ré a que desfolhára a rosa, e mesmo dando-se o proposito de o fazer, dever-se-hia attribuir tal acção á piedade ; pois que D. Quinquina a estava matando pouco a pouco com veneno da inveja, collocando-a tão perto de suas faces, que tanto a venciam em rubor e viço. As juradas recolheram-se ao *toilette*, e cinco minutos depois voltaram com a sentença, que foi lida por D. Clementina. O jury declarou D. Carolina criminosa, e a condemnou a indemnizar o dono da rosa com um beijo.

— Para fazer tal (disse a ré), não carecia eu da sentença do jury ; tome um beijo, minha prima.

— Não é a mim que o deve dar (respondeu a auctora) ; o dono da rca é o sr. Augusto.

De rosa se fez o rosto de D. Carolina.

— O beijo ! o beijo ! (gritaram as juradas). Você deu sua palavra ! Ella hesitou alguns momentos . . . depois approximou-se de Augusto, e com seu sorriso feliceiro nos labios, disse :

— O senhor me perdôa ! . . .

— Não ! não ! não ! (clamaram de todos os lados).

Mas a menina parecia contar com o poder de seus labios ; porque, sorrindo-se ainda do mesmo modo, tornou a perguntar com meiguice e ternura :

— Me perdôa ? . . .

— Não, não !

— Porém como resistir ao seu sorriso ! como dizer que não a quem pede como ella ? (exclamou Augusto enthiasmado).

D. Carolina estava pois perdoada.

— Agradecida ! (disse ella, com vivo accento de gratidão) e estendeu sua dextra para Augusto, que, não podendo ceder tudo com tão criminoso desinteresse, tomou entre as suas aquella mãosinha de cherubim, e fez estalar sobre ella o beijo mais gostoso, que tinham até então dado seus labios.

A manhã d'este dia foi assim passada ; e a tarde votou-se aos preparativos do sarau.

XVI

O sarau

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, do telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer ; o diplomata ajusta, com o copo de champagne na mão, os mais intrincados negocios ; todos murmuram, e não ha quem deixe de ser murmurado ; o velho lembra-se dos minuets e das cantigas do seu tempo, e o moço gosa todos os regalos da sua epocha ; as moças são no sarau como as estrellas no céu estão no seu elemento, aqui uma cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas azas dos applausos, por entre os quaes surde ás vezes um bravissimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida do *ecarté*, mesmo na occasião em que a moça se espiça completamente, desalinando um sustenido ; d'ahi a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslisando pela sala, e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objectos innocen-

tes, que movem olhaduras e risadinhas apreciaveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensacca nos bolsos meia bandeja de doce que veio para o chá, e que ella leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Alli vê-se um ataviado *dandy*, que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem bocca, porque para alguns é regra, durante elle, pensar pelos pés ; falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos n'um sarau : innumerous ba-téis conduziram da Côrte para a ilha de. . . senhoras e senhores recommendaveis por character e qualidade: alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto. Entre todas essas elegantes e agradaveis moças, que com aturado empenho se esforçam por vêr qual d'ellas vence em graças, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princeza d'aquella festa.

Habil menina é ella ! nunca seu amor proprio produziu com tanto estudo seu toucador, e comtudo dir-se-hia que o genio da simplicidade a penteára e vestíra. Emquanto as outras moças haviam esgotado a paciencia de seus cabelleireiros, posto em tributo toda a habilidade das modistas da rua do Ouvidor, e coberto seus collos com mais ricas e preciosas joias, D. Carolina dividiu seus cabellos em duas tranças que deixou cair pelas costas ; não quiz ornar o pescoço com seu adereço de brilhantes, nem com seu lindo collar de esmeraldas ; vestiu um finissimo, mas simples vestido de garça, que até peccava contra a moda reinante por não ser so-bejamente comprido : e vindo assim apparecer na sala, arrebatou todas as vistas e atenções.

Porém, se um attento observador a estudasse, descobriria que ella adrede se mostrava assim para ostentar as longas e ondeadas madeixas negras, em bello contraste com a alvura de seu vestido brando: para mostrar todo nú elevado collo de alabastro, que tanto a formoseia ; e que seu peccado contra a moda reinante não era se não um meio subtil, de que se aproveitára para deixar vêr o pésinho mais bem feito e mais

pequeno, que se póde imaginar. Sobre ella estão conversando agora mesmo Fabricio e Leopoldo; terminam sem duvida a sua pratica; não importa; vamos ouvil-os.

— Está encantadora!. . (repetiu pela quarta vez aquelle).

— Danças com ella? perguntou Leopoldo).

— Não: já estava engajada para doze quadrilhas.

— Oh! lá vai ter com ella o nosso Augusto. Vamos apreciar-o.

Os dois estudantes approximaram-se de Augusto, que acabava de rogar á linda Moreninha a mercê da quadrilha.

— Leva de taboa; (disse Fabricio ao ouvido de Leopoldo) é a mesma que eu lhe havia pedido.

Mas a jovensinha pensou um momento, antes de responder ao pretendente: olhou para Fabricio, e com particular mover de labios pareceu mostrar-se descontente; depois riu-se e respondeu a Augusto:

— Com muito prazer.

— Mas, minha senhora (disse Fabricio, vermelho de despeito, e aturdido com um beliscão que lhe dera Leopoldo) ha cinco minutos já estava engajada até a duodecima.

— É verdade; (tornou D. Carolina) e agora só acabo de ratificar uma promessa: o sr. Augusto poderá dizer se hontem pediu-me, ou não a terceira contradança.

— Juro. . . (balbuciu Augusto. . .)

— Basta! (accudiu Fabricio), é inutil qualquer juramento de homem, depois das palavras de uma senhora.

Fabricio e Leopoldo retiraram-se; D. Carolina, que tinha illudido o primeiro, vendo brilhar o prazer na face de Augusto, e temendo d'aquella occorrença tirasse este alguma explicação lisongeira de mais, quiz applicar um correctivo, e erguendo-se tomou o braço de Augusto, a quem disse: seio, disse:

— Agradeço-lhe a condescendencia com que ia tomar parte na minha mentira. . . foi necessario que eu praticasse assim; quero antes dançar com qualquer, do que com aquelle seu amigo.

— Offendeu-lhe, minha senhora?

— Não; mas disse-me coisas que não quero saber.

- Então . . . que diz elle ? . . .
- Fala tantas vezes em amor . . .
- Meu Deus ! é um crime que eu tenho estado bem perto de commetter !
- Pois bem ; foi esta a unica razão.
- Mas eu temo perder a minha contradança . . . alguns momentos mais, e serei réu como Fabricio.
- A culpa será de seus labios.
- Antes dos seus olhos, minha senhora.
- Cuidado, sr. Augusto ! lembre-se da contradança !
- Pois será preciso dizer que a detesto ? . . .
- Basta não dizer que me ama.
- É não dizer o que sinto ; eu não sei mentir.
- Ainda ha pouco ia jurar falso . . .
- Nas palavras de um anjo, ou de uma . . .
- Acabe.
- Tentaçãosinha.
- Perdeu a terceira contradança.
- Misericordia ! eu não falei em amor ! . . .

N'este momento a orchestra assignalou o começo do sarau. É preciso antecipar que nos não vamos dar ao trabalho de descrever este. É um sarau como todos os outros ; basta dizer o seguinte : Os velhos lembraram-se do passado ; os moços aproveitaram o presente ; ninguem cuidou do futuro. Os solteiros fizeram por lembrarem-se do casamento ; os casados trabalharam por esquecer-se d'elle. Os homens jogaram, fallaram em politica, e requestaram as moças ; as senhoras ouviram finezas, trataram de modas, e criticaram desapiedadamente umas das outras. As filhas deram carreirinhas ao som da musica ; as já mais idosas receberam cumprimentos por amor d'aquellas ; as avós, por não ter que fazer, nem que ouvir, levaram todo o tempo a endireitar as toucas e a comer doce. Tudo esteve debaixo d'estas regras geraes : só resta dar conta das seguintes particularidades.

D. Carolina sempre dançou a terceira contradança com Augusto ; mas para isso foi preciso que a sr.^a D. Anna empenhasse todo o seu valimento. A tyranna princezinha da festa esteve realmente desapiedada ; não quiz passear com o

estudante. A interessante D. Violante fez o diabo a quatro tomou doze sorvetes, comeu pão-de-ló como nenhuma, tocou em todos os doces, obrigou alguns moços a tomal-a por par, e até dançou uma walsa de corropio.

Augusto apaixonou-se por seis senhoras, com quem dançou : o rapaz é incorrigivel. E assim tudo mais.

Agora são quatro horas da manhã ; o sarau está terminado; os convidados vão retirando-se; e nós, entrando no *toilette*, vamos ouvir quatro bellas conhecidas nossas, que conversam com ardor e fogo.

— É possível ?... (exclamou D. Quinquina, dirigindo-se a sua mana) Pois é verdade que esse sr. Augusto lhe fez uma declaração de amor !...

— Como quer que lhe diga, maninha ! . “Asseverou que meus olhos pretos davam a sua alma mais luz, do que a seus olhos todos os candelabros da sala n'esta noite, e mesmo do que o sol nos dias mais brilhantes... palavras d'elle.

— Que insolente !... (tornou D. Quinquina) elle mesmo, que me jurou ser a mais bella a seus olhos, e a mais cara a seu coração; porque meus cabellos eram fios d'ouro, e a côr das minhas faces o rubor de um bello amanhecer?... palavras d'elle.

— Que atrevido !... (bradou D. Clementina) o proprio que affirmou ser-lhe impossivel viver sem alentar-se com a esperança de possuir-me; porque eu sabia ferir corações com minhas vistas e curar profundas maguas com meus sorrisos !... palavras d'elle.

— Oh! que moço abominavel (disse por sua vez D. Gabriella) e ousou dizer-me que me amava com tão subida paixão que, se fôra por mim amado, e pudesse desejar e pedir algum extremo, não me pediria, como a outras, para beijar-me a face; porque das virgens do Céu sómente se beijam os pés, e de joelhos!... palavras d'elle.

— Mas isto é um insulto feito para todas nós !...

— Como se estará elle rindo !...

— Qual ! se elle está apaixonado . . .

— Apaixonado ? . . . e por quem ? . . .

— Por nós quatro talvez por outras mais: elle pensa assim.

- Que maldito brasileiro com alma de Mouro ! . . .
- E havemos de ficar assim ? . . .
- Não : (accudiu D. Joanninha) vamos ter com elle: desmascaremol-o . . .
- Isso é nada para quem não tem vergonha !
- Pois troquemos os papeis : finjamos que estavamos tratadas para desafiar-lhe os requebros . . . ridicularisemol-o como fôr possível . . .
- Sim . . . obriguemol-o a dizer qual de nós é a mais bonita ; cada uma lhe pedirá um anel de seus cabellos . . . uma prenda . . . uma lembrança . . . ponhamol-o doido . . .
- Muito bem pensado ! vamos ! . . .
- Deus nos livre ! á vista de tanta gente ! . . .
- Então quando, e aonde ? . . .
- Uma ideia ! . . . escreva-se uma carta anonyma convidando-o para estar ao romper do dia na gruta.
- Bravo ! então escreva . . .
- Eu não ; escreva você . . .
- Deus me defenda ! escreva D. Gabriella, que tem boa letra . . .

— Então nenhuma escreve.

— Pois tiremos por sorte !

A idéa foi recebida com approvação : e a sorte destinou para secretaria D. Clementina, que, tirando de seu album um lapis e uma tira de papel, escreveu sem hesitar : “ Senhor : Uma joven que vos ama, e que de vós escutou palavras de ternura, tem um segredo a confiar-vos : ao raiar da aurora a encontrareis no banco de relva da gruta ; sêde circumspecto, e vereis a quem por meia hora ainda quer ser apenas — Uma incognita.”

— Bem (disse D. Quinquina) ; eu me encarrego de fazer-lhe receber a carta ; saiâmos.

As quatro moças iam sair quando um suspiro as suspendeu : mais alguém estava no *toilette*. D. Joanninha, medrosa de que uma testemunha tivesse presenciado a scena que se acabava de passar, voltou-se para o fundo do gabinete, e o susto para logo se lhe dissipou.

— Vejam como ella dorme ! . . . (disse).

Com effeito, recostada em uma cadeira de braços, D. Carolina estava profundamente adormecida.

A Moreninha se mostrava na verdade encantadora no molle descuido de seu dormir: á mercê de um doce resfolegar, os desejos se agitavam entre seus seios: seu pésinho bem á mostra, suas tranças dobradas no collo . . . seus labios entre-abertos e como por costume amoldados áquelle sorrir, cheio de malicia e de encanto, que já lhe conhecemos; e finalmente suas palpebras cerradas e coroadas por bastos e negros supercilios, a tornavam mais feiticeira que nunca.

D. Clementina não poudo resistir a tantas graças; correu para ella . . . dois rostos angelicos se approximaram . . . quatro labios côr de rosa se tocaram, e este toque fez acordar D. Carolina. Um beijo tinha despertado um anjo; se é que o anjo realmente dormia.

XVII

Foram buscar lã, e saíram tosquiadas

Se houve alguém que quizesse servir a D. Quinquina, ou se foi ella mesma quem poz a carta anonyma no bolso da jaqueta de Augusto, é cousa que pouco interesse dá: o certo é que o estudante, indo tirar o lenço para assoar-se, achou o interessante escriptinho. Então correu logo para um logar solitario, e só depois de devorar o convite sem assignatura foi que lembrou-se que ainda não se havia assoado, e que o pingo estava cae não cae na ponta do nariz: emfim, ainda com o lenço accudiu a tempo, e depois entendeu que, para melhor decidir o que lhe cumpria fazer n'aquella conjuntura, deveria avivar o cerebro sorvendo uma boa pitada de rapé: portanto lançou a mão ao segundo bolso de sua jaqueta, eis que lhe sae com a caixa do bom princeza um outro escriptinho, como o primeiro.

— Bravo! (exclamou o nosso estudante) temiveis mãosinhas seriam estas, se se dessem ao exercicio, não de encher, mas de vasar as algibeiras da gente.

E sem mais dizer, abriu e leu o escripto.

“Senhor. Uma moça, que nem é bonita nem namorada, mas que quer interessar-se por vós, entende dever prevenir-vos que no banco de relva da gruta não achareis ao amanhecer uma incognita; porém sim conhecidas, que pretendem zombar de vós, porque esta mesma noite jurastes amar a cada uma d'ellas em particular. Não procureis adivinhar quem vos escreve, porque, apezar de ser vossa amiga, serei por agora — Uma incognita.”

— Muito bonito! muito bonito!. . . (disse Augusto, beijando o bilhete) estou exactamente representando um papel de romance! mas quem sabe se ainda acharei mais cartas!. . .

E n'isto pensando, foi correndo um por um todos os bolsos de seus vestidos, sem esquecer o do relógio; e até passou os dedos por sua basta cabelleira, presumindo que talvez introduzissem alguma no enorme canudo de cabellos.

Porém nada mais havia; também duas cartas tão curiosas já eram de sobra em uma só noite. O estudante pensou no conteúdo de ambas, e ainda reflexionava se lhe cumpria fugir ou acceitar um certame com quatro moças, que elle adivinhava quaes eram, quando a primeira rosa da aurora se desabriu no horizonte. Augusto correu para a gruta encantada.

Chegando ao pé foi de mansinho se approximando, sentiu rumor, ouviu que alguém dizia em tom baixo:—Oh! se elle vier!

—Eil-o aqui, minhas bellas senhoras (exclamou o estudante que entendeu não lhes dever nunca dar tempo a tomar a offensiva); eis-me aqui!. . .

As moças, que estavam todas sentadinhas no banco de relva, como quatro pombas rolas enfiladas no mesmo galho, ergueram-se sobressaltadas ao vêr entrar inopinadamente o estudante. Era isso mesmo o que elle queria; pois continuou:

— As senhoras vêem que accudi de prompto ao honroso convite, e que me entusiasmo vendo quatro auroras em lugar de uma só! Bello amanhecer é este, sem duvida . . . mas exposto ao fogo abrazador de oito olhos brilhantes . . . eu me sinto arder. . . juro que tenho sêde. . . eis alli uma fonte. . . Mas, meu Deus, é a fonte encantada, que descobre os segredos de quem está commosco!. . . Bem! bem! melhor! uma gotta d'esta lympha de fadas!. . .

— O que é que elle está dizendo, mana (exclamou D. Quinquina apontando para Augusto, que tinha entre os labios o copo de prata).

— É preciso decidir-nos a começar (disse D. Gabriella).

— Principie você (disse D. Joanninha).

— Eu não; comece você.

— Eu não, que sou a mais moça.

Então o estudante, que tinha acabado de esgotar o seu copo de agua, voltou-se para ellas, e dando a seu rosto uma expressão animada, e a suas palavras estudado accento:

— Começo eu minhas senhoras (disse); e começo por dizer-vos que aquella fonte é realmente encantada: sim; eu tenho, á mercê de sua agua, adivinhado bellos segredos: escutai vós... Perdoai e consenti que trate assim, enquanto vos falar inspirado por um poder sobrenatural: vós viestes aqui para maltratar-me e zombar de mim por haver amado a todas vós n'uma só noite: que ingratição!... eu vos poderia perguntar como o poeta:

Assim se paga um coração amante?!

Mas desgraçadamente a fada que preside áquella fonte quer mais alguma coisa ainda, e me dá uma cruel missão! ordena-me que eu diga a cada uma de vós em particular algum segredo do fundo de vossos corações, para melhor provar os seus encantamentos. Pois bem; é preciso obedecer. Qual de vós quer ser a primeira?... Eu não ousou falar alto, porque pelo jardim talvez estejam passeando alguns profanos. Qual de de vós quer ser a primeira?...

Nenhuma se moveu.

— Será preciso que eu escolha?... (continuou o tagarella) escolherei... Illuminai-me, boa fada! Quem será?... será. . a sr.^a D. Gabriella.

— Eu?! (respondeu a menina, recuando).

— A senhora mesma (disse Augusto, trazendo-a pela mão para junto da fonte); vinde, senhora, para bem perto do lugar encantado: agora, silencio . . ouvi.

— Elle está mangando comnosco murmurou D. Clementina. Augusto já estava falando em voz baixa a D. Gabriella.

— Vós, senhora, ainda não amastes a pessoa alguma. Para

vós amor não existe, é um sonho apenas : só olhais como real a galanteria ; vós quereis zombar de mim, porque vos protestei os mesmos sentimentos que havia protestado a mais tres companheiras vossas; e todavia estais incursa em igual delicto, pois só por cartas vos correspondeis com cinco mancebos.

— Senhor! . . .

— Oh ! não vos impacientes : quereis provas ? . . Ha quatro dias, uma vendedeira de empadas, que se encarrega de vossas cartas, enganou-se na entrega de duas : trocou-as e deu, se bem me lembra a fada, a de lacre azul ao sr. Juca, e a de lacre verde ao sr. Joãosinho.

— Ora . . . ora, senhor ! quem lhe contou essas invenções?

— A fada ; e fez mais ainda. Vós não achareis em vosso album o escripto desesperado do sr. Joãosinho, que vos foi entregue no momento de vossa partida para esta ilha; sou eu que o tenho, a fada m'o deu ha pouco com sua mão invisivel.

— Impossivel ! disse D. Gabriella, recorrendo ao album).

Ella não podia encontrar o escripto.

— Sr. Augusto (disse então, toda vergonha e acanhamento) eu lhe rogo que me dê esse papel.

— Pois não quereis ouvir mais nada! . . .

— Basta o que tenho ouvido, e que não posso bem comprehender ; mas dê-me o que lhe pedi.

— D'aqui a pouco, senhora; na hora de minha partida para a Côrte: porém com uma condição.

— Póde dizel-a.

— Sois sobremaneira delicada, senhora; este excesso vos deve ser nocivo; quereis fazer-me o obsequio de ir descansar, e dar-me a honra de acceitar a minha mão até a porta da gruta?

— Com muito prazer,

Então os dois se dirigiram para fóra; passando junto das tres companheiras, D. Gabriella poude apenas dizer-lhes :

— Até logo.

Chegando á porta, Augusto, falou já em outro tom :

— Minha senhora, espero que me faça a justiça de creer que fico extremamente penalizado por não poder dilatar por mais tempo a gloria de acompanhal-a; mas sabe o que ainda tenho de fazer.

— Obrigada (respondeu D. Gabriella) não poupe as outras. Não é possível bem descrever a admiração das tres. Augusto chegou-se a D. Quinquina, e tomando-lhe a mão disse:

— Minha senhora, é chegada a vossa vez.

D. Quinquina deixou-se levar para junto da fonte: as moças tinham perdido toda a força; o que diante d'ellas se passava pedia uma explicação que não estava ao seu alcance dar. Augusto começou:

— Senhora, eu poderia dizer-vos, pelo que me conta a boa fada, que vós sois como as outras de vossa idade, tão volueis como eu; mas para tal saber não precisava eu beber da agua encantada; podia tambem gastar meia hora em falar-vos do vosso galanteio com um Tenente da Guarda Nacional, por nome Gusmão . .

— Senhor! . . .

— Por nome Gusmão, que leva o seu despotismo amoroso ao ponto de exigir que não valseis, que não tomeis sorvetes, que não deis *Dominus Tecum* quando ao pé de vós espirrar algum moço, e que não vos riais quando elle estiver sério.

— Quem lhe disse isto, senhor.

— A fada, senhora; e ainda me disse mais: por exemplo, contou-me que no baile d'esta noite, passeando com um velho militar, vós recebestes da mão d'elle um lindo cravo, e a seus olhos o escondestes, com gesto apaixonado, no palpitante seio, mas d'ahi a um quarto de hora essa mesma flôr, tão ternamente acceita, deveria ir parar ao bolso de um bello joven, chamado Lucio, se acaso não fosse roubada pela fada que preside esta fonte.

— Eu não entendo nada do que o senhor está dizendo: isso não é commigo.

— Eu me explico: o sr. Lucio viu ser dado e recebido o presente, e fingindo-se zeloso, vos pediu esse cravo, muito notavel, porque, além da flôr aberta, havia sete flôres em botão: ora dizei, não é verdade? Pois o sr. Lucio queria esse cravo; mas vós lh'o não podieis dar, porque o velho militar não tirava os olhos de vós; ora conversando com o sr. Lucio, accordastes ambos que elle iria esperar um instante no jardim, e que um pequeno escravo, por nome Tobias, lhe

levaria a flôr ; e como o tal Tobias ainda não conhecia o sr. Lucio, este lhe daria por senha as seguintes palavras — sete botões ; — não foi assim ? . . .

D. Quinquina guardou silencio : tudo era verdade ; ella estava côr de nacar ; Augusto proseguiu :

— Isto se passou estando vós na grande varanda, sentados em um banco, e com as costas voltadas para uma janella da sala do jogo ; ora, a fada esteve recostada a essa janella, ouviu quanto dissetes, e como lhe é dado tomar todas as figuras, tomou a do moço, foi ao jardim, e quando viu o Tobias, disse — sete botões — ; e o cravo foi logo da fada, e é agora meu ; eil-o aqui.

— Isto é uma invenção ; eu não conheço essa flôr.

— Bem : então consentireis que eu a traga esta manhã no meu peito ? . . . Se não confessais, eu a mostrarei . . . O senhor Coronel ainda se não retirou, e . . .

— Perdôe-me (balbuciou emfim D. Quinquina, deixando cair uma lagrima na mão de Augusto) dê-me esse maldito cravo.

— Eu vol-o darei quando partir porém ouvi mais.

-- Basta.

— Pois bem, basta ; mas eu vejo que vossa face está humedecida ; seria uma lagrima, se o relento da noite não molhasse tambem a rosa. Quereis descançar sem duvida ; poderei gozar o prazer de conduzir-vos até a porta da gruta ? . . .

— Sim, senhor.

Duas tinham sido batidas ; só a curiosidade retinha as outras. Augusto se chegou para ellas, e falou a D. Clementina.

— Agora vós, senhora.

Ella deixou-se levar pela mão até junto da fonte ; o estudante começou :

— Quereis factos de ante-hontem, ou da noite passada ? senhora ?

— Eu não entendo o que o senhor quer dizer.

— Pergunto, senhora, se vos dá gosto que eu vos repita o que comvosco se passou, quando tomaveis um sorvete ao lado de um joven de cabellos negros . . . o que comvosco conversou o meu collega Philippe, quando tomaveis chá ?

— Eu não preciso saber nada d'isso.

— Então dir-vos-hei o que mais vos interessa ; socegarei mesmo os vossos cuidados e os do sr. Philippe, a respeito da perda de certo objecto . . .

— Sr. Augusto ! . . .

— Senhora, foi a fada d'esta mysteriosa fonte quem vos roubou um precioso embrulho, que continha uma trança de vossos cabellos, e que deveria ser achado em baixo da quarta roseira da rua que vai ter ao caramanchão ; e essa trança pára hoje em minhas mãos : eil-a aqui.

— Oh ! dê-m'a

— Não preferis antes que eu a entregue ao feliz para quem a destinaveis ?

— Não, eu lhe peço que m'a dê.

— Eu estou prompto a obedecer-vos, senhora: mas só na hora de minha partida. Vós quatro querieis zombar de mim; não concebo até onde iria vossa vingança: precis de refens que segurem a paz entre nós; estes são os meus. Quereis saber mais alguma cousa ?

— Eu já sei que o senhor sabe de mais !

— Então . . . — Quer, como ás duas primeiras, offerecer-me a mão e obrigar-me a desamparar o campo? Venceu, senhor, e sou eu que lhe peço que me acompanhe até á porta da gruta.

— Eu estou prompto, senhora, para servir-vos em tudo. Só restava D. Joanninha; era a vez d'ella.

— Eu vos deixei para o fim (disse Augusto) porque a vós é quem mais admiro ; porque vós sois exactamente a unica d'entre ellas que tem amado melhor, e que mais infeliz tem sido: eu vos explicarei isto. Sois todavia um pouco excessiva em exigencias . . .

— Que quer dizer, sr. Augusto ?

— Que quereis muito, quando ordenais a um estudante que vos escreva quatro vezes por semana, pelo menos ; que passe defronte de vossa casa quatro vezes por dia ; que vá a miudo ao theatro e aos bailes que frequentais ; e até que não fume charutos de Havana, por ser falta de patriotismo ?

— Quem lhe disse, isso senhor ?

— A fada, senhora, que sabe que amais a um moço, a quem dáis a honra de chamar querido primo.

— É uma vil traição !

— Exactamente diz o mesmo a nossa boa fada ; e ainda mais, senhora : quer que eu vos aconselhe que desprezeis esse joven infiel, que não sabe pagar o vosso amor ? eu poderia dar-vos provas . . .

— Não as tenho eu bastantes (exclamou D. Joanninha com sentimento) quando lhe ouço repetir o que deveria ser sabido d'elle e de mim sómente ?

Augusto ia falar ; ella o interrompeu.

— Senhor, eu agradeço o beneficio que recebi ; o senhor quiz zombar de mim, como das outras, mas não o fez : ao contrario atalhou em principio uma grande enfermidade, que talvez fosse d'aqui a pouco tempo incuravel ! Eu galanteio tambem ás vezes ; porém sei amar até o extremo. Adeus senhor ! eu posso apenas agradecer-lhe dizendo que tenho tanta confiança na sua discreção e no seu character, que nem mesmo lhe recommendo o cuidado do meu segredo.

D. Joanninha ia deixar a gruta ; Augusto lhe offereceu o braço.

— Agradecida (disse ella) ; permitta que eu entre só em casa.

Augusto ficou só, esteve alguns momentos lembrando-se da scena que acabava de ter logar ; depois disse, rindo-se.

— Vieram buscar lã, e saíram tosquiadas !

E já estava para pôr o pé fóra da gruta, quando uma voz branda e sonora o suspendeu, dizendo :

— Agora, sr. Augusto, é chegada a sua vez . . .

XVIII

Achoa quem o tosquiasse

Escutando aquellas inesperadas palavras, que o chamavam para a mesma posição em que elle tinha collocado as quatro moças, Augusto voltou-se de repente, e viu no fundo da gruta a interessante Moreninha, que enchia o copo de prata.

— Minha senhora ! . . (balbuciou o estudante confuso).

D. Carolina respondeu-lhe primeiro com o seu costumado sorriso, e depois assim :

— Não se dirá que um homem zombou impunemente de

quatro senhoras; uma outra toma o cuidado de vingal-as. Sr. estudante, eu tambem sou adepta ao culto d'esta fada, e vou invocal-a em meu auxilio.

A menina travessa bebeu em seguida a estas palavras o seu copo d'agua, e depois, imitando o estylo de Augusto que se achava junto d'ella, disse :

— Quereis que vos fale do passado, do presente, ou do futuro?

— De todas essas epochas . . . ao menos para ouvir por mais tempo os vaticinios e palavras de tão amavel Sibylla.

— Pois então principiemos pelo passado. Oh ! que bellas revelações me fez a fada ! sim, eu estou lendo no livro da vossa vida, estou vendo tudo ! estou dentro do vosso espirito e de vosso coração !

— Oh ! sim, juro que isso é verdade (atalhou o estudante).

A menina fingiu não entender a allusão, e continuou :

— Senhor, vós amastes muito cedo . . . creio . . . sim, foi de idade de treze annos.

Augusto recuou um passo ; ella proseguiu :

— Amastes, sim, a uma menina de sete annos, com quem brincastes á borda do mar.

— E quem era ella ? como se chamava ? (perguntou Augusto com fogo, talvez pensando que D. Carolina estava com effeito adivinhando, e podia dizer-lhe o que elle ignorava).

— Posso eu sabel-o ? (respondeu a Moreninha) a fada só me diz o que se passou em vosso coração, e vós por certo que tambem não sabeis quem era essa menina, e só a conheceis pelo nome de "minha mulher."

— Prosiga, minha senhora !

— Poderia eu contar-vos uma longa historia de velho moribundo, esmeralda, camafeu ; mas basta de "vossa mulher" : permitti que vos diga que mostrava ser uma criança doidinha, que cedo começava a fazer loucuras.

— Que cruel juizo !

— Oh ! não vos agasteis : eu a respeito tambem em attenção a vós ; porém vamos acabar com o vosso passado. Houve um tempo em que quizestes figurar entre os amigos como galanteador de damas ; por justo e bem merecido castigo fostes desgraçado ! todas ellas zombaram de vós !

E a menina interrompeu-se, para rir-se da cara que fazia Augusto.

— Ora por esta não esperava eu ! . . . (disse o estudante).

— A primeira joven que requestastes foi uma Moreninha de dezeseis annos, que jurou-vos gratidão e ternura, e casou-se oito dias depois com um velho de sessenta annos! não foi assim? E a menina de novo desatou a rir.

— Minha senhora, de que gosta tanto?

— Ora! é que a fada está-me dizendo que ainda em cima vossos amigos, quando souberam de tal, deram-vos uma roda de cacholetas!

— Então a sr.^a D. Anna lhe contou tudo isso?

— Juro-vos, senhor, que minha avó não me fala em semelhantes objectos. Consenti que eu continue. A segunda foi uma joven córadinha, a quem em uma noite ouvistes dizer n'um baile que ereis um pobre menino, com quem ella se divertia nas horas vagas: não foi assim?

— Prosiga, minha senhora.

— A terceira foi uma moça pallida, que zombou solemnemente, tanto de um primo que tinha, como de vós. Eis alguns de vossos principais galanteios. Exasperado com o infeliz resultado d'elles, e vivamente tocado das lettras e da musica de certo lundú que se vos cantou, tomastes outro partido, e desde então vós pretendeis fazer-vos passar por borboleta de amor.

— Borboleta?! . . . Sim . . . sim . . . lembro-me agora que a senhora passeava pelo jardim. Já sei de quem foram certas carreirinhas, e portanto comprehendo que sabeis tudo á custa...

— A' custa da fada, senhor; e escuso estender-me mais, porque vós estais bem certo de que eu devo ainda saber muito.

— Sim; mas diga sempre.

— Não; antes quero falar-vos do vosso presente.

— Pelo amor de seus bellos olhos, minha senhora, vamos antes ao que eu não sei, vamos ao meu futuro.

— Sois sobejamente soffrego! não vêdes como isso vai contra a boa ordem da narração?

— Mas a desordem é hoje a moda! o bello está no desconcerto; o sublime no que se não entende; o feio é só o

que podemos comprehender: isto é romantico; queira ser romantica; vamos ao meu futuro.

— Pois bem: vamos ao vosso futuro; principiarei, como pretendia fazer, se falasse do presente de vossa vida, dizendo-vos que vós não sois inconstante, como affectais.

— Misericordia!

— Mas que estais a ponto de o ser: digo-vos que perdereis uma certa aposta que fizestes com tres estudantes.

— Como é isso? Então a senhora sabe. . .

— A fada, que me revelou isso, leu o termo na carteira de quem o guardou. . .

— A fada? sim; a feiticeira o leu. . . Comprehendo.

— Vós não sois inconstante, porque tendes até hoje cultivado com religioso empenho o amor de vossa mulher; mas vós o ides ser, porque não longe está o dia em que a esqueceréis por outra.

— A culpa será dos olhos d'essa outra; porém quem sabe?

— Desejo que não; comtudo, eu já vos vejo em principio, e temo que vades ao fim: sereis perjuro, tereis de escrever um romance, e perdoai-me se vos desejo este mal; eu quizerá que ao pé de meu irmão, que vos apresentará o termo da aposta, apparecesse a vossos olhos a mulher traída. Do vosso futuro eis quanto me disse a fada.

— E disse bastante para me confundir.

— Quereis que vos fale agora do vosso presente?

— Oh! se quero! No presente está a minha gloria.

— Hontem no baile dissestes palavras de ternura, pelo menos a seis senhoras.

— Esta agora é melhor! e quem o poudes notar?

— Provavelmente a fada que vos observava.

— Então a fada, a feiticeira fazia isso?

— Depois do baile puzeram-vos duas cartas no bolso.

— Que mãos delicadas? . . .

— Não m'o sabe dizer a fada; porém vós viestes para esta gruta accudindo a um convite e fingistes adivinhar segredos de corações. Não era verdade; a fada nada vos revelou. o que dissestes sabieis antes, e a fada me disse como.

— Explique-me pois, minha senhora.

—Quando involuntariamente fui causa de vos entornarem café nas calças, vós fostes mudar de roupa, e entrastes para o gabinete das senhoras; lá ouvistes tudo o que affectastes adivinhar ha pouco.

—E quem me viu entrar?

—A fada, sem duvida. O cravo de D. Quinquina, fostes vós que recebestes no jardim; na noite dos jogos de prendas, fostes vós ainda quem com uma luz na mão procurou e achou a trança de cabello de D. Clementina em baixo da quarta roseira da rua que vae para o caramanchão.

—Mas quem observou o que eu fiz ás escondidas?

—A fada, que, vos tem sempre seguido com os olhos.

—A fada?! a feiticeira me segue sempre com os olhos?! Oh! como sou feliz!... a feiticeira é a senhora!

—Senhor! sois pouco modesto: que me importariam vossos passos e vossas acções?...

—Perdão! eu sou um freslocado... um incivil... um doido... não sei o que faço, nem o que digo: mas continue...

—Basta! vós duvidastes da fada, e por isso eu termino aqui.

—Não! não, minha senhora! é preciso dizer mais alguma coisa ainda!... por força a fada lhe deveria ter revelado! ella, que adivinha tudo o que está dentro do meu coração, diga o que ainda se passa n'elle.

—Nada mais me disse.

—Beba outro copo d'agua...

—Não julgo necessario.

—Pois então...

—Cumpra retirar-me.

—Não, por certo! perdôe-me, minha senhora; mas eu devo descobrir todos os meus segredos a quem conhece tão boa parte d'elles.

—Eu me contento com o pouco que sei.

—Ouça uma palavra...

—Não sou curiosa.

—Pois a senhora...

—Sei que sou senhora; mas sou excepção de regra; não quero saber.

—Embora; eu lhe direi ainda contra a vontade...

- É para isso toma-me a saída ? . . .
- É só para lhe dizer que eu amo . . .
- Já sei ; a “sua mulher”.
- Não é isso ; a uma bella moça . . .
- Ella o deve ser agora.
- Muito espirituosa.
- Já ella o era em criança.
- E que se chama . . .
- Ah ! . . . espreitam-nos da entrada da gruta !

Augusto correu a examinar quem era a indiscreta testemunha ; não apparecia pessoa alguma ; comprehendeu então que fôra ainda um meio de que se lembrára D. Carolina para não deixal-o concluir sua declaração, e, disposto a lançar-se aos pés da menina, voltou-se já com o nome da bella nos labios, e . . . D. Carolina tinha desaparecido da gruta.

XIX

Entremos nos corações

O que é bom dura pouco ; as festas estão acabadas ; nossas bellas conhecidas bordam ; nossos alegres estudantes estão de livro na mão. Mas, pelo que toca a estes, qual é, digam-me, qual é o estudante que, depois de uma patuscada de tom, não fica por oito dias incapaz de comprehender a mais insignificante lição ? Isto succede assim ; essa pobre gente vê por toda aparte, e misturando-se com todos os pensamentos, — no livro em que estuda, nas estampas que observa, na dissertação que escreve, — o baile, as moças, e os prazeres que apreciou. O nosso Augusto, por exemplo, está agora bronco para as lições, e impertinente com tudo. Raphael é quem paga o pato : se o innocente moleque lhe aprompta o chá muito cedo, apanha meia duzia de bolos, porque quer ir vadiar pelas ruas ; se no dia seguinte se demora só dez minutos, leva dois pescões para andar mais ligeiro ; não ha emfim cousa alguma que possa contentar o sr. Augusto ; está aborrecido da medicina, tem feito duas gazetas na aula ; de ministerial que era, passou-se para a opposição ; não quer mais ser assignante

de periodicos ; não ha para seus olhos logar nenhum bonito no mundo ; aborrece a côrte, detesta a roça, e só gosta das ilhas. Deveremos fazer-lhe uma visita ; elle está em seu gabinete, e um pouco menos carrancudo, porque Leopoldo, o seu amigo do coração, o acompanha e tem a paciencia de lhe estar ouvindo pela duodecima vez a narração, do que com elle se passou na ilha de . . . Segundo parece, Augusto acaba de relatar o que occorreu na gruta entre elle e a bella Moreninha ; porque Leopoldo lhe perguntou :

— E por onde fugiria ella ? . . .

— Por uma difficil saída, que eu não havia observado e que exactamente se praticava no fundo da gruta.

— Que diabinho de menina !

— Quanto mais se tu notasses a graça e malicia com que ella, quando eu entrei na sala, me perguntou socegradamente: "Esteve dormindo na gruta, sr. Augusto ?"

— Eutão, ella gostou da tua semi-declaração ? ! . . .

— Não . . . não . . . se ella tivesse gostado, não me fugiria.

— Ora é boa ! não devia fazer outra cousa.

— Se ella gostasse de mim ! . . . mas porque me não deu um só signal de ternura ? . . . Tambem eu ás vezes tão adiantado, fui d'esta um tolo, um basbaque! tremi diante de uma criança que não tem quinze annos, e não soube dizer duas palavras.

— Estás doido, Augusto, e doido varrido ; acredita que D. Carolina foi mais sensivel aos teus cumprimentos que aos de nenhum outro ; e senão, dize porque não se deixou ella dormir, como as outras senhoras, e foi á hora de tua partida passear pela praia, e vêr-te embarcar ? . . . porque ficou alli passeando até desaparecer o teu batelão ?

— Isso não significa nada.

— Ora ature-se um namorado ! . . . mas venha cá, sr. Augusto ; então como é isto ? . . . está realmente apaixonado ? . . .

— Quem te disse semelhante asneira ?

— Ha tre sdias que não falas senão na irmã de Fellippe, e . . .

— Ora viva ! quero divertir-me . . . digo-te que a acho feia ; não é lá essas cousas ; parece ter máu genio. Realmente notei-lhe muitos defeitos . . . sim . . . mas ás vezes . . . Olha, Leopoldo, quando ella fala, ou mesmo quando está calada,

ainda melhor ; quando ella dança, ou mesmo quando está sentada . . . ah ella rindo-se . . . e até mesmo seria . . . quando ella canta ou toca, ou brinca ou corre, com os cabellos *á négligé*, ou divididos em bellas tranças : quando . . . Para que dizer mais? Sempre, Leopoldo, sempre ella é bella, formosa, encantadora, angelica !!

—Então que historia é essa ? . . . Acabas divinizando a mesma pessoa, que, principiando, chamaste feia ? . . .

—Pois eu . . . no principio . . . mas depois . . . Ora! estou com dôres de cabeça : este maldito Velpeau ! . . . Que lição temos ámanhã?

—Tratar-se-ha das apresentações de . . .

— Temos massada? Quem te perguntou por isso agora? Falemos de D. Carolina, do baile, do . . .

— Eis a outra! Não acabaste de perguntar-me qual era a lição de ámanhã? . . .

—Eu? . . . Póde ser . . . Esta minha cabeça!

—Não é a tua cabeça, Augusto ; é o teu coração.

Houve então um momento de silencio : Augusto abriu um livro, e fechou-o logo ; depois tomou rapé, passeou pelo quarto e finalmente veio de novo sentar-se junto de Leopoldo.

—É verdade (disse), não é a minha cabeça ; a causa está no coração. Leopoldo, tenho tido pejo de te confessar; porém não posso mais esconder estes sentimentos, que eu penso que são segredos, e que todo o mundo m'os lê nos olhos! Leopoldo, aquella menina que aborreci no primeiro instante, que julguei insupportavel, e logo depois espirituosa, que d'ahi a algumas horas comecei a achar bonita, no curto tratto de um dia, ou melhor ainda em alguns minutos de uma scena de amor e piedade, em que a vi de joelhos banhando os pés de sua ama, plantou no meu coração um dominio forte, um sentimento filho da admiração talvez, mas sentimento que é novo para mim, que não sei como o chame porque o amor é um nome muito frio, para que o pudesse exprimir! . . . Eu já me não conheço . . . não sei onde irá isto parar . . . Eu amo! ardo! morro!

—Modera-te, Augusto ; acalma-te ; não é graça ; olha que está vermelho como um pimentão.

— Oh ! tudo n'aquella ilha fatal se assanhou para enfeiticar-me ! tudo ! até a propria mentira !

— E tu acreditaste muito n'essa senhora ?...

— Escuta, Leopoldo : uma vez que com a avó de Philippe conversava na gruta, eu, fatigado e sequioso, bebi um copo d'agua da fonte do rochedo ; então a nossa boa hospeda contou-me uma fabulosa e singular tradição d'aquella fonte. A agua dizia-se milagrosa, e quem bebesse d'ella não saíria da ilha sem amar algum de seus habitantes ; eis aqui pois uma mentira ! mas uma mentira que excitou minha imaginação ; uma mentira que me perseguiu dois dias, e que me persegue ainda hoje ; uma mentira emfim que se transformou em verdade ; porque eu bebi d'aquella agua e não pude deixar a ilha sem amar, e muito, um de seus habitantes...

— Devéras que isso não deixa de ser interessante ! Mas que effeito esperas tu que provenha de toda essa moxinifada ?

— Que effeito ?... O... amor.

— Amor ? !... Amor não é effeito nem causa, nem principio, nem fim, e é tudo isso ao mesmo tempo ! é uma coisa que sim... finalmente, para encurtar razões, amor é o diabo... Dize-me pois, sinceramente falando, qual o resultado que pensas tirar de tudo isto que me contaste.

— Que resultado ?... O... amor.

— E elle a dar-me com o maldito amor ! Augusto, falemos sério ; essa tua exaltação estava muito em ordem n'um moço que quizesse desposar D. Carolina ; porém tu nem cuidas em casamento, nem, se em tal pensasses, te lembrarias, roceiro como és, de escolher para mulher uma menina que foi criada, educada, e póde-se dizer que mora na côrte.

— Esta agora não é má!... Devéras que ainda me não passou pela mente a idéa do casamento, nem chegará a tal ponto minha loucura: mas supponhamos o contrario d'isso, que mal tu achas em que um roceiro se case com uma moça da cidade?...

— Que mal ?... Ora escuta : devendo ir morar na roça, a moça tem necessidade de mudar de costumes e de vida ; comprehende pois quanto atormentará o coração do pobre marido a vista dos dissabores e contrariedades que soffrerá na solidão e monotonia campestre a senhora amamentada no seio dos prazeres e festins da côrte ; quanto devem entriste-

cer os suspiros e saudades de que será testemunha quando a amada companheira recordar-se de sua familia, de seus amigas, do theatro, do passeio, d'essa cadeia de delicias emfim que, apezar d'ella, a ligará ainda a seu passado.

— Oh ! não, não, Leopoldo, se o marido fôr amado por ella ! Quando se ama devéras, e se está com o objecto do amor, não se recorda, não se deseja, não se quer mais nada ! ...

— Tu falas em amor, Augusto ? . . . Ainda bem que somos ambos estudantes da roça, e posso dizer-te agora o que entendo, sem medo de offender a susceptibilidade de corteção algum. Pois ainda não observaste que o verdadeiro amor não se dá muito com os ares da cidade?... que, por natureza e habito, as nossas roceiras são mais constantes que as cidadôas ? . . . Olha, aqui encontramos nas moças mais espirito, mais jovialidade, graça e prendas ; porém n'ellas não acharemos nem mais belleza nem tanta constancia. Estudemos as duas vidas. A moça da côrte cresce e vive commovida sempre por sensações novas e brilhantes, por objectos que se multiplicam e se renovam a todo momento, por prazeres e distracções que se precipitam. Ainda contra vontade, tudo a obriga a ser voluvel : se chega á janella em um instante só, que variedade de sensações ! seus olhos têm de saltar da carruagem para o cavalleiro, da senhora que passa para o menino que brinca, do sequito do casamento para o acompanhamento do enterro ! Sua alma tem de sentir ao mesmo tempo o grito de dôr, e a risada de prazer; os lamentos, os brados de alegria, e o ruido do povo; depois tem o baile com sua atmospherá de lisonjas e mentiras, onde ella se acostuma a fingir o que não sente, a ouvir phrases de amor a todas as horas, a mudar de galanteador em cada contradança; depois tem o theatro, onde cem oculos fitos em seu rosto parecem estar dizendo — és bella! — e assim enchendo-a de orgulho, e muitas vezes de vaidade, finalmente, ella se faz por força e por costume tão inconstante como a sociedade em que vive, tão mudavel como a moda dos vestidos. Quereis agora vêr o que se passa com a moça da roça ? . . .

“Alli está ella na solidão de seus campos talvez menos alegre, porém certamente mais livre: sua alma é todos dias tocada dos mesmos objectos; ao romper d'alva, é sempre e só

aurora que bruxuleia no horizonte; durante o dia, são sempre os mesmos prados, os mesmos bosques e arvores; de tarde, sempre o mesmo gado que se vem recolhendo ao curral; á noite, sempre a mesma lua que prateia seus raios na lisa superficie do lago! Assim ella se acostuma a vêr e amar um unico objecto; seu espirito quando concebe uma idéa, não a deixa mais, abraça-a, anima-a, vive eterno com ella; sua alma, quando chega a amar, é para nunca mais esquecer, é para viver e morrer por aquelle que ama. Isto é assim, Augusto: considera que é lá em nossos campos que mais brilham esses sentimentos, que são a mesma vida, e que não podem acabar senão com ella!...

— Como estás exagerado, Leopoldo! juraria que desejas casar com alguma moça da roça!

— Oh!... se esse desejo me dominar, certamente que o satisfarei com uma das muitas cachopinhas da minha terra.

— Eu logo vi que nos teus raciocinios e observações andava o genio da prevenção; excuso-me porém de responder-te, pois que falaste em geral, e d'esse modo concedes...

— Que ha muitas excepções, sem duvida.

— Bom é quando não, tu me forçarias a tomar a palavra para defender a linda Moreninha que tanto me captiva.

— Então, Augusto, teremos, por ventura um romance?

— Que romance?

— Perderás a aposta e ao completar-se o mez...

— D'aqui até lá... se eu pudesse esquecer-a!... mas aquella menina não é como as outras; é uma tentação...

— Quando pois começas a escrever?

— Estás tolo? (respondeu Augusto, tomando por um momento seu antigo bom humor); eu ainda pretendo n'estes quinze dias mudar de amor tres vezes.

Basta porém de estudantes: já temos ouvido bastante o nosso Augusto, e demorar-nos mais tempo em seu gabinete fôra querer escutar ainda as mesmas coisas; porque o tal mocinho, que quer campar de beijaflôr, parece que caiu no visco dos olhos e graças da joven belleza da ilha de... e está sinceramente enamorado d'ella. Ora todos sabem que os amantes têm um prazer indizivel em matraquear os ouvidos dos que os attendem com uma historia muito comprida e

mil vezes repetida, que, reduzindo-se á expressão mais simples, ficaria em zero, ou quando muito nos seguintes termos: "eu olhei e ella olhou; eu lhe disse — póde ser, não póde ser,"; deixemos portanto o senhor Augusto entregue a seus cuidados de moço; e tanto mais que já conhecemos o estado em que se acha. Vamos agora entrar no coraçãozinho de um ente bem amavel, que não tem, como aquelle, uma pessoa a quem confie suas penas, e por isso soffre talvez mais. Faremos uma visita á nossa linda Moreninha.

Tambem suas modificações têm apparecido no caracter de D. Carolina, depois dos festejos de Sant'Anna. Antes d'elles, era essa interessante juvenzinha o prazer da ilha de... Irreconciliavel inimiga da tristeza, ella ignorava o que era estar melancolica dez minutos, e praticava o despotismo de não consentir que alguém o estivesse. Junto d'ella, por força ou vontade, tudo tinha de respirar alegria; sabia tirar partido de todas as circumstancias para fazer rir; e boa, affavel e carinhosa para com todos, amoldava os corações á sua vontade. O idolo, o delirio de quantos a praticavam, era ella a vida d'aquelle logar, e empunhava com suas graças o sceptro do prazer. Hoje suas maneiras são outras; e emquanto suas musicas se empoeiram, seu piano passa dias inteiros fechado, ella vaga solitaria pela praia, perdendo seus bellos olhares na vastidão do mar; ou, sentada no banco de relva da gruta, descança a cabeça em sua mão, e pensa... em que?... quaes serão os solitarios pensamentos de uma menina de menos de quinze annos?... E ás vezes suspira... um suspiro?... Eis o que é já um pouco explicativo.

Assim como o grito tem o echo, a flôr o aroma e a dôr o gemido, tem o amor o suspiro; ah! o amor é um deminho, que não pede para entrar no coração da gente, e, hospede quasi sempre importuno, por peor trato que se lhe dê, não desconfia, não se despede, vai-se collocando e deixando ficar, sem vergonha nenhuma, faz-se dono da casa alheia, toma conta de todas as acções, leva seu dominio muito cedo aos olhos, e ás vezes dá taes saltos no coração, que chega a ir encarapitar-se no juizo; e então adeus minhas encommendas!

Pois muito bem: parece que a tal tentação anda fazendo pe-lolicas no peito da nossa cara menina; tambem não ha mo-

lestia de mais facil diagnostico. Uma mocinha que não tem cuidados, com quem a mamãe não é impertinente, que não sabe dizer onde lhe dóe, que não quer que se chame medico, que suspira sem ter flatos, que não vê o que olha, que acha todo o guizado mal temperado, é porque já ama; portanto D. Carolina ama, mas a quem?!

Ah! sr. Augusto! sr. Augusto! a culpa é toda sua, sem duvida. Esta bella menina, acostumada desde as faxas a exercer um poder absoluto sobre todos os que a cercam, não pode ouvir o estudante vangloriar-se de não ter encontrado ainda uma mulher que o captivasse devéras, sem sentir o mais vivo desejo de reduzi-lo a obediente escravo de seus caprichos. Ella poz então em acção todo o poder de suas graças, ideou mesmo um plano de ataque; estudou a natureza e os fracos do inimigo; observou; bateu-se: o combate foi fatal a ambos talvez: e no fim d'elle a orgulhosa guerreira apalpou o seu coração, e sentiu que n'elle havia penetrado um dardo; consultou a sua consciencia, e ouviu que ella respondia — se venceste, tambem estás vencida. Com effeito D. Carolina ama o feliz estudante; e uma mistura de saudades e de temor da inconstancia do seu amado é provavelmente a causa de sua tristeza; ajunte-se a isto a novidade e os cuidados de um amor nascente e primeiro, o incommodo de um sentimento novo, inexplicavel, que lhe enchia o innocente coração, e vêr-se-ha que ella tem suas razões para andar melancholica.

E portanto toda a familia está assaltada do mesmo mal: ha na ilha uma epidemia de máu humor, que tem chegado a todos, desde a sr.^a D. Anna até a ultima escrava. Além de quanto se acaba de expor, accresce que Filippe se deixou ficar na cidade a semana inteira, sem querer dispensar uma só tarde para vir visitar sua querida avó, e a tão bonita maninha. Eis porém o que se chama accusação injusta! diz o ditado que—falai no máu, apromptai o páu—: Filippe estava esperando pelo dia de sabbado para aproveitar o domingo todo no seio de sua familia; eil-o ahi, que recebe a benção de sua avó, e beija a fronte de sua irmã.

—Pensei (disse aquella) que não querias mais vêr-nos!

—E quasi que deixei a viagem para amanhã, minha boa avó.

—O ingrato ainda o diz; ouves, Carolina?... Então porque?...

—Para vir na companhia de Augusto, que deve passar o dia comnosco. Estas palavras tiveram poder electrico: D. Carolina, para occultar a perturbação que a agitava, correu a esconder-se em seu quarto. Lá... bem ás escondidas... ella derramou uma lagrima: doce lagrima... era de prazer.

XX

Primeiro domingo: elle marca

Augusto madrugou, muito: quando a aurora começou a apparecer, já elle havia vencido meia viagem, e seu desejo era ir acordar na ilha de... uma pessoa que tinha o máu costume de dormir até alto dia: por isso instava com os remeiros para que forcejassem, e enquanto seu batelão se desliza-va pelas aguas, rapido como uma flecha pelos ares, elle o accusava de pesado, de vagaroso. Tinha ha muito descoberto a ilha de...; os objectos foram pouco a pouco se tornando mais e mais distinctos; viu a casa, viu o rochedo em que outr'ora a Tamoya deveria ter cantado seus amores, e de sobre o qual cantára ha oito dias D. Carolina a sua ballada; depois distinguiu sobre esse rochedo negro um ponto, um objecto branco, que foi crescendo, sempre crescendo, que emfim lhe pareceu uma figura de mulher, que ostentava a alvura de seus vestidos; depois, elle tinha desviado um pouco os olhos e quando os voltou de novo para o rochedo, a figura branca havia desaparecido como um sonho. Emfim o batelão abordou á ilha de...; Augusto correu á casa, de que tantas saudades soffrêra. Todos já se tinham levantado; ninguem dormia ainda, D. Carolina estava vestida de branco.

— Eu lhe agradeço bem, sr. Augusto (disse a sr.^a D. Anna. depois dos primeiros cumprimentos) eu lhe agradeço sua boa visita. Nós temos passado oito dias de nojo; e foi preciso que Philippe nos trouxesse a noticia de sua vinda para reviver nossa antiga alegria: Carolina, por exemplo, desde hontem á noite já tem estado soffrivelmente travessa.

— Eu, minha avó, sempre tive fama de desinquieta e prazenteira; e se hontem me adiantei, foi porque chegou-me um companheiro para traquinar commigo.

— Não o negues, menina; tens estado melancolica e abatida toda esta semana: eram saudades da agradavel companhia que tivemos. Que eram saudades conheci eu pelos suspiros que soltavas; e tambem não vai mal nenhum em confessal-o.

D. Carolina voltou o rosto: Augusto arregalou os olhos, e sentiu que a ventura lhe inundava o coração.

— O mesmo por lá nos succedeu (disse Filippe, tomando a palavra); estivemos todos carrancudos e, seja dito em amor da verdade, Augusto, mais do que nenhum outro, gostou do nosso trato e nossa companhia; realmente foi elle o que mostrou soffrer maiores saudades.

— É verdade, sr. Augusto? (perguntou a boa hospeda).

— Minha senhora, a visita que vim ter o gosto de fazer é a melhor resposta que lhe posso dar.

D. Carolina tinha os olhos em um livro de musica; mas seus ouvidos e sua attenção pendiam dos labios de Augusto: ouvindo as palavras do estudante, ella se sorriu brandamente.

— De que estás rindo, Carolina? (perguntou Filippe).

— De um engraçado pedacinho da cavatina do Figaro no *Barbeiro de Sevilha*.

Então elle examinou o livro e viu que havia mentido, porque o que tinha diante eram as modinhas de Laforge.

Duas horas depois serviu-se o almoço. Mas durante essas duas horas, que se passaram muito depressa, Augusto teve de agradecer as obsequiosas attensões da avó de Filippe, que dizia ter por elle notavel predilecção e tambem de reparar com esmero e minuciosidade no objecto de seus recentes cultos. Em resultado de suas observações, concluiu que D. Carolina estava bonita como d'antes, porém mais languida; que ás vezes reparava suas indiscreções, e que outras, quando mais parecia occupar-se com seus alegres trabalhos, olhava-o a furto, com uma certa expressão de pejo e ardor, que a embellecia ainda mais. Durante o almoço, a conversação divagou sobre innumerous objectos; finalmente teve de ir bulir com um pobre lencinho que estava na mão de D. Carolina, e que, se ali não estivesse, passaria desapercibido.

— Eu julgo que está perfeitamente marcado (disse Augusto.)

— É ir muito longe (respondeu a menina): ahi o tem, observe-o de perto; repare que barafunda vai por aqui.

— Ora eu acho tudo o melhor possível: ao muito, poder-se-hia dizer que este X foi marcado por mão de moça travessa.

— Quer dizer que foi pela minha; adivinhou.

— Tem uma bella prenda, minha senhora.

— Que é muito commum.

— E nem por isso merece menos.

— Eu não entendo assim; aprecio bem pouco o que todo o mundo póde ter. Quem não sabe marcar?

— Eu, minha senhora.

— É porque não quer.

— É porque não posso: eu não me poderia haver com uma agulha na mão.

— Um dia de paciencia lhe seria sufficiente.

— Querem vêr (accudiu Filippe), que minha maninha reduz Augusto a aprender a marcar!

— Então seria isso alguma asneira?

— Não, por certo; maninha póde mesmo dar-te algumas lições.

— Nada (respondeu a menina), sou muito raivosa e a primeira linha que elle rebentasse, eu o chamaria a bolos.

— Se é uma condição que offerece, eu a acceito, minha senhora; ensine-me com palmatoria.

— Veja o que diz!

— Repito-o.

— Pois bem; palmatoria não, porque enfim podia doer-lhe muito; mas, de cada vez que eu julgar necessario, dar-lhe-hei um puxão de orelha.

— Menina! (disse a sr.^a D. Anna).

— Mas minha avó, eu não estou pedindo a elle que venha aprender commigo.

— Porém podes ensinar-lhe com bons modos.

— É o que pretendo fazer.

— Elle ha de aproveitar muito.

— Terá os meus elogios.

— E se por acaso errar alguma vez...

— Levará um puxão de orelha.

— Se me é permittido (disse Augusto) acceito as condições.

— Pois bem; (respondeu D. Carolina) está o senhor matriculado na minha aula de marcar, e d'aqui a uma hora principiaremos a nossa lição.

— E então elle não passeia commigo? perguntou Philippe)

— Depois da lição (respondeu a mestra, fazendo-se de grave); antes não lhe dou licença.

Levantaram-se da mesa algum tempo foi destinado a descansar. Philippe desafiou Augusto para uma partida de gamão, e em continente foram travar combate na varanda. Philippe derrotou seu competidor em tres jogos consecutivos; estavam no começo do quarto, e tocou na sala uma campainha. Os dois estudantes não deram attenção a isso. O jogo tornou-se duvidoso: qualquer dos dois podia dar ou levar gamão: Augusto acabava de lançar uns dois e az, que desconcertaram seu antagonista, quando D. Carolina appareceu, dirigindo-se ao seu discipulo, disse com engraçada seriedade:

— O senhor não ouviu tocar a campainha?

— Então isso era commigo?

— Sim, senhor; são horas de lição e espero que para a outra vez não me seja preciso chamal-o.

— Aceito a admoestação, minha bella mestra; mas rogo-lhe o obsequio de consentir que termine esta partida.

— Não, senhor.

— É uma mão de honra!

— Peor está essa!

— Ora é boa! (accudiu Philippe) então quer você . .

— Não tenho a dizer-lhes o que quero, nem o que não quero; são horas de lição, vamos.

— É preciso obedecer (concluiu Augusto, levantando-se).

D'ahi a pouco estava tudo em via de regra: Augusto, sentado em uma banquinha aos pés de sua bella mestra, escutava, com os olhos fitos no rosto d'ella, as explicações necessarias; ás vezes D. Carolina não podia conservar imperturbavel sua affectada gravidade, e então os sorrisos da bella mestra e do aprendiz graciosamente se trocavam; ella se mostrava mais pacifica, e elle menos attento do que haviam promettido, porque era já pela quarta vez que a bella mestra recommençava suas explicações, e o aprendiz cada vez a entendia menos. Philippe appareceu na sala prompto para ir caçar, e convidou o seu amigo para com elle partilhar do mesmo prazer. Todo o mundo adivinha que Augusto disse que não: elle

poderia responder que não queria caçar, porque estava pescando: mas contentou-se com dizer:

— Minha bella mestra não dá licença.

— Tome cuidado no modo de pegar n'essa agulha! . . . gritou ella com máu modo, e sem sem se importar com Philippe.

— Está bem (disse este, saindo); eu não os posso aturar.

E depois accrescentou, sorrindo-se:

— Fique-se ahi, sr. Alcides, aos pés de sua bella Omphale!

— Ouviu o que elle disse? (perguntou Augusto).

— Já lhe tenho repetido tres vezes que não é assim que se pega na agulha.

— Ora, minha senhora . . .

— Ora, minha senhora; ora, minha senhora! eu não sou sua senhora: sou sua mestra.

— Minha bella mestra!

— Digo-lhe que já me vai faltando a paciencia: o senhor não attenta no que faz; já tem quatro vezes rebentado a linha, e é a decima segunda que lhe cae o dedal.

— Não se exaspere, minha bella mestra; eu o vou apanhar, e não cairá mais, nunca.

Augusto curvou-se, e ficou quasi de joelhos diante de D. Carolina: ora o dedal estava bem junto dos pés d'ella, e o aprendiz, ao apanhal-o, tocou, ninguem sabe se de proposito, com seus dedos em um d'aquelles delicados pésinhos: esse contacto fez mal: a menina estremeceu toda, Augusto olhou-a admirado; os olhos de ambos se encontraram, e elles tinham fogo. Um momento se passou; o socego se restabeleceu.

— Já não posso mais! (exclamou a bella mestra) rebentou o senhor pela quinta vez a linha; não dá um ponto que preste; não ha outro remedio . . .

E dizendo isto, lançou uma das mãos á orelha do aprendiz, que de subito deu um grito, e accudiu com as suas. Ora essas mãos se encontraram, debateram-se, e n'esse ensejo os dedos da bella mestra foram docemente apertados pela mão do aprendiz: novo fogo de olhares! Que aproveitavel lição!

— Menina, tenha modo: o sr. Augusto não é criança (exclamou a sr.^a D. Anna, que a dez passos cosia, e que só podia vêr a exterioridade do que se passava entre a bella mestra e o aprendiz).

A lição se prolongou até o meio dia, e mais de mil vezes se repetiu a mesma scena do encontro das mãos : D. Carolina não conseguiu puxar uma só vez a orelha do estudante e o aprendiz não perdeu uma só occasião de apertar os dedos da bella mestra. Augusto se comprometteu a apresentar na primeira lição um nome marcado pela sua mão. Tudo foi ás mil maravilhas. O resto do dia se passou como se havia passado o seu principio para Augusto e D. Carolina.

Elles não se chamaram mais por seus nomes proprios : amor lhes tinha ensinado outros : eram : "meu aprendiz, e "minha bella mestra".

A madrugada seguinte foi triste, porque presidiu ás despedidas do aprendiz e sua bella mestra : mas, ainda, foi bem doce, porque ambos meigamente se disseram :

— Até domingo !

XXI

Segundo domingo : brincando com bonecas

Raiou o bello dia, que seguiu a sete outros, passados entre sonhos, saudades, e esperanças. Augusto está viajando: já não é mais aquelle mancebo cheio de duvidas e temores da semana passada ; é um amante que acredita ser amado e que vai, radiante de esperanças, levar á sua bella mestra a lição de marca que lhe foi passada. O prognostico de D. Carolina na gruta encantada se vai verificando. Augusto está completamente esquecido da aposta que fez, e do camafeu que outr'ora deu á sua mulher : um bonito rosto moreninho fez olvidar todos esses episodios da vida do estudante. D. Carolina triumpho, e seu orgulho de despotasinha de quantos corações conhece deveria estar altaneiro, se ella não amasse tambem. Como da primeira vez, Augusto vê o dia amanhecer-lhe no mar: e, como na passada viagem, avista sobre o rochedo o objecto branco, que vai crescendo mais e mais, á medida que seu batelão se aproxima, até que distinctamente conhece n'elle a elegante figura de uma mulher, bella por força ; mas d'esta vez, não como da outra, essa figura se demora sobre o rochedo, não desaparece como um sonho, é uma bonita realidade, é D. Carolina, que só desce d'elle

para ir receber o feliz estudante, que acaba de desembarcar.

— Minha bella mestra!

— Meu aprendiz! já sei que traz o nome bem marcado.

— Oh! sempre precisarei que me queira puxar as orelhas.

— Não, eu não farei tal na lição de hoje.

— E se eu merecer?

— Talvez.

— Então errarei toda a lição.

Elles se sorriram; mas Philippe acaba de chegar, e todos tres vão pela avenida se dirigindo a casa.

Ter a ventura de receber o braço de uma moça bonita e a quem se ama; apreciar sobre si o doce contacto de uma bem torneada mão, que tantas noites se tem sonhado beijar; roçar ás vezes com o cotovello um logar sagrado, voluptuoso, e palpitante; sentir sobre sua face o perfumado bafo que se esvaiu d'entre os labios virginaes e nacarados, cujo sorrir se considera um favor do Céu; o apanhar o leque que escapa da mão que estremeceu: tudo isso... mas para que divagações? que mancebo ha ahi de dezeseis annos por diante, que não tenha experimentado esses doces enleios, tão leves para a reflexão, e tão graves e apreciaveis para a imaginação de quem ama! Pois bem: Augusto os está gozando n'este momento: mas, porque só a elle é isto de grande entidade, e convem dizer apenas o que absolutamente se faz preciso, póde-se sem inconveniente abbreviar toda a historia de duas boas horas dizendo-se: — almoçaram. E chegou a hora da lição.

— Vamos (disse D. Carolina a Augusto, que estava já assentado a seu pés e em sua banquinha) vamos, meu aprendiz: o senhor comprometteu-se a trazer-me um nome marcado pela sua mão: que nome marcou?

— Entendi que devia ser o nome da minha bella mestra. Ella não esperava outra resposta.

— Vamos pois a vêr a sua obra, e creia que estou pouco disposta a perdoar-lhe, como fiz na lição passada. Venha a marca.

Augusto apresentou então um finissimo lenço aos olhos da sua bella mestra, que teve de ler em cada angulo d'elle o nome "Carolina", e no centro o distico "minha bella mestra": tudo estava primorosamente trabalhado; preciso é con-

fessar : o aprendiz havia marcado melhor do que nunca o tivera feito D. Carolina.

Augusto esperava com anciedade vêr brilhar nos olhos de sua bonita querida o prazer da gratidão; fruia já de antemão o terno agradecimento com que contava, quando viu, com espanto que sua bella mestra ia gradualmente córando e por fim se fez vermelha de colera e de despeito.

— Nunca a mão grosseira de um homem poderia marcar assim! (disse ella a custo).

— Mas, minha bella mestra . . .

— Eu quero saber quem foi! (exclamou com força).

— Eu não entendo . . .

— Foi uma mulher! isso não carece que me diga: uma moça que lhe marcou este lenço para o senhor vir zombar, e rir-se de mim, de minha credulidade, de tudo!

— Minha senhora . . .

— Vejam: já nem me quer chamar sua mestra! . . . agora só sabe dizer “minha senhora!,” . . .

A interessante joven acabava de ser inesperadamente assaltada de um acesso de ciúme: Augusto estava espantado e a sr.^a D. Anna levantando os olhos ao escutar a ultima exclamação de sua neta, viu-a correndo para ella.

— Que é isto, menina? (perguntou).

— Veja, minha querida avó; aqui está a marca que elle me traz! Eu queria um nome muito mal feito, uma barafunda que se não entendesse, o panno suado e feio, tudo máu, tudo pessimo; eu me riria com elle; sabe porém o que fez? foi para a côrte tomar outra mestra, que não ha de ter a minha paciencia, nem o meu prazer; mas que marca melhor que eu, que é mais bonita! veja, minha querida avó; elle tem outra mestra, outra bella mestra! E dizendo isto, occultou o rosto no seio da extremosa senhora, e começou a soluçar.

— Que loucura é essa, menina? que tem que elle tomasse outra mestra? pois por isso choras assim?

— Mas nem me quer dizer o nome d'ella! . . . Que me importa que seja moça ou bonita? nada tenho com isso; porém quero saber-lhe o nome, só o nome!

Então ella ergueu-se, e com os olhos ainda molhados, com a voz entrecortada, mas com toda a belleza da dôr

e delirio do ciúme, voltou-se para Augusto e perguntou:

— Como se chama ella?

— Juro que não sei.

— Não sabe?... .

— Quiz trazer um lenço bem marcado para ostentar meus progressos, e motivar alguns gracejos, e mandei-o encomendar a uma senhora muito idosa que vive d'estes trabalhos.

— Muito idosa?... .

— É verdade.

— Não lhe deram este lenço?

— Paguei-o

— Pois eu rasgo... .

— Póde-o fazer.

— Eil-o em tiras.

— Que fazes, Carolina? (exclamou a senhora D. Anna, querendo já tarde impedir que sua neta rasgasse o lenço).

— Fez o que cumpria, minha senhora (accudiu Augusto) exterminou o máu genio que acabava de fazer-lhe chorar.

— E que me importa que eu rasgasse um lenço?... . Minha querida avó, peço-lhe licença para dar um dos meus ao sr. Augusto. A sr.^a D. Anna, que começava a desconfiar da natureza dos sentimentos da mestra e do aprendiz, julgou a proposito não dar resposta alguma; mas nem isso desnortou a viva mocinha, que, tirando de sua cesta de costura um lenço recentemente por ella marcado, o offereceu a Augusto, dizendo:

— Eu não admito uma só desculpa, não desejo vêr a menor hesitação, quero que acceite este lenço.

Augusto olhou para a sr.^a D. Anna, como para ler-lhe n'alma o que ella pensava d'aquillo.

— Pois rejeita um presente de minha neta? (perguntou a avó).

A resposta de Augusto foi um beijo na prenda de amor.

— Agora, que já estamos bem disse elle, vamos á minha lição.

— Não, não (respondeu a bella mestra); basta de marcar; não me saí bem do magisterio; chorei diante do meu aprendiz; não fallemos mais n'isto.

— Então fui julgado incapaz de adiantamento?

— Ao contrario, pelo trabalho que me trouxe, vi que o senhor estava adiantado de mais; porém sou eu quem tem outros cuidados.

— Já tem cuidados? . . .

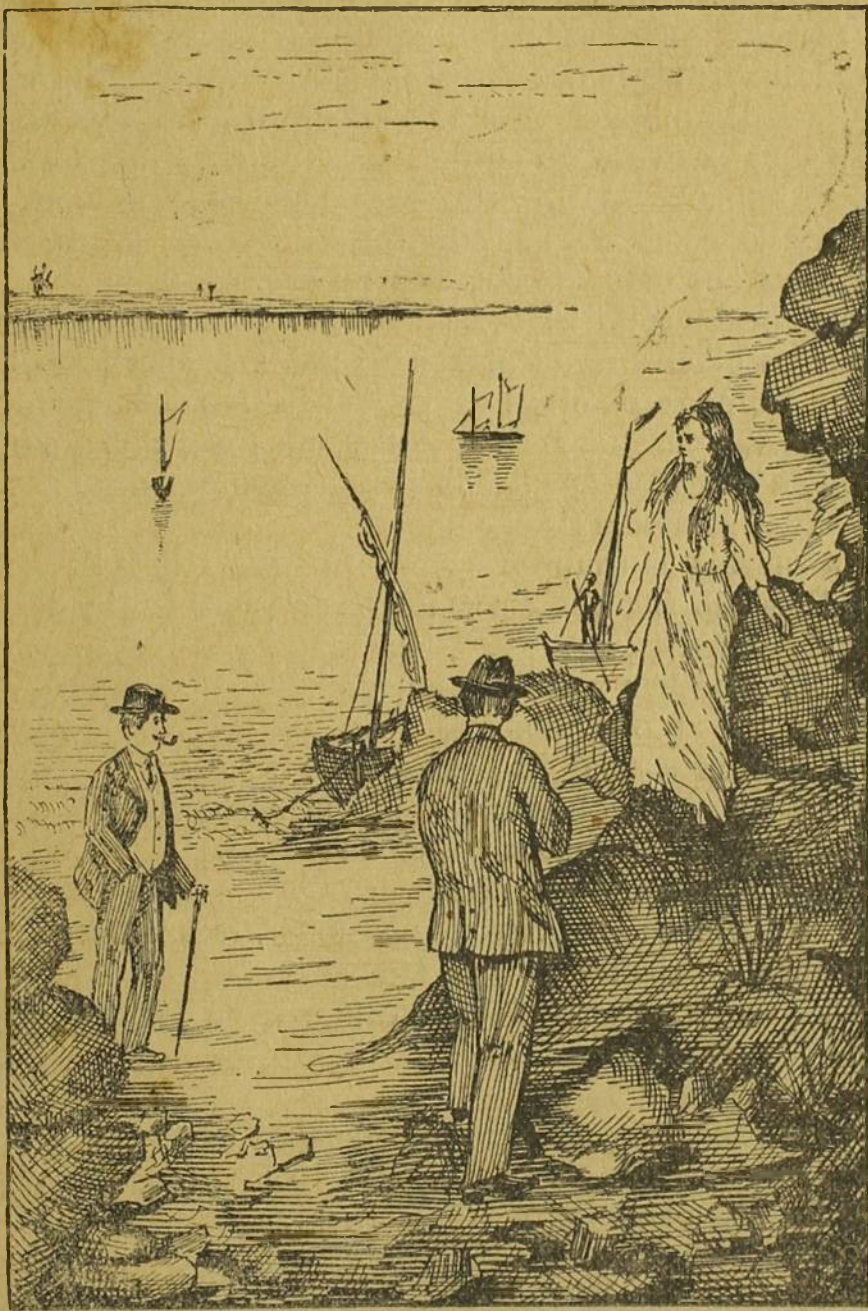
— Quem é que d'elles não carece? . . . O pai de familia tem os filhos, o senhor os seus livros, e eu, que sou criança, tendo as minhas bonecas : quer vê-las?

— Com o maior prazer.

Um momento depois a sala estava invadida por um enorme quantidade de bonecas, cada uma das quaes tinha seus parentes, seus vestidos, (joias, e um numero extraordinario de bugiarias, como qualquer moça da moda as tem no seu tocador. Ora, o tal bichinho chamado amor é capaz de amoldar seus escolhidos a todas as circumstancias, obriga-os a fazer quanta parvoice ha n'este mundo. O amor faz o velho criança, o sabio doido, o rei humilde captivo ; faz mesmo ás vezes com que o feio pareça bonito, e o grão de areia um gigante ; o amor seria capaz de obrigar a um coxo a brincar o *tempo será*, a um surdo o *companheiro companhao*, e a um cego o *procura quem te deu* ; o amor foi inventor das cabelleiras, dos dentes postiços que . . . Mas, alto lá, que isto é bulir com muita gente : emfim, o amor está fazendo um estudante do quinto anno de medicina passar um dia inteiro brincando com bonecas. Com effeito, Augusto já sabe de cór e salteados todos os nomes dos membros d'aquella familia; conhece os diversos gráus de parentesco que existem entre elles; acalenta as bonecas pequenas, despe umas e veste outras, conversa com todas, examina o guarda-roupa, baptisa, casa; em uma palavra, dobra-se aos prazeres de sua bella mestra, como uma varinha ao vento. No entanto a sr.^a D. Anna os observa cuidadosa; tem sympathisado muito com Augusto, mas nem por isso quer entregar todo o futuro do objecto que mais ama no mundo ao só abrigo do nobre character e serias qualidades que tem reconhecido no nancebo.

Como de costume, a tarde teve de ser empregada em passeios pelo jardim. O maior inimigo do amor é a civilidade; Augusto o sentiu tendo de offerecer seu braço á sr.^a D. Anna: mas esta lhe fez cair a sopa no mel, rogando-lhe que o reservasse para sua neta.

Filippe acompanhava sua avó, e na viva conversação que entretinham, o nome de Augusto foi mil vezes pronunciado.



...sentiu que Augusto corria para ella (pag. 154)

Uma vez Augusto e Carolina, que iam adiante, ficaram muito distantes do par que os seguia. A mão da bella Moreninha tremia convulsamente no braço de Augusto, e este apertava ás vezes contra seu peito, e como involuntariamente, essa delicada mão; alguns suspiros vinham tambem perturbal-os mais, e a dez minutos elles se não tinham dito uma palavra,

Em uma das ruas do jardim, duas rolinhas mariscavam; mas, ao sentir passos, voaram, e assentando-se não longe em um arbusto, começaram a beijar-se com ternura; e esta scena se passava aos olhos de Augusto e Carolina.

Igual pensamento talvez brilhou em ambas aquellas almas; porque os olhares da menina e do moço se encontraram ao mesmo tempo, e os olhos da virgem modestamente se abaixaram, e em suas faces se accendeu um fogo, que era o do pejo. E o mancebo apontando para as pombas; disse:

— Ellas se amam!

E a menina murmurou apenas: — São felizes!

— Pois acredita que em amor possa haver felicidade?

— Ás vezes.

— Acaso já tem a senhora amado?

— Eu?... e o senhor?...

— Comecei a amar ha poucos dias.

A virgem guardou silencio; e o mancebo, depois de alguns instantes, perguntou tremendo:

— E a senhora já ama tambem?

Novo silencio: ella pareceu não ouvir, mas suspirou; elle falou menos baixo:— Já ama tambem?...

Ella baixou mais os olhos, e com voz quasi extinta, disse:

— Não sei... talvez.

— E a quem? ..

— Eu não perguntei a quem o senhor amava.

— Quer que lh'o diga?...

— Eu não pergunto.

— Posso eu fazel-o?

— Não... não lh'o impeço.

— É a senhora.

D. Carolina fez-se côr de rosa, e só depois de alguns instantes poudo perguntar, forcejando um sorriso:

— Por quantos dias?

— Oh!... para sempre! (respondeu Augusto, apertando-lhe vivamente o braço. Depois ainda continuou : — E a senhora... não me revela o nome feliz?...)

— Eu não... não posso...

— Mas porque não póde?

— Porque não devo.

— E nunca o dirá?!

— Talvez um dia.

— E quando?...

— Quando estiver certa que elle me não illude.

— Então... elle é voluvel?...

— Ostenta sel-o...

— Oh! pelo Céu! acabe de matar-me! basta o nome pronunciado bem em segredo, bem no meu ouvido, para que ninguém o possa ouvir, nem a brisa o leve... pelo Céu!

— Senhor!...

— Um só nome que peço!...

— É impossivel!... eu não posso!...

— Se eu perguntasse...

— Oh!... não!...

— Serei eu?...

A virgem tremeu toda, e não poudé responder; Augusto lhe perguntou ainda com fogo e ternura :

— Serei eu?

A interessante Moreninha quiz falar... não poudé; mas, sem o pensar, levou o braço do mancebo até ao peito, e lhe fez sentir como o seu coração palpitava.

— Serei eu? (perguntou uma terceira vez Augusto com requintada ternura).

A juvenzinha murmurou uma palavra, que pareceu mais um gemido que uma resposta, porém que fez trasbordar a gloria e enthusiasmo na alma do seu amante; ella tinha dito sómente : — Talvez.

XXII

Máu tempo

Tristes dias têm-se arrastado. Augusto está desesperado. Voltando da ilha de... , depois d'aquelle bello dia da decla-

ração de amor, achou na côrte seu pai, e em poucos momentos teve de concluir, da severidade com que era tratado, que já alguém o havia prevenido das suas loucuras, e dos muitos pontos que ultimamente tinha dado nas aulas. A mais bem merecida reprehensão, e um discurso cheio de conselhos e admoestações veio por fim dar-lhe a certeza de que o seu bom velho estava sciente de tudo.

Para coroar a obra, contra o costume do maior numero dos nossos agricultores, que quando vêm á cidade, estão no caso do — fogo viste linguça ? — e, ainda bem não puzeram os pés no Largo do Paço, já tem os olhos na Praia Grande (que por estes bons cincoenta annos ha de continuar a ser Praia Grande, apezar de a terem chrismado Nictheroy), o pai de Augusto não falava em voltar para a roça ; e, a julgar-se pelo socego e vagar com que tratava os menos importantes negocios, parecia haver esquecido a moagem e a safra.

Chegou o sabbado. O nosso Augusto, depois de muitos rodeios e ceremonias, pediu finalmente licença para ir passar o dia de domingo na ilha de. . . , e obteve em resposta um — não — redondo ; jurou que tinha dado sua palavra de honra de lá se achar n'esse dia ; e o pai, para que o filho não cumprisse a palavra, nem faltasse á honra, julgou muito conveniente trancar-o no seu quarto.

Mania antiga é essa de querer triumphar das paixões com fortes meios : erro palmar, principalmente no caso em que se acha o nosso estudante. Amor é um menino doidinho e mal creado, que, quando alguém intenta refreal-o, chora, escarapela, esperneia, escabuja, morde, belisca, e incommoda mais que solto e livre ; prudente é facilitar-lhe o que deseja, para que elle d'isso se desgoste ; soltal-o no prado, para que não corra ; limpar-lhe o caminho, para que não passe ; acabar com as difficuldades e opposições, para que elle durma, e muitas vezes morra : amor é um anzol, que, quando se engole, agadanha-se logo no coração da gente, d'onde, se não é com geito destravado, por mais força que se faça mais o maldito rasga, esburaca, e se profunda. Portanto muita industria deve ter quem o quer pôr na rua, e para conseguil-o convem ir despedindo-o com bons modos, parlamentares offerecimentos, e nunca bater-lhe

com a porta na cara; porém os homens mal passam de certa idade, só se lembram do seu tempo para gritar contra o actual, e esquecem completamente os ardores da mocidade. O resultado d'isto é o mesmo que tirará o pai de Augusto da energia e violencia com que procura apagar a paixão do filho.

Já era tarde. Augusto ama devéras e pela primeira vez em sua vida; e o amor, mais forte que seu espirito, exercia n'elle um poder absoluto e invencível. Ora não ha idéas mais livres que as do preso; e pois o nosso encarcerado estudante voltou as velas da barquinha de sua alma, que voou atrevida por esse mar immenso da imaginação. Então começou a crear mil sublimes quadros, e em todos elles lá apparecia a encantadora Moreninha, toda cheia de encantos e graças; viu-a com seu vestido branco esperando-o de cima do rochedo; viu-a chorar por vêr que elle não chegava, e suas lagrimas queimavam-lhe o coração; ouviu-a accusal-o de inconstante e ingrato; d'ahi a pouco pareceu-lhe que ella soluçava; escutou um grito de dôr semelhante a esse que soltára no primeiro dia que elle tinha passado na ilha! Aqui foi o nosso estudante ás nuvens, saltou exasperado fóra do leito em que se achava deitado, passeou a largos passos por seu quarto, accusou a crueldade dos pais, experimentou se podia arrombar a porta, fez mil planos de fuga, esbraveou, escabellou-se, e como nada d'isto lhe valesse, atirou com todos os seus livros para baixo da cama, e deitou-se de novo jurando que não havia de estudar dois mezes. Carrancudo e teimoso, mandou voltar o almoço, o jantar e a ceia, que lhe trouxeram, sem tocar n'um só prato; e sentindo que seu pai abria a porta do quarto, sem duvida para vir consolal-o, e dar-lhe salutaes conselhos, voltou o rosto para a parede, e principiou a roncar como um endemoninhado.

—Já dormes, Augusto? perguntou, abrindo as cortinas do leito.

A unica resposta que obteve foi um ronco, que mais assemelhava-se a um trovão. O experimentado velho fingiu ter-se deixado enganar, e retirando-se trancou a porta ao pobre estudante.

Uma noite de amargor foi então a que se passou para este: na solidão e silencio das trevas, a alma do homem que padece é, mais que nunca, toda de sua dôr; concentra-se, mergulha-se inteira em seu soffrimento; não concebe,

não pensa, não vela, e não se exalta senão por elle. Isto aconteceu a Augusto; de modo que, ao abrir-se na manhã seguinte a porta do quarto, o pae veio encontral-o ainda acordado, com os olhos em fogo, e o rosto mais enrubecido que de ordinario. Augusto quiz dar dois passos, e foi preciso que os braços paternaes o sustivessem para livral-o de cair.

—Que fizeste, louco? (perguntou o pae cuidadoso).

—Nada, meu pae; passei uma noite em claro: mas... eu não soffro nada.

Oh! elle queria dizer que soffria muito! Immediatamente foi-se chamar um medico, que, contra o costume da classe, fez-se esperar pouco. Augusto sujeitou-se com brandura ao exame necessario, e quando o medico lhe perguntou:

—O que sente?

Elle respondeu, com toda fria segurança do homem determinado: —Eu amo.

—E mais nada?...

—Oh, sr. Doutor, julga isso pouco?...

E além d'essas palavras, não quiz pronunciar mais uma unica sobre o seu estado. E comtudo elle estava em violenta exacerbação. O medico deu por terminada a sua visita: algumas applicações se fizeram, e um dos collegas de Augusto, que o tinha vindo procurar, fez-lhe o que chamou uma bella sangria de braço.

A enfermidade de Augusto não cedeu porém com tanta facilidade, como a principio suppoz o medico. Tres dias se passaram sem conseguir-se a mais insignificante melhora; uma mudança apenas se operou: a exacerbação foi seguida de um abatimento e prostração de forças notavel. Sua paixão, que tambem se desenhava no ardor dos olhares, na viveza das expressões, e na audacia dos pensamentos tomou outro typo: Augusto tornou-se pallido, sombrio e melancolico; horas inteiras se passavam sem que uma só palavra fosse apenas murmurada por seus labios; prolongadas insomnias eram marcadas minuto a minuto por dolorosos gemidos, e seus olhos amortecidos como que obsequiavam a luz quando por acaso se entreabriam. Na visita do quarto dia o medico disse ao pai de Augusto:

—Não vamos bem.

Uma idéa terrível appareceu então no pensamento do sensível velho: — a possibilidade de morrer seu filho, a flôr de suas esperanças —; e tal idéa derramou em seu coração todo esse fel, cujo amargor só pôde sentir a alma de um pai. Entrou apressado e trémulo no quarto do enfermo, e vendo-o prostrado no leito, como insensível, como meio morto, exclamou com lagrimas nos olhos:

— Oh, meu filho! meu filho! porque me queres matar?

Um brando favonio de vida passou pelo rosto de Augusto; seus olhos se abriram, um leve sorriso de gratidão lhe alisou os labios; tambem duas lagrimas ficaram penduradas em suas palpebras, e elle, tomando e beijando a mão paterna, murmurou com voz sumida e terna:

— Meu pai... tão bom!...

Doces phrases, que retumbaram com mais doçura ainda no coração do velho!

— Querido louco! (disse elle) tu me obrigas a fazer loucuras!

E saíu do quarto, e logo depois de casa; mas, voltando passadas algumas horas, entrou de novo na camara dó doente, fez retirar todas as pessoas que ahi se achavam, e ficando só com elle, deu-lhe provavelmente algum elixir tão admiravel, que as melhoras começaram a apparecer, como por encantamento, no mesmo instante. Que milagres não será capaz de fazer o amor dos pais!... Novidades do mesmo genero perturbavam a paz e os prazeres da ilha de... D. Carolina tambem padecia. Os nossos amantes acabavam de chegar ao sentimental, e com seu sentimentalismo estavam azeitando a vida dos que lhes queriam bem. Os namorados são semelhantes ás crianças: primeiro divertem-nos com suas momices, depois incommodam-nos choramigando.

A bella Moreninha tinha visto romper a aurora do domingo no rochedo da gruta, e tendo debalde esperado o seu estudante até alto dia, voltou para casa arrufada. No almoço não houve prato que não accusasse de mal temperado; faltava-lhe o tempero do amor; o chá não se podia tomar; o dia estava frio de enregelar, toda a gente de sua casa a olhava com máus olhos; seu proprio irmão tinha um defeito imperdoavel, era estudante, pertencia a uma classe cujos membros eram, sem excepção, sem excepção nenhu-

ma (bradava ella, lindamente enraivecida), falsos, maus, mentirosos, e até... feios. A' tarde sentiu-se incommodada, retirou-se, não ceou, e não dormiu. Tudo n'este mundo é mais ou menos compensado: o amor não podia deixar de fazer parte da regra; elle, que de um nadasinho tira motivos para o prazer de dias inteiros, que de uma flôr já murcha engendra o mais vivo contentamento; que por um só cabello faz escarceus taes, que nem mesmo a sorte grande os causaria; que por uma cartinha de cinco linhas põe os labios de um pobre amante em inflammação aguda com o estalar de tantos beijos; se não produzisse tambem agastados arrufos, ás vezes algumas colicas, outras amargores de bocca, palpitações, ataques de hypocondria, prurido de canellas, etc., seria tão completa a felicidade cá em baixo, que a terra chegaria a lembrar-se de ser competidora do Céu.

Um exemplo d'essa regra está sendo a nossa cara menina. Coitadinha! vai passando uma semana de ciumes e amarguras; acordando-se ao primeiro trinar do canario, ella busca o rochedo, e, com os olhos embebidos no mar, canta muitas vezes a ballada de Ahy, repetindo com fogo a estrophe que tanto lhe condiz, por principiar assim:

Eu tenho quinze annos,
E sou morena e linda.

E quando o sol começa a fazer-se quente, deixa o rochedo, para passar o dia inteiro no fundo do seu gabinete, ou ao lado de sua boa avó, que mal pôde consolal-a; porque, conhecendo já a causa da tristeza da querida neta, teme vê-la fugir vermelha de pejo, se não fingir com finura que ignora o estado de seu coração.

O dia de sexta-feira trouxe ainda algumas novidades á ilha de... A sr.^a D. Anna recebeu cartas que a tornaram talvez menos triste, mas sem duvida muito pensativa: a presença da linda neta parecia alentar mais essas reflexões, que se prolongaram até á tarde do dia seguinte, em que um velho e particular amigo de sua familia veio da côrte visital-a, e com a respeitavel senhora ficou duas horas conferenciando a sós. Esse homem despediu-se emfim da sr.^a D. Anna, deixando-a cheia de prazer; e no momento, em que saltava dentro do seu batel, vendo a interessante Moreninha, que triste-

mente passeava á borda do mar, saudou-a com esta simples palavra, e apontando para o Céu:

—Esperança!

D. Carolina levantou a cabeça, e viu que já o batel cortava as ondas; mas, como para corresponder a tão animador cumprimento, ella por sua vez apontou tambem para o Ceu, e pondo a outra mão no logar do coração, disse:

—Esperarei.

XXIII

A esmeralda e o camafeu

D. Carolina passou uma noite cheia de pena e cuidados, porém já menos ciumenta e despeitada; a boa avó livrou-a d'esses tormentos. Na hora do chá, fazendo com habilidade e destreza cair a conversação sobre o estudante amado, disse:

—Aquelle interessante moço, Carolina, parece pagar-nos bem a amizade que lhe temos; não entendes assim?...

—Minha avó... eu não sei.

—Dize sempre: pensarás acaso de maneira diversa?

A menina hesitou um instante, e depois respondeu:

—Se elle pagasse bem, teria vindo domingo.

—Eis uma injustiça, Carolina: desde sabbado á noite que Augusto está na cama, prostrado por uma enfermidade cruel.

—Doente?! (exclamou a linda Moreninha extremamente commovida) doente?... em perigo?...

—Graças a Deus, ha dois dias ficou livre d'elle; hoje já pode chegar á janella: assim me mandou dizer Filippe.

—Oh! pobre moço! se não fosse isso teria vindo vêr-nos!

E pois todos os antigos sentimentos de ciume e temor da inconstancia do amante se trocaram por anciosas inquietações a respeito de sua molestia. No dia seguinte, ao amanhecer, a amorosa menina despertou, e buscando o toucador, ha uma semana esquecido, dividiu seus cabellos nas duas costumadas bellas tranças, que tanto gostava de fazer ondear pelas espaduas; vestiu o estimado vestido branco e correu para o rochedo.

—Eu me alinhei (pensava ella) porque enfim... hoje é domingo e talvez... como hontem já póde chegar á janella, consiga com algum esforço vir vêr-me.

E quando o sol começou a reflectir seus raios sobre o liso espelho do mar, ella principiou tambem a cantar sua ballada:

«Eu tenho quinze annos,
E sou morena e linda.»

Mas, como por encantamento, no instante mesmo em que ella dizia no seu canto:

«Lá vem sua piroga
Cortando leve os mares . . .»

um lindo batelão appareceu ao longe, voando com aza entumecida para a ilha. Com força e commoção desusadas bateu o coração a D. Carolina, que calou-se, para só empregar no batel que vinha attentas vistas, cheias de amor e de esperanza. Ah! era o batel suspirado.

Quando o ligeiro barquinho se approximou sufficientemente, a bella Moreninha distinguiu dentro d'elle Augusto, sentado junto de um respeitavel ancião, a quem não poude conhecer; então ella, vendo que chegavam á praia, fingiu não tel-os sentido, e continuou sua ballada:

«Emfim abica á praia,
Emfim salta apressado . . .»

Augusto com effeito saltava n'esse momento fóra do batel; depois deu a mão a seu pai para ajudal-o a desembarcar; e D. Carolina que ainda não mostrava dar fé d'elles, proseguiu seu canto, até que, quando dizia:

«Quando ha de elle correr
Sómente p'ra me ver . . .»

sentiu que Augusto corria para ella. Prazer immenso inundava a alma da menina, para que possa ser descripto: como todos prevêm, a ballada foi n'essa estrophe interrompida, e D. Carolina, acceitando o braço do estudante, desceu do rochedo, e foi cumprimentar o pai d'elle.

Ambos os amantes comprehenderam o que queria dizer a pallidez de seus semblantes, e os vestigios de um padecer de oito dias: guardaram silencio; não tiveram uma palavra para pronunciar; tiveram só olhares para trocar e suspiros a verter; e para que mais?... A sr.^a D. Anna recebeu com sua costumada affabilidade o pai de Augusto, e abraçou-a este com ternura. Ao servir-se o almoço ella lhe perguntou:

— Porque não veiu meu neto?

— Ficou para vir mais tarde com Leopoldo e Fabricio.

— Então teremos um excellente dia.

— Eu o espero.

Uma hora depois, o pai de Augusto e a sr.^a D. Anna conferenciavam a sós; e os dois namorados achavam-se de frente um do outro no vão de uma janella. E elles continuavam no silencio; mas olhavam-se com fogo. Augusto parecia querer communicar alguma cousa bem extraordinaria á sua interessante amada; porém sempre estremecia ao entreabrir os labios. E D. Carolina, conscia já de sua fraqueza, e como lembrando-se dos pezares que tinha soffrido, não sabia mais servir-se de seus sorrisos com a malicia do tempo da liberdade, e mostrava-se esquecida de seu viver de alegrias e travessuras. Alguma grande resolução obrigava o moço a estar silencioso, como tremendo pelo exito d'ella...

No fim de muito tempo elles haviam conseguido dizer-se:

— O mar está bem manso.

— O dia está sereno.

Felizmente para elles, a sr.^a D. Anna os convidou a entrar no gabinete; Augusto para ahi se dirigiu tremendo, D. Carolina curiosa. Quando elles se sentaram, o ancião falou:

— Augusto, eu acabo de obter d'esta respeitavel senhora a honra de te julgar digno de pretenderes a mão de sua linda neta; agora resta que alcances o sim da interessante pessoa que amas. Fala.

Tanto D. Carolina, como o pobre estudante, ficaram côr de nacar; houve bons cinco minutos de silencio: o pai de Augusto instou para que elle falasse, e o bom do rapaz não fez mais que olhar para a moça com ternura, abrir a bocca, e fechal-a de novo sem dizer palavra.

A sr.^a D. Anna tomou então a palavra e disse sorrindo-se:

— Emfim, é necessario que os ajudemos: Carolina, o sr. Augusto te ama, e te quer para sua esposa; tu que dizes?...

Nem palavra. Foi preciso que se repetisse pela terceira vez a pergunta, para que a menina, sem levantar a cabeça, murmurasse apenas:

— Minha avó... eu não sei.

— Pois creio que ninguem melhor do que tu o poderá saber. Desejas que eu responda em teu nome?...

A bella Moreninha pensou um momento, não pôde vencer-se, sorriu-se como se sorria d'antes, e, erguendo a cabeça, disse:

— Eu rogo que d'aqui a meia hora se vá receber a minha resposta na gruta do jardim.

— Quererás consultar a fonte ? Pois bem iremos.

D. Carolina saiu com ar meio acanhado e meio maligno. Passados alguns instantes, a sr.^a D. Anna, como quem estava certa do resultado da meia hora de reflexão, e já por tal podia gracejar com os noivos, disse a Augusto :

— O senhor não quer reflectir tambem no jardim ?

O estudante não esperou segundo conselho, e para logo dirigiu-se á gruta. D. Carolina estava sentada no banco de relva ; seu rosto, sem poder occultar a commoção e o pejo que lhe produzia o objecto de que se tratava, tinha comtudo retomado o antigo verniz do prazer e malicia ; vendo entrar o moço, disse :

— Eu creio que ainda se não passou meia hora.

— Ah ! podia eu esperar tanto tempo ? . . .

— Acaso veio perguntar-me alguma cousa ? . . .

— Não, minha senhora; eu só venho ouvir a minha sentença.

— Então . . . pede-me para sua . . . esposa ? . . .

— A senhora o ouviu ha pouco.

— Pois bem, sr. Augusto ; veja como verificou-se o prognostico que fiz do seu futuro ! Não se lembra que aqui mesmo lhe disse “que não longe estava o dia em que o senhor havia de esquecer “sua mulher ?”

— Mas eu nunca fui casado . . . (murmurou o estudante).

— Oh ! isso é uma recommendação contra a sua constancia !

— E quem tem culpa de tudo, senhora ? . . .

— Muito a tempo ainda me lança em rosto a parte que tenho na sua infidelidade ; pois eu emendarei a mão agora. O senhor ha de cumprir a palavra que deu ha sete annos !

Augusto recuou dois passos.

— O senhor é um moço honrado (continuou a cruel Moreninha) ; e portanto cumprirá a palavra que deu, e só casará com a sua desposada antiga.

— Oh ! . . . agora já é impossivel !!

— Ella deve ser uma bonita moça ! Teria razão de queixar-se contra mim, se eu roubasse um coração que lhe pertence até

por direito de antiguidade; ora eu, apesar de ser travessa, não sou má; e portanto o senhor só será esposo d'essa menina.

— Jámais!

— Juro-lhe que ha de sel-o.

— E quem me poderá obrigar?

— Eu, pedindo.

— A senhora?...

— E a honra, mandando.

— Para que pois animou o amor que pela senhora sinto?

— Para satisfazer a minha vaidade de moça; sómentè para isso. Eu o ouvi gabar-se de que nenhuma mulher seria capaz de conserval-o em amoroso enleio por mais de tres dias, e desejei vingar a injuria feita a meu sexo: trabalhei, confesso que trabalhei para prendel-o; fiz talvez mais do que devia, só para ter a gloria de perguntar-lhe uma vez, como agora o faço: "Então, senhor, quem venceu, o homem ou a mulher?"

— Foi a belleza.

— Porém já passou o tempo do galanteio; e eu devo lembrar-lhe o dever, que com a paixão esquece. Escute: de idade de treze annos, o senhor amou uma linda e travessa menina, que contava apenas sete.

— Já a senhora em outra occasião me disse isso mesmo.

— Junto ao leito de um moribundo jurou que havia de amal-a para sempre.

— Foi um juramento de criança.

— Embora, foi um juramento; trocou com ella ahi mesmo prendas de amor: e quando a menina lhe apresentar a que recebeu e lhe pedir a que lhe offereceu, e o senhor acceitou?

— Ah! senhora!...

— Quando o velho moribundo, dando-lhe o breve de côr branca, disse — "tomai este breve, cuja côr exprime a candura da alma d'aquella menina; elle contém o vosso camafeu: se tendes bastante força para ser constante e amar para sempre aquelle bello anjo, dai-lh'o para que ella o guarde com desvelo," — porque deu o senhor o breve á menina?

— Porque eu era um loucc! uma criança!...

— E nem ao menos se lembra de que o velho disse com voz inspirada. "Deus paga sempre a esmola que se dá ao pobre!... lá no futuro vós o sentireis?" Não tem o senhor

esperança de vêr realizar-se essa bella prophesia? não se lembra de ouvil-a?... Pois ella soou bem docemente no meu coração, quando ás escondidas a escutei repetida n'esta gruta por seus labios.

—Oh! mas porque Deus não me prendeu a essa menina nos laços indissolveis, antes que eu visse o lindo anjo d'esta ilha?

—E como, senhor, posso eu acreditar nos seus protestos de ternura e de constancia, se já o vejo faltar á fé a outra?... Senhor! senhor! o que foi que prometteu ha sete annos passados?!...

—Então eu não pensava no que fazia.

—E agora pensa no que quer fazer?

—Penso que sou um desgraçado, um louco!... penso que é uma barbaridade inqualificavel que, emquanto eu padeco, soffro mil torturas, deixe a senhora brincar nos seus labios o sorriso com que costuma encantar para matar; penso...

— Acabe !

— Penso que devo fugir para sempre d'esta ilha fatal, deixar aquella cidade detestavel; abandonar esta terra de minha patria, onde não posso ser outra vez feliz!... penso que a lembrança do meu passado faz a minha desgraça, que o presente me enlouquece e me mata, que o futuro... Oh! já não haverá futuro para mim! Adeus, senhora!...

— Então parte?...

— E para sempre.

D. Carolina deixou cair uma lagrima, e falou ainda, mas já com voz fraca e trémula :

—Sim, deve partir... vá... talvez encontre aquella a quem jurou amor eterno... Ah! senhor! nunca lhe seja perjuro.

— Se eu a encontrasse!...

— Então?... que faria?...

— Atirar-me-hia a seus pés, abraçar-me-hia com elles, e lhe diria: "Perdoai-me, perdoai-me, senhora; eu já não posso ser vosso esposo! tomai a prenda que me destes..."

E o infeliz amante arrancou debaixo da camisa um breve que convulsivamente apertou na mão.

—O breve verde!... (exclamou D. Carolina) o breve que contém a esmeralda!...

— Eu lhe diria (continuou Augusto) "recebei este breve,

que já não devo conservar ; porque eu amo outra, que não sois vós, que é mais bella e mais cruel do que vós ! . . . »

A scena se estava tornando pathetica ; ambos choravam, e só passados alguns instantes a inexplicavel moreninha poude falar e responder ao triste estudante.

— Oh ! pois bem (disse) ; vá ter com sua antiga desposada, repita-lhe o que acaba de dizer ; e se ella ceder, se perdoar, volte, que eu serei sua . . . esposa.

— Sim . . . eu corro ! Mas, meu Deus, onde poderei achar essa moça, a quem não tornei a vêr, nem poderei conhecer onde, meu Deus ? . . . Onde ? . . .

E tornou a deixar correr o pranto, por um momento suspenso.

— Espere (tornou D. Carolina) ; escute, senhor. Houve um dia quando minha mãe era viva, em que eu tambem soccorri um velho moribundo ; como o senhor e sua camarada, matei a fome de sua familia, e cobri a nudez de seus filhos ; em signal de reconhecimento, tambem esse velho me fez um presente, deu-me uma reliquia milagrosa, que, asseverou-me elle, tem o poder uma vez na vida de quem a possui, de dar o que se deseja : eu cosi essa reliquia dentro de um breve : ainda não lhe pedi cousa alguma, mas trago-a sempre commigo ; eu lh'a cedo . . . tome o breve, des-cosa-o, tire a reliquia, e á mercê d'ella encontre sua antiga amada, obtenha o seu perdão e me terá por esposa.

— Isto tudo me parece um sonho ; (respondeu Augusto) porém dê-me, dê-me esse breve !

A menina com effeito entregou o breve ao estudante que começou a descosel-o precipitadamente. Aquella reliquia, que se dizia milagrosa, era sua ultima esperanza ; e, semelhante ao naufrago que no derradeiro extremo se agarra á mais leve taboa, elle se abraçava com ella. Só falta a derradeira capa do breve . . . eil-a que cede e se descose . . . salta uma pedra . . . e Augusto, entusiasmado e como delirante, cae aos pés de D. Carolina exclamando :

— O meu camafeu ! . . . o meu camafeu ! . . .

A sr.^a D. Anna e o pai de Augusto entram n'esse instante na gruta, e encontram o feliz fervoroso amante de joelhos, e a dar mil beijos nos pés da linda menina, que tambem por sua parte chorava de prazer.

- Que loucura é esta ? (perguntou a sr.^a D. Anna).
- Achei minha mulher !... (bradava Augusto) encontrei minha mulher !... encontrei minha mulher !...
- Que quer dizer isto, Carolina ?...
- Ah ! minha boa avó ! (respondeu a travessa Moreninha ingenuamente) nós eramos conhecidos antigos.

EPILOGO

A chegada de Philippe, Fabricio e Leopoldo veio dar ainda mais viveza ao prazer que reinava na gruta ; o projecto do casamento de Augusto e D. Carolina não podia ser um mysterio para elles, tendo sido, como foi, elaborado por Philippe de accordo com o pai do noivo que fizera a proposta, e com o velho amigo que ainda no dia antecedente viera concluir os ajustes com a sr.^a D. Anna ; e portanto o tempo que se gastaria em explicações passou-se em abraços.

— Muito bem ! muito bem ! (disse por fim Philippe) quem poz o fogo ao pé da polvora fui eu, que obriguei Augusto a vir passar o dia de Sant'Anna conosco.

— Então estás arrependido ?...

— Não, por certo, apesar de me roubares minha irmã. Finalmente para este thesouro sempre teria de haver um ladrão : ainda bem que foste tu que o ganhaste.

— Mas, meu maninho, elle perdeu ganhando...

— Como ?...

— Estamos no dia 20 de Agosto : um mez !

— É verdade !... um mez !... (exclamou Philippe).

— Um mez !... (gritaram Fabricio e Leopoldo).

— Eu não entendo isto ! (disse a sr.^a D. Anna).

— Minha boa avó (accudiu a noiva), isto quer dizer que finalmente está presa a borboleta.

— Minha boa avó (exclamou Philippe), isto quer dizer que Augusto deve-me um romance.

— Já está prompto (respondeu o noivo).

— Como se intitula ?

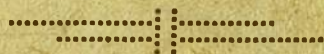
— *A Moreninha.*

FIM

4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100

Obras á venda

na mesma livraria



Romeu e Julieta, por *Reynaldo de Warin*.

Amor de Perdição, por *Camillo C. Branco*.

Paulo e Virginia, por *Bernardin de Saint Pierre*.

A Rosa do Adro, por *Manuel M. Rodrigues*.

A Dama das Camélias, por *A. Dumas* (filho).

A Escrava Isaura, por *Bernardo Guimarães*.

Historia de um Beijo, por *H. Perez Escrich*.

Secretario Completo dos Amantes, por

D. Regina Tavares.

Um Drama d'Amor, por *Xavier de Montépin*.

Tristezas á Beira-Mar, por *M. Pinheiro Chagas*.

Romance de um Moço Pobre, por *Octavio*

Feuillet.

O Vestido de Noivado, por *Alexandre Dumas*.

Os Ladrões da Honra, por *H. Perez Escrich*.

Historia da Prostituição, por *Duchatelet, Taxil*

Flaux, etc.

Livro Completo dos Sonhos, segundo os ka-
balistas mais notaveis da antiguidade.

A Moreninha, por *Joaquim M. de Macedo*.

O Martyrio de um Anjo, por *Alexandre Dumas*.

Historia de Napoleão, por *Henry de Grammont*.

17135

